

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGGEO**

LUÍS FERNANDO BELÉM DA COSTA

**CULTIVADORES DE GUARANÁ: UM ESTUDO DO PROCESSO DE
MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO CAPITAL NO MUNICÍPIO DE
MAUÉS-AM**

**MANAUS-AM
2017**

LUÍS FERNANDO BELÉM DA COSTA

**CULTIVADORES DE GUARANÁ: UM ESTUDO DO PROCESSO DE
MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO CAPITAL NO MUNICÍPIO DE
MAUÉS-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, nível de Mestrado, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Amazônia: Território e Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz

MANAUS-AM

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C837c Costa, Luís Fernando Belém da
Cultivadores de guaraná: um estudo do processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués-AM /Luís Fernando Belém da Costa. 2017
111 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Manuel de Jesus Masulo da Cruz
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Guaraná. 2. Município de Maués. 3. Camponês. 4. Monopolização do território pelo capital. I. Cruz, Manuel de Jesus Masulo da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

DEDICO este trabalho a todos os cultivadores de guaraná do Município de Maués, pessoas simples, acolhedoras e trabalhadoras, que muito me ensinaram sobre a vida. Depois deste trabalho já não sou mais o mesmo, um rico conhecimento faz parte de minha vida, um conhecimento que está para além das questões teóricas, pois se trata de um conhecimento de vida a partir do conhecimento acerca de um modo de vida rico e belo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, essa força poderosa, que sempre me auxiliou em todos os momentos da minha vida, principalmente nos momentos mais difíceis.

Ao prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz, que com sabedoria soube orientar este trabalho. Agradeço pela oportunidade, amizade e confiança depositada em minha capacidade.

À Universidade Federal do Amazonas, instituição de grande valor na Região Amazônica, que possibilita pessoas de origens humildes como eu chegar até aqui, e a CAPES pelo apoio financeiro na realização da pesquisa.

Aos amigos Rildo Oliveira Marques, Túlio Costa de Souza, Luana da Costa Pinto, Dilson Gomes Nascimento e Arenilton Monteiro Serrão, amigos de verdade, com quem caminhei durante toda essa jornada acadêmica, amigos que pude contar em todos os momentos, por isso, para sempre grandes amigos!

A todos os professores do Departamento de Geografia da UEA/Parintins, que sempre nos deram forças para seguir adiante na vida acadêmica. Agradeço especialmente aos professores José Camilo Ramos, Estevan Bartoli, Charlene Muniz e João Bosco. Muito obrigado pelas palavras de incentivo.

Aos professores do Departamento de Geografia da UFAM, especialmente aos que trabalhei nas Disciplinas do Mestrado: Amélia Regina Nogueira, Manuel de Jesus Masulo da Cruz, José Ricardo Batista Nogueira e José Aldemir de Oliveira. Muito obrigado pelo conhecimento.

Ao velho amigo e colega de estudos Kelton Queiroz e sua família, por nos darem moradia durante o ano de 2015 em sua residência.

Aos meus pais Luiz Viana da Costa, Alcenira dos Santos Belém e Iracema Belém da Costa, razões de meu viver, exemplos de minha vida, obrigado pelo apoio em todos os momentos. À vocês todo meu amor e agradecimento!

A minha tia e terceira mãe, Iolanda Costa de Souza, que entre tantas coisas, me ensinou a ler e escrever, obrigado por ter me mostrado um caminho belo e vitorioso, o caminho da Educação.

Ao meu Padrasto e amigo, Luiz Alberto Gomes Pinto, que sempre me tratou como um filho, e por isso, jamais vou esquecer de tudo que já fez por mim até hoje, a você todo meu respeito e consideração.

Aos professores Doutores Antônio Carlos Witkoski e José Ricardo Batista Nogueira pelas contribuições dadas no exame de qualificação.

À dona Maria Graças Luzeiro, secretária do curso de Mestrado, que na sua qualidade humana sempre nos ajudou nas questões burocráticas do PPGGEO.

A Alciney Pimentel, morador da cidade de Maués, que muito me ajudou na escrita desse trabalho ao ceder sua coletânea de livros sobre o Município de Maués e a história do guaraná.

Aos órgãos do IDAM e SEPROR e as Empresas AmBev e Embrapa por nos fornecerem informações essenciais para a realização deste trabalho. Obrigado pela recepção e por disporem de seu tempo para nos ajudar.

Obrigado a todos os moradores de Maués, especialmente aos cultivadores de guaraná da região do Urupadi, pela recepção acolhedora e pelo conhecimento de vida que me transmitiram.

Por fim, obrigado aos muitos conterrâneos de Barreirinha, que sempre torceram por mim, que sempre me incentivaram a seguir nesse caminho. Espero me tornar cada vez mais exemplo para os jovens de minha terra que também almejam trilhar o caminho da educação.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender o processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués-AM a partir da produção comercial do guaraná. Como atividade econômica constatou-se que a comercialização do guaraná é registrada desde o século XVII por meio dos Indígenas Sateré Mawé, os inventores dessa cultura, que nessa época já estabeleciam relações de comércio desse produto com os europeus e posteriormente com os bolivianos e cuiabanos. A partir dos séculos XIX e XX a atividade comercial do guaraná foi sendo incorporada por aqueles que foram fruto da miscigenação forçada entre os colonos portugueses e as mulheres indígenas, ou seja, pelos camponeses, que passaram a predominar no cultivo e na comercialização do guaraná no município de Maués. Com o crescimento das indústrias de bebidas à base de guaraná no início do século XX, as antigas empresas Antártica de São Paulo e Andrade de Manaus passaram nesse período a comercializar o guaraná junto aos camponeses de Maués, e por conta da demanda crescente por matéria prima, a partir de 1964 a empresa de bebidas Antártica instala sua fábrica de extratos do guaraná na cidade de Maués, criando a partir daí uma nova dinâmica social, econômica e espacial nesse município. Em 1999 a então empresa de bebidas Antártica se fundiu com a cervejaria Brahma, resultando na Companhia de Bebidas das Américas-AmBev, uma das maiores empresas de bebidas do mundo atualmente. Na década de 90 Maués registra uma forte crise na produção do guaraná, o que fará com que a AmBev em parceria com a Embrapa passem a difundir o guaraná clonado, que são mudas mais produtivas e resistentes as doenças. Essas mudas melhoradas começaram a ser distribuídas principalmente a partir dos anos 2000, por meio de financiamento junto aos bancos. No município de Maués o guaraná clonado encontrou aceitação e ao mesmo tempo resistência por parte dos camponeses, porém, é uma racionalidade produtiva que aos poucos vem se propagando, onde o maior exemplo dessa difusão é a localidade rural conhecida como Urupadi, onde cerca de 60% dos camponeses trabalham com os clones, o que faz com que eles produzam mais de 60% de toda produção do guaraná do município de Maués. Na parte da comercialização a AmBev usa um sistema de comércio do guaraná por meio de atravessadores, que são financiados pela empresa para comercializar a matéria prima junto aos camponeses, com quem em muitos casos estabelecem relações de integração. A pesquisa permitiu constatar que os camponeses na sua relação com o capital encontram-se cada vez mais dependentes, porém, isso não significa o fim de sua autonomia, apenas uma necessidade de reprodução social e econômica pautada na atividade do guaraná.

Palavras-chave: Guaraná, município de Maués, camponês, monopolização do território pelo capital.

ABSTRACT

The present work aimed to understand the process of monopolization of the territory by the capital in the municipality of Maués-AM from the commercial production of guarana. As an economic activity it was found that the commercialization of guaraná has been registered since the 17th century by the indigenous Sateré Mawé, the inventors of this culture, who at that time already established relations of trade of this product with the Europeans and later with the Bolivians and Cuiabanos. From the nineteenth and twentieth centuries, the commercial activity of guaraná was incorporated by those who were the result of forced miscegenation between the Portuguese settlers and the indigenous women, that is, the peasants, who came to predominate in the cultivation and marketing of guarana in the Municipality of Maués. With the growth of the guarana-based beverage industries in the early 20th century, the former Antarctic companies of São Paulo and Andrade de Manaus spent in this period marketing the guaraná with the peasants of Maués, and because of the increasing demand for raw material, in 1964 the beverage company Antártica installed its Guarana extracts factory in the city of Maués, creating a new social, economic and spatial dynamic in this municipality. In 1999 the then beverage company Antarctica merged with the Brahma brewery, resulting in the Beverage Company of the Americas-AmBev, one of the largest beverage companies in the world today. In the 90's Maués has a strong crisis in the production of guaraná, which will cause AmBev in partnership with Embrapa to begin to spread the cloned guaraná, which are more productive and disease resistant seedlings. These improved seedlings began to be distributed mainly from the 2000s, through financing from the banks. In the municipality of Maués the cloned guaraná found acceptance and at the same time resistance on the part of the peasants, however, is a productive rationality that little by little has been propagating, where the greatest example of this diffusion is the locality known as Urupadi, where about 60 % Of the peasants work with the clones, which causes them to produce more than 60% of all guaraná production in the municipality of Maués. In the part of the commercialization AmBev uses a system of commerce of the guaraná through intermediaries, that are financed by the company to commercialize the raw material next to the peasants, with whom in many cases they establish relations of integration. Research has shown that peasants in their relationship with capital are increasingly dependent, but this does not mean the end of their autonomy, only a need for social and economic reproduction based on the activity of guarana.

Key-words: Guaraná, municipality of Maués, peasant, monopolization of the territory by the capital.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização da sede municipal e do polo rural do Urupadi no município de Maués.....	14
Figura 02: Território ancestral do povo Sateré Mawé.....	22
Figura 03: Comercialização do guaraná do século XVII ao XIX.....	29
Figura 04: Comercialização do guaraná do início a meados do século XX.....	42
Figura 05: Comercialização do guaraná no contexto atual.....	50
Figura 06: Guaraná na forma em bastão.....	53
Figura 07: Guaraná na forma em Rama.....	54
Figura 08: Guaraná na forma em Pó.....	55
Figura 09: Localização da região do Urupadi e área pesquisada.....	61
Figura 10: Guaraná clonado do tipo BRS-Maués.....	65
Figura 11: Comercialização da produção camponesa na sede municipal.....	69
Figura 12: Cultura da mandioca na região do Urupadi.....	71
Figura 13: Cultura da banana na região do Urupadi.....	71
Figura 14: Cultura do abacaxi na região do Urupadi.....	72
Figura 15: Representação da Unidade camponesa.....	74
Figura 16: Divisão de culturas por plantio.....	74
Figura 17: Colheita do guaraná na região do Urupadi.....	79
Figura 18: Descascação manual dos cachos de guaraná.....	81
Figura 19: Descascação na máquina moedora.....	81
Figura 20: Lavação manual do guaraná no tanque d'água.....	82
Figura 21: Lavação manual do guaraná na beira do rio.....	83
Figura 22: Torração do guaraná.....	84
Figura 23: Estoque da produção camponesa.....	85
Figura 24: Embrapa-Maués.....	88
Figura 25: Campo experimental da Embrapa-Maués.....	88
Figura 26: Reportagem da folha de São Paulo sobre a guerra do guaraná.....	93
Figura 27: Fazenda Santa Helena.....	94
Figura 28: Viveiro de guaraná na Fazenda Santa Helena.....	94
Figura 29: Principais agentes envolvidos no cultivo e comércio do guaraná.....	95
Figura 30: Estoque de guaraná em rama comercializado pelos atravessadores.....	99
Figura 31: Comercialização do guaraná em rama em pequenas quantidades.....	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Principais acontecimentos que marcaram a história do guaraná entre os séculos XVII e XIX.....	27
Quadro 02: Imigrantes que se instalaram em Maués a partir do início do século XX.	39
Quadro 03: Principais acontecimentos que marcaram a história do guaraná no início do século XX.	43
Quadro 04: Principais acontecimentos que marcaram a história do guaraná a partir da década de 60.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Principais produtores de guaraná do Amazonas em toneladas.....	47
Tabela 02: Maiores produtores nacionais de guaraná em tonelada.....	48
Tabela 03: Produção em toneladas e preço do guaraná em rama de Maués nos últimos nove anos.	51
Tabela 04: Principais culturas trabalhadas pelos camponeses do Urupadi.....	68

LISTA DE SIGLAS

AmBev: Companhia de Bebidas das Américas

AFEAM: Agência de Fomento do Estado do Amazonas

BASA: Banco da Amazônia S.A

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias

IDAM: Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PEGAR: Projeto de Excelência do Guaraná

PREME- Programa de Regionalização da Merenda Escolar

SEPROR: Secretária de Produção Rural do Amazonas

IG: Indicação Geográfica

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01: A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA PRODUÇÃO COMERCIAL DO GUARANÁ NO MUNICÍPIO DE MAUÉS-AM	20
1.1 O cultivo e a comercialização do guaraná em Maués-AM: uma herança histórica do povo Indígena Sateré Mawé	20
1.2 A comercialização do guaraná e a formação histórica do camponês no médio rio Amazonas/Maués	29
1.3 A comercialização do guaraná no município de Maués a partir da década de 60/Séc. XX	44
CAPÍTULO 02: A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR CAMPONESA NA ATIVIDADE DO GUARANÁ	56
2.1 Do nativo ao clonado: a nova racionalidade produtiva do guaraná em Maués-AM.....	56
2.2 A inserção do guaraná clonado na região do Urupadi	61
2.3 As territorialidades camponesas no uso da terra no processo de produção do guaraná.....	67
CAPÍTULO 03: A REDE COMERCIAL DO GUARANÁ E AS CARACTERÍSTICAS DA MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO CAPITAL NO MUNICÍPIO DE MAUÉS-AM.....	86
3.1 O papel da Embrapa no processo de tecnificação da produção do guaraná no município de Maués-AM	86
3.2 A atuação da AmBev no comércio do guaraná em Maués-AM.....	89
3.3 A comercialização do guaraná e a reprodução camponesa: entre a subordinação e a autonomia	96

INTRODUÇÃO

Nativo da Amazônia, o guaraná (Paullinia Cupana var. Sorbilis) foi uma espécie domesticada há séculos pelo povo Indígena Sateré Mawé na região que atualmente compreende o município de Maués. Assim, são eles os inventores da cultura do guaraná e os primeiros a fazer o processo de beneficiamento e comercialização desse produto, algo registrado desde o período colonial. Essa foi uma atividade que rompeu as barreiras do tempo e que ficou como legado para os não indígenas que atualmente predominam no cultivo do guaraná no município de Maués.

A presente pesquisa teve como objetivo principal compreender o processo de monopolização do território pelo capital no Município de Maués a partir da produção comercial do guaraná. Nessa lógica, a expansão capitalista no campo ocorre de forma contraditória, abrindo espaço para relações não tipicamente capitalistas, como é o caso da atividade do guaraná em Maués, onde o capital representado pela empresa de bebidas AmBev, monopoliza o território, sem, contudo, territorializar-se, pois ao se apropriar do fruto do trabalho camponês (o guaraná) logo estará extraindo a renda da terra, sem que seja necessário recorrer ao trabalho assalariado.

Para a compreensão do processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués o foco principal deste trabalho foi a relação estabelecida entre o capital representado pela Indústria de bebidas AmBev e os camponeses, que também serão chamados de cultivadores de guaraná no decorrer deste trabalho. A área de estudo da pesquisa se concentrou principalmente na sede municipal, onde está instalada a fábrica de extratos da AmBev, e na localidade rural conhecida como Urupadi, pelo motivo deste ser o local de onde provém cerca de 60% de toda produção do guaraná de Maués, e por ter havido nesse local uma forte difusão do guaraná clonado.

A cidade de Maués localiza-se a 267 Km de Manaus em linha reta, estando às margens do Rio Maués Açu, afluente do lado direito do rio Amazonas, enquanto que a região do Urupadi tem como referência principal os rios Urupadi e Paricá, afluentes do rio Maués Açu, ficando distante cerca de 04 horas de viagem por via fluvial da sede municipal. O município de Maués faz limite com os municípios de Boa Vista do Ramos, Barreirinha, Itacoatiara, Apuí, Borba, Nova Olinda do Norte, Jacareacanga-PA, Aveiro-PA e Itaituba-PA (figura 01).

Figura 01: Localização da sede municipal e do polo rural do Urupadi no município de Maués.



Organização: Rildo Marques e Luís Costa, 2016.

Ao longo do tempo o comércio do guaraná no município de Maués passou por diferentes momentos e transformações. Dessa forma, foi preciso compreender como se deram historicamente essas mudanças, para que fosse possível entender a configuração atual dessa importante atividade socioeconômica do município de Maués e da região Amazônica. Assim, lançamos os seguintes questionamentos, que deram a base para a construção deste trabalho: como se constituiu historicamente a produção comercial do guaraná em Maués? De que forma é produzido o guaraná no que concerne o uso da terra? Como ocorre a relação entre os camponeses cultivadores de guaraná e o capital representado pela empresa de bebidas AmBev?

A produção comercial do guaraná no município de Maués é registrada desde o século XVII, período marcado pela exploração das drogas do sertão na Amazônia, na qual o guaraná segundo Faraco (2005) seria uma das especiarias cobiçadas pelos Europeus, que nessa época passaram a comercializá-lo junto aos Indígenas Sateré Mawé, provavelmente na forma de escambo, mercadoria por mercadoria. A partir do século XVIII, período marcado pelo Governo Pombalino, o comércio do guaraná cresceu significativamente, abrindo as fronteiras nacionais e internacionais, pois a partir desse período segundo Monteiro (1965), os Indígenas Sateré Mawé passaram também a comercializar o guaraná com comerciantes provindos da Bolívia e de Cuiabá-Mato Grosso, que venciam todas as dificuldades da distância, indo até Maués para adquirir a pasta do guaraná.

A partir do final do século XVIII, após a consolidação de algumas políticas marcantes no período reformista do Estado Português, na qual tem destaque para a política de incentivo ao cruzamento biológico entre os colonos Portugueses e as mulheres Indígenas, haverá o surgimento de um novo sujeito social, fruto dessa miscigenação forçada, que posteriormente será conhecido como o “caboclo”. Neste momento, portanto, entendemos que nasceram às raízes de um camponês na Amazônia, pois este sujeito, que habitará as várzeas e terra-firmes da região, vai rapidamente exercer importantes atividades com características camponesas, tais como: a agricultura, extrativismo, criação de animais, pesca e caça. Por isso, usaremos neste trabalho o conceito de camponês para entender a realidade dos cultivadores de guaraná.

No município de Maués, sobretudo, a partir do final do século XIX e início do século XX, esse sujeito social fruto da miscigenação forçada entre Europeus e Indígenas, entendido como Camponês devido suas características agrárias, vai passar a predominar cada vez mais no cultivo e na comercialização do guaraná e em outras atividades agrícolas como, por exemplo, no cultivo da mandioca para a produção da farinha, mais uma importante herança indígena. Esse camponês constituído historicamente no Município de Maués, ou mesmo aqueles que virão do nordeste no final do século XIX e início do século XX, sempre irão estabelecer uma relação marcante com a terra, principalmente com as áreas de terra firme, onde se desenvolve o cultivo do guaraná.

O comércio do guaraná em Maués ganha grande impulso a partir do início do século XX, período de crescimento das indústrias de bebidas à base de guaraná,

pois a partir desse momento a fábrica de refrigerante Antártica (hoje Companhia de Bebidas das Américas-AmBev) juntamente com a antiga Fábrica Andrade de Manaus vão iniciar o processo de compra do guaraná junto aos camponeses de Maués. E, devido à demanda crescente por matéria prima, em 1964 a Empresa Paulista Antártica instala sua fábrica de beneficiamento do guaraná nesse município. A partir desse momento ocorrem mudanças significativas, pois a Empresa instalada na cidade de Maués passará a comprar o guaraná diretamente dos camponeses, monopolizando o território, criando uma nova dinâmica econômica, social e espacial.

Até o início da década de 80 Maués ainda predominava como o maior produtor de guaraná do Brasil, produzindo mais de mil toneladas por ano, uma produção que atendia consideravelmente a demanda da então Empresa de Bebidas Antártica. Porém, a partir da década de 90, o município de Maués passa por uma enorme queda na produtividade do guaraná, principalmente devido a desvalorização dos preços e de doenças como a antracnose e o tripés, o que fez com que muitos camponeses abandonassem o cultivo do guaraná. Essa situação de fatores fez com que Maués perdesse o posto de maior produtor de guaraná do País para o Estado da Bahia no final da década de 90.

No dia 1º de julho de 1999 ocorreu a fusão da Companhia Antártica e da Companhia Cervejaria Brama, resultando na Companhia de Bebidas das Américas-AmBev (HOMMA, 2014). Essa empresa se tornou uma das maiores do mundo no ramo da indústria de bebidas, e com isso, o município de Maués passou a não suprir mais sua demanda por matéria prima, fazendo com que a mesma passasse a comprar matéria prima de outros municípios do Amazonas e do Estado da Bahia.

A decadência na produtividade do guaraná em Maués a partir da década de 90 fez com que a AmBev em parceria com a Embrapa passasse a difundir o guaraná clonado, que são mudas mais produtivas e resistentes a doenças. Essas mudas melhoradas passaram a ser distribuídas para os camponeses, sobretudo, a partir dos anos 2000 por meio de financiamentos junto aos Bancos. Daí em diante começa um novo período na história da produção comercial do guaraná em Maués.

Atualmente o município de Maués ainda é o maior produtor de guaraná do Amazonas e o segundo maior produtor do Brasil. Nos últimos anos Maués vem produzindo numa média de 300 toneladas de guaraná por ano, e cerca de 80% dessa produção é apropriada pela AmBev de acordo com fontes do IDAM-Maués. Essa empresa além de se apropriar do guaraná, dita os preços e qualidade do

produto, e induz na mesma medida a difusão da nova racionalidade do guaraná clonado como forma de produtividade imediata.

No que tange a comercialização do guaraná, a AmBev usa um sistema de comércio por meio de atravessadores, que compram o guaraná dos camponeses, estabelecendo com estes em muitos casos uma relação de integração, que inclui o financiamento da produção camponesa, dessa forma, aumentando a dependência dos cultivadores de guaraná perante as forças do capital. Nessas circunstâncias como em outras, o que está em jogo são as estratégias usadas pelo capital para subordinar a produção camponesa aos seus interesses, e todas essas relações fazem parte das características atuais da monopolização do território pelo capital.

Devido as minhas origens, morador da área rural do município de Barreirinha, desde a graduação me interessei pelo campo da Geografia agrária, e pesquisar sobre a produção do guaraná se tornou algo inspirador na minha vida acadêmica. Nosso interesse nessa pesquisa deriva também do fato de haver poucos trabalhos científicos na área de Geografia Agrária sobre essa temática. E, assim, espera-se por meio deste trabalho contribuir para o conhecimento Geográfico acerca dessa atividade secular e tão importante em termos culturais e econômicos para a região Amazônica.

Essa pesquisa pautou-se numa abordagem teórico-empírica, de cunho etnográfico descritivo por meio da observação direta, tendo como área de estudo a cidade de Maués e a localidade rural do Urupadi. Um dos primeiros passos para a realização da pesquisa foi efetuar o levantamento bibliográfico referente à abordagem teórica utilizada, nesse caso, buscando embasamento teórico sobre os conceitos de monopolização do território pelo capital em autores como Oliveira (2007), Martins (1995) e Paulino (2012); bem como sobre o conceito de camponês trabalhado por autores como Chayanov (1974), Shanin (1980), Oliveira (2007), Tavares dos Santos (1985), Harris (2007), Witkoski (2010) e Cruz (2007); além dos conceitos de território e territorialidade em autores como Raffestin (1995) e Sack (1986); e posteriormente, referências bibliográficas sobre a área de estudo e a comercialização do guaraná.

Os primeiros trabalhos de campo foram realizados durante o mês de Agosto de 2015 e Fevereiro de 2016 na cidade de Maués, na ocasião entrevistamos alguns cultivadores de guaraná, que nos relataram a respeito da atividade do guaraná no município de Maués, principais dificuldades e avanços nos últimos anos nessa

atividade econômica, bem como nos deram informações referentes ao papel desempenhado pela AmBev na comercialização do guaraná. Nesse período visitamos e entrevistamos por meio de um roteiro semiestruturado os órgãos de acompanhamento técnico IDAM e SEPROR e as empresa de bebidas AmBev e a Embrapa, que nos forneceram importantes dados sobre a produção do guaraná no Município de Maués.

Os últimos trabalhos de campo foram realizados durante os meses de setembro e novembro de 2016, na ocasião entrevistamos por meio de um roteiro semiestruturado os atravessadores financiados pela AmBev, que compram o guaraná e estabelecem relações de integração junto aos camponeses. E por fim, visitamos e acompanhamos os camponeses em suas propriedades na região do Urupadi durante uma semana no início do mês de novembro/2016; por meio da observação direta, das entrevistas e do convívio no dia a dia, foi possível entender a organização da produção agrícola familiar no processo de produção do guaraná e as estratégias de reprodução camponesa.

Como instrumentos técnicos da pesquisa, utilizamos a câmera fotográfica, gravador de voz, computador, caderneta de anotações, GPS, imagens de satélites, entre outros. Após a realização dos trabalhos de campo foi feita a organização e análise dos dados de acordo com os objetivos propostos da pesquisa, que foram representados em tabelas, quadros, mapas, entrevistas transcritas, etc. o que resultou em uma dissertação estruturada em três capítulos.

Os três capítulos da dissertação estão organizados da seguinte forma: O primeiro capítulo intitulado “A constituição histórica da produção comercial do guaraná no município de Maués-AM” apresenta uma contextualização histórica referente aos primeiros registros do comércio do guaraná na região que atualmente compreende o município de Maués, tendo destaque nesse papel o pioneirismo do povo indígena Sateré Mawé, os inventores da cultura e os primeiros a comercializar o guaraná beneficiado desde o período colonial, época da exploração das drogas do sertão na Amazônia. Também foi abordado o processo de ocupação da região Amazônica, em particular do município de Maués, e com isso, o surgimento dos camponeses, que passarão a predominar no cultivo e comercialização do guaraná, e por fim, encerra-se o capítulo fazendo-se uma explanação referente à comercialização do guaraná em Maués a partir da década de 60, séc. XX até os dias atuais, tendo como destaque nesse período a instalação da Antiga Empresa de

bebidas Antártica (hoje AmBev) no ano de 1964 em Maués, e a difusão do guaraná clonado a partir dos anos 2000.

O segundo capítulo intitulado “A organização da produção agrícola familiar camponesa na atividade do guaraná” discute a respeito das territorialidades camponesas envolvendo a produção do guaraná na localidade rural de Maués conhecida como Urupadi, principalmente a partir da difusão do guaraná clonado nessa região, uma nova racionalidade produtiva que passou a ser difundida a partir dos anos 2000, e que nessa localidade encontrou significativa aceitação entre os camponeses, que se adaptaram as exigências técnicas de cultivo e fizeram da região do Urupadi o polo mais produtor de guaraná do município de Maués atualmente. Nessa região foi feito o acompanhamento junto aos cultivadores de guaraná, onde foi possível entender a organização da produção camponesa, tendo destaque para as formas de uso da terra no processo de produção do guaraná, bem como para as estratégias de reprodução camponesa.

Por fim, o terceiro e último capítulo intitulado “A rede comercial do guaraná e as características da monopolização do território pelo capital” apresenta as características da rede comercial do guaraná no município de Maués, tendo como foco principal a relação entre os camponeses e o capital (AmBev). Para isso, foi necessário levar em consideração a atuação dos diferentes sujeitos sociais e instituições envolvidas nesse processo, como por exemplo, o papel da Embrapa, empresa pioneira na pesquisa com os clones de guaraná, bem como o papel dos atravessadores financiados pela AmBev, que compram o guaraná e estabelecem relações de integração junto aos camponeses, fazendo com que os mesmos estejam cada vez mais subordinados ao capital; subordinação que ainda inclui o fato do guaraná clonado ser conseguido por meio de financiamento junto aos Bancos e ao monopólio da AmBev. Porém, essa condição não significando o fim da autonomia camponesa, mas sim uma estratégia de reprodução social e econômica fundamentada na permanência da atividade camponesa do guaraná.

CAPÍTULO 01: A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA PRODUÇÃO COMERCIAL DO GUARANÁ NO MUNICÍPIO DE MAUÉS-AM

1.1 O cultivo e a comercialização do guaraná em Maués-AM: uma herança histórica do povo Indígena Sateré Mawé

A LENDA DO GUARANÁ

Na aldeia havia um casal de índios que tinha um filho. Neste resumiam-se todas as esperanças e felicidade do casal maué. Ele era bom, bom menino, espalhava o bem em derredor de si. Um dia o espírito do mal resolveu eliminar aquele prodígio da aldeia. Apesar da estreita vigilância exercida pela tribo em torno do curumim, este conseguiu iludi-la. Trepou a uma árvore, a fim de colher frutos. Iurupari transformou-se em cobra e atacou-o. Quando foram atrás do garoto, acharam-no morto, os olhos muito-muito abertos para o céu, com uma expressão de rara felicidade boiando neles. Nesse instante, tremenda descarga elétrica sacudiu a paisagem e um raio caiu nas proximidades, fazendo silenciar as lamentações da tribo, calando as carpideiras. Vai então, a mãe do menino falou, falou, explicando que Tupã manifestara-se, pedindo que enterrassem os olhos da criança. A mãe, porém, não poderia fazê-lo, cabendo essa obrigação a outrem. Ninguém na tribo se atrevia a tomar qualquer iniciativa. Recorreu-se à sorte. Uma vez enterrados os olhos do menino, deles brotou uma planta arbustiva. É por isso que as sementes do guaraná são semelhantes a olhos vivos (MONTEIRO, 1965, p. 73-74).

O guaraná representa o passado e o presente dos moradores de Maués, pois é mais do que um produto econômico, é parte de sua história e cultura. Assim, para se entender a constituição histórica da produção comercial do guaraná no município de Maués é preciso primeiramente resgatar a história, sobretudo, por meio daqueles que deram início a história do guaraná. Dessa forma, é necessário salientar que o cultivo do guaraná converge inicialmente para uma verdadeira territorialidade indígena, pois foram os Sateré Mawé os inventores dessa cultura e os primeiros a comercializar o guaraná beneficiado, que para eles, é muito mais do que um produto econômico, é parte de sua própria história e cultura, afinal, são eles os “filhos do guaraná”.

Lorenz (1992) em sua obra “Sateré-Mawé: os filhos do guaraná” destaca que esse povo indígena é o inventor da cultura do guaraná, pois transformaram uma trepadeira Silvestre em arbusto cultivado e a partir disso fizeram o processo de beneficiamento da espécie, bem como a comercialização desse produto com os europeus no contexto das drogas do sertão. Assim, além de estar no centro das explicações sobre a sua origem e organização social, o guaraná (waranã) fez dos

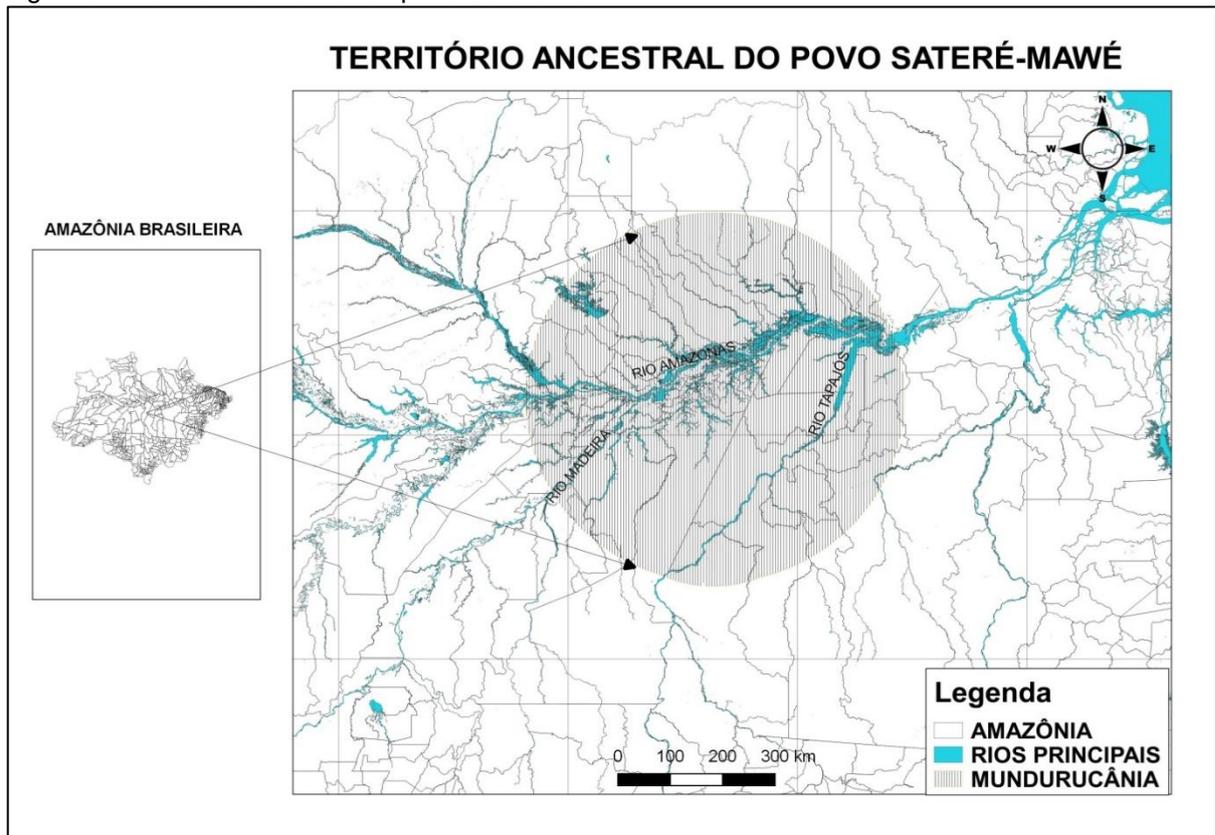
Sateré Mawé o primeiro povo indígena brasileiro na história com um produto próprio, transformado e sistematicamente comercializado, tanto nos tempos coloniais como nos tempos de império. Mais do que uma atividade agrícola, um modo de vida e uma cultura se se mantem ao longo dos séculos, e que persiste ainda hoje na construção da história do povo Sateré Mawé (FIGUEROA, 2016).

O guaranazeiro, encontrado na Amazônia brasileira, é uma planta denominada cientificamente de *Paullinia Cupana*, variedade *Sorbilis*, e pertencente à família vegetal das Sapindáceas. O nome guaraná tem origem do termo indígena “varaná”, que significa “arvore que sobe apoiada em outra”. Ou ainda, de origem indígena da tribo Sateré Mawé a qual deu origem a lenda do guaraná, que se refere ao formato da fruta do guaraná comparando-a com o olho humano, “Waranã”- parecido com os olhos. Encontra-se também o guaraná na Venezuela, região do Rio Orinoco, fronteirando o Rio Negro, e na Colômbia, porém é de espécie diferente (LORENZ, 1992).

Na obra “Os Índios Maués”, Pereira (2003) ressalta que o território do povo indígena Sateré Mawé já fora bem maior do que é atualmente, pois a área geográfica compreendida entre os rios Tapajós, Amazonas e Madeira (figura 02) já compôs um dia o território deste povo, juntamente com seus vizinhos, os Mundurucus, Muras, Apiacás, Parintintin e outros. A partir do contato com o colonizador, o povo Sateré Mawé teve que se reorganizar territorialmente, um processo marcado por lutas, genocídio e resistência.

A concepção de território aqui é entendida de acordo com Raffestin (1993), que na obra “A Geografia do poder” ressalta que a produção do território parte da ação dos diferentes sujeitos, seja o Estado, os indivíduos, além das pequenas ou grandes organizações, sobre um dado espaço. “O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (p. 14). Assim, falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite, mesmo não traçado, mas exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço (RAFFESTIN, 1993). O território, portanto, nesse sentido, pode ser entendido por meio de algumas características básicas, tais como: limite, palco de disputa, uso e poder.

Figura 02: Território ancestral do povo Sateré Mawé.



Fonte das bases cartográficas: IBGE 2010.

Organização: SERRÃO, A. M., COSTA, L. F. B., 2016.

Há séculos o povo Mawé teve nessa região conhecida como Mundurucânia (rio Tapajós, Madeira e Amazonas) seu meio natural, beneficiando-se do imenso território, escolhendo as áreas de terra preta para suas atividades agrícolas, dentre elas, a principal, o cultivo do guaraná, um produto sagrado, usado tanto nos rituais de guerra, como para a religião e nos benefícios à saúde (PEREIRA, 2003). Esse autor refere-se aos Sateré Mawé como Índios Maués, uma de tantas outras denominações dadas a este povo inventor da cultura do guaraná, que também foram chamados de Andirazes, Maoos, Mabué, Manguês, entre outras denominações. Porém, optamos em chamá-los de Sateré Mawé, pois geralmente é como eles se autodenominam.

Uggê (1991) relata que esse povo indígena provavelmente pertence à família linguística Tupi-guarani. O termo Sateré (Lagarta vermelha) é o nome do clã dos antigos e quanto ao termo Mawé (papagaio falante) é o nome mais comum de um dos grupos tribais que conseguiram sobreviver à extinção das numerosas tribos indígenas da ilha Tupinambarana do “Baixo Amazonas”.

À medida que a Amazônia e naturalmente o território Sateré Mawé foi sendo conquistado pelos europeus, este e outros povos que foram sobrevivendo ao avanço do colonizador não tiveram outra opção senão se reorganizar territorialmente, como fica claro na exposição de Pereira (2003, p. 22).

Povo de índole sedentária, a proporção que se foi ampliando a conquista da Amazônia, também ele se foi conflitandando nos limites atuais de seu território, retirando-se das margens do Tapajós para as florestas das cabeceiras dos Mariacauã, Andirá, Araticum, Maué-Açu, Maué-Mirim, Abacaxis, Canumã e os Pararás do Ramos e do Uraria.

Fica evidente que no processo de ocupação territorial pelo colonizador as relações que se estabeleceram com quem antes detinha o monopólio do território foram conflituosas, pois os interesses eram contraditórios, de um lado os nativos, que tinham no território seu meio de vida, mais do que isso, tinham uma relação de pertencimento com a natureza, pois a terra, o rio e a floresta eram parte de sua vida. Por outro lado, o colonizador tinha no território perspectiva da cobiça, nesse caso, importava a exploração das riquezas naturais, a ocupação do território e a imposição da “civilização” aos nativos por meios militares e religiosos.

Sem dúvida, o processo de ocupação do que hoje é a Amazônia foi também um processo de imposição cultural, e não somente de exploração dos recursos naturais, pois à medida que o avanço do colonizador se intensificava, instantaneamente, o genocídio dos povos nativos também aumentava, e com eles, línguas, religiões e culturas deixavam de existir. Nesse contexto, o povo Sateré Mawé, também conhecidos como “os filhos do guaraná”, por meio de lutas e fugas, encontrou, sobretudo, nas cabeceiras dos rios Andirá e Marau um “pedaço de território” que lhe assegurou a resistência e a existência.

Na obra “Memória dos brasileiros: Saberes e fazeres: o guaraná de Maués” Almeida (2007) aponta que com a chegada dos brancos em busca de guaraná e borracha na região que hoje compreende o município de Maués, principalmente a partir do século XVIII, foram formando-se povoados, que mais tarde se transformariam em cidades, como por exemplo, a própria cidade de Maués-AM. No caso específico de Maués, essa “invasão de território” acabou obrigando as aldeias a migrar do centro da floresta para as cabeceiras dos rios.

Atualmente o povo Sateré Mawé concentra-se principalmente nos municípios de Maués e Barreirinha, respectivamente nos rios Marau e Andirá. Este local é

considerado oficialmente reserva indígena desde 1982, quando é concretizada a demarcação do território, e homologada em 06/08/1986 pelo decreto nº 93069/86. O território indígena Andirá/Marau ocupa área de 788.528 há, distribuída entre os municípios de Maués, Parintins e Barreirinha no Estado do Amazonas e no Estado do Pará pelos municípios de Itaituba e Aveiro (FREITAS, 2015).

Lorenz (1992) ressalta que o guaraná é nativo da floresta da macro - região hidrográfica delimitada pelos rios Madeira, Tapajós, Amazonas e pelas cabeceiras do rio Marau e Andirá. Essa região coincide com o território ancestral dos Sateré Mawé, e a herança mais significativa desses indígenas para o município de Maués foi a “descoberta” do guaraná e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo a partir de seu cultivo. Essas informações foram importantes para novas técnicas serem desenvolvidas e adaptadas por alguns descendentes dos Sateré Mawé ou, mais fortemente, pelos brancos que passaram a plantar guaraná na região.

No modo tradicional dos Sateré o cultivo do guaraná se inicia entre os meses de novembro e dezembro, quando começa o tempo das chuvas, com o preparo das mudas, chamados de filhos do guaraná, que são recolhidos na mata, tendo como locais escolhidos para a plantação as terras pretas e altas, geralmente locais de terra firme. No processo de beneficiamento do guaraná envolve diferentes etapas, tais como: colheita dos cachos, descasca das sementes, lavagem das mesmas, torrefação, descasca dos grãos torrados, pilação, modelagem dos pães e defumação (LORENZ, op.cit.) O resultado desse processo é conhecido como o guaraná em Bastão¹.

O guaraná na forma de bastão é ralado numa cuia, geralmente com escama de Pirarucu (*Arapaima gigas*) ou numa pedra (rocha) e misturado com água, dando origem a celebre bebida conhecida como çapó. Almeida (2007) faz referência ao uso desta bebida pelos indígenas Sateré Mawé:

A bebida à base de guaraná consumida pelos sateré-mawé, denominada çapó, é sempre preparada pela mulher do anfitrião. Ela enche a cuia até um quarto do seu volume total e rala o bastão na língua do pirarucu ou em uma pedra lisa de basalto. Oferece a bebida primeiro ao marido e depois a passa a todos os presentes, de acordo com a proximidade. Mesmo sem vontade, os visitantes não devem recusar, bebendo ao menos um pequeno gole. Ninguém deve acabar com a mistura, mas bebê-la em goles mínimos até

¹ Bastão: Depois que o guaraná é torrado, retira-se a casca do grão, para que seja triturado e pilado. Posteriormente, mistura-se com água para formar uma pasta consistente, que será moldada em formato de bastão. Passando em seguida pelo processo de defumação até que fique no formato ideal para uso (UGGÊ, 1991).

² Depoimento extraído da obra “Memória dos brasileiros: saberes e fazeres: o guaraná de Maués” de

que a cuia chegue de volta às mãos do anfitrião. Ele a devolve para sua esposa, que continua ralando o guaraná para preparar nova rodada de çapó (ALMEIDA, 2007, p. 12).

A bebida denominada pelos inventores do guaraná de çapo tem um significado simbólico, serve tanto como bebida energética usada para os dias de trabalho, na caça, na pesca, bem como nos rituais de guerra, na religião e na cura de certas doenças (PEREIRA, 2003).

A primeira descrição do guaraná data de 1669, época em que foi feito o primeiro contato sistemático dos Sateré Mawé com os europeus, por meio da instalação de aldeamentos jesuíticos na região que hoje compreende o município de Maués (ALMEIDA, 2007).

Tem os andirazes em seus matos uma frutinha que chamam guaraná, a qual secam e depois pisam, fazendo dela umas bolas, que estimam como os brancos a seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando, e em uma cuia de água bebida, dá tão grandes forças, que indo os índios à caça, um dia até o outro não têm fome, além do que faz urinar, tira febres e dores de cabeça e câimbras”, relatou o Padre João Felipe Betendorf (Almeida, 2007,p.13).

A referência aos Andirazes feita pelo padre Jesuíta João Felipe Betendorf se refere aos Sateré Mawé, que nessa época (1669) já faziam uso das propriedades do guaraná, um produto alvo dos europeus no contexto das “drogas do sertão” (Século XVII e XVIII) segundo Faraco (2006, p.14).

As expedições punitivas que os lusos organizaram contra esses lavradores pacíficos, mas ativos, laboriosos, mas determinados, teriam sido impostas por sua insubordinação contra as autoridades civis lusas, contra os traficantes cúpidos, na busca das drogas, das especiarias dos sertões Amazônicos, dentre os quais o guaraná seria a mais cobiçada.

Para o autor os europeus no período marcado pela exploração das drogas do sertão na Amazônia também tiveram interesse pelo guaraná, que a partir da descoberta de suas propriedades passou a ser cobiçado e conseqüentemente exportado para o mercado europeu. Apesar de haver poucos detalhes nas literaturas sobre a forma como eram realizadas essas relações comerciais entre os europeus e os Sateré Mawé, acredita-se que os europeus se interessavam, sobretudo, pelo guaraná beneficiado, ou seja, na forma de bastão, que devia ser comercializado na

forma de escambo, mercadoria por mercadoria. Essa forma deve ter predominado até pelo menos ao final do século XIX.

Assim, fica evidenciado que o comércio do guaraná é registrado desde o século XVII, tendo na “região” que hoje compreende o município de Maués o berço do cultivo e da comercialização da espécie, numa época que coincide com a exploração das drogas do sertão na Amazônia, que, diga-se de passagem, foi um período marcado pela exploração do trabalho e do saber indígena como aponta Gonçalves (2010, p.81)

Começa o devassamento da floresta em busca das especiarias (drogas do sertão) destinadas ao mercado europeu. A riqueza da fauna e da flora, das florestas e dos rios dá ensejo a um diversificado sistema de caça, coleta e pesca capturado pela (e para a) administração colonial e pelas (e para as) ordens religiosas [...] os índios começam a ser destribalizados e aldeados. Começa a mudar a organização do espaço: os índios são “descidos” para os aldeamentos missionários ou fogem para os altos rios, geralmente acima das cachoeiras, onde podem continuar livres.

Os indígenas foram os que exerceram o papel de trabalhadores a serviço da coroa portuguesa, mais diretamente a serviço dos missionários, no período de exploração das drogas do sertão (século XVII e XVIII), pois eram encarregados de encontrar as especiarias (cacau, baunilha, cravo, ovos de tartaruga, etc.) que eram destinadas ao mercado europeu.

Homma (2014) na obra “Extratativismo vegetal na Amazônia: história, ecologia, economia e domesticação” fornece importante contribuição ao fazer uma análise cronológica dos principais eventos que marcaram a história do guaraná da Amazônia/Maués. Para fins didáticos sintetizamos os principais acontecimentos da história do guaraná nesse primeiro momento no quadro 01, organizado a partir da obra do referido autor.

QUADRO 01: PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO GUARANÁ ENTRE OS SÉCULOS XVII E XIX.

Ano	Século	Acontecimentos
1669	XVII	Missionário João Filipe Betendorf na sua Crônica relata que os índios Andirás utilizavam o guaraná como “planta milagrosa” “tem os andirazes em seus matos uma frutinha a qual secam e depois pisam, fazendo delas umas bolas que estimam como os brancos o seu ouro. Chama-se guaraná. Desfeitas com uma pedrinha em uma cuia d’água dão tanta força como bebida que indo à caça um dia até outro não sentem fome, além do que tiram febres, câibras e dores de cabeça”.
1762	XVIII	O Frei João de São José de Queiróz no relatório Viagem e visita do sertão em o bispado do Grão-Pará em 1762 e 1763 comentava sobre as excelências do guaraná na medicina.
1775	XVIII	O ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio escrevia “os maués são famosos pela fabricação da célebre bebida guaraná, frigidíssima, que já se usa na Europa, em que se tem conhecido algumas virtudes no seu uso...”.
1785	XVIII	O baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (1756–1815), geógrafo, zoólogo e botânico, descreveu o uso do guaraná em Barcelos e denominou de Franzinia, em homenagem ao seu professor de matemática de Coimbra.
1800	XIX	Alexandre von Humboldt (1769–1859), quando procurava a passagem do Rio Orinoco com o Rio Negro, identificou o guaranazeiro como sendo cupana, daí a denominação, mais tarde, de Paullinia cupana H.B. Kunth.
1818-1820	XIX	O lado místico do guaraná impressionou von Martius na sua viagem pela Amazônia, quando batizou o guaranazeiro como Paullinia sorbilis, utilizada pelos índios Maués e Andirás, na forma de bastão e ralado na língua do pirarucu. O nome Paullinia foi colocado em homenagem ao médico e botânico alemão C.F. Paullinia, que morreu em 1712.
1852	XIX	Exportação de 262 arrobas para a Europa.
1865	XIX	No dia 23 de abril, chegou ao Rio de Janeiro o suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807–1873), cheiando a hayer Expedition, financiada pelo milionário americano Nathaniel hayer, para estudara fauna ictiológica da Bacia Amazônica, percorrendo o Rio Amazonas em todo o seu curso, visitando Tabatinga, Tefé, Manaus e retornando a Belém. Na visita a Maués toma conhecimento do guaraná.

Fonte: Homma (2014).

Organização: Costa, L. F. B., 2016.

É importante mencionar que nesse primeiro momento (do século XVII ao XIX) o destaque é para o guaraná produzido e comercializado pelos indígenas Sateré Mawé, ainda que certamente esse comércio já fosse realizado também por não indígenas. De acordo com as informações do quadro acima, é possível afirmar que o

comércio do guaraná se intensifica a partir do século XVIII, sobretudo, inicialmente por meio das exportações para o mercado europeu.

Por outro lado, apesar deste momento inicial ser marcado pela exportação do guaraná para o mercado europeu, os inventores da cultura a partir do século XVIII também passaram a comercializar o guaraná com outros mercados. É o que aponta Monteiro (1965) em sua obra intitulada “Antropogeografia do guaraná”.

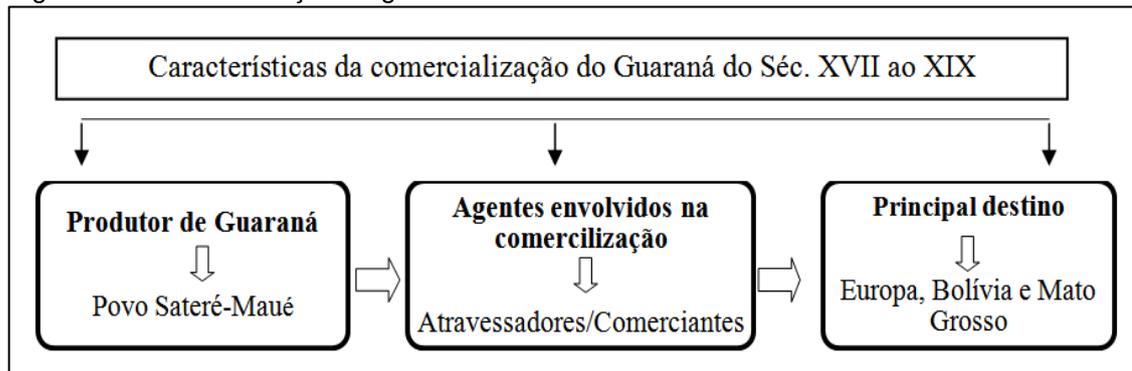
Todavia, essas qualidades, que foram decantadas e exageradas ao superlativo por alguns escritores, eram conhecidas muito antes de 1775, pois, anteriormente, já os índios Maués já mantinham ativo comércio com os cuiabanos, e a massa ou pasta do guaraná era exportada inclusive para a Europa (MONTEIRO, 1965, p.37).

Nos dizeres do autor uma informação importante, principalmente no sentido de esclarecer que durante e até antes de 1775 (século XVIII) a comercialização do guaraná entre os Sateré Mawé e os cuiabanos de Mato Grosso já era realizada. Segundo ele, os negociantes de Cuiabá venciam todas as dificuldades impostas pela distância, a fim de adquirirem o guaraná do município de Maués. O autor ainda assinala que

Diz o Dr. Ferreira a respeito do assunto: “cada ano descem pelo Madeira mercadores da Bolívia e Mato Grosso dirigindo-se a Serpa e Vila Bela da Imperatriz, para onde trazem seus gêneros de exportação e donde recebem os de importação. Daí antes de regressarem vão a Maués, donde levam mil arrobas de guaraná, regressando então em úbas, carregadas daqueles e deste último gênero, que eles vão vender nos departamentos de Beni, Santa Cruz de La Sierra e Cochabamba na Bolívia e nas povoações do Guaporé e seus afluentes” (MONTEIRO, 1965, p. 37).

Sendo assim, além da comercialização interna, é possível constatar que desde o início o comércio do guaraná teve uma relação com o capital internacional, tanto com a Europa como com a Bolívia (figura 03). Tais informações fazem parte de um contexto que perdurou principalmente durante os séculos XVIII e XIX, e mostra o quanto antiga é a comercialização do guaraná no município de Maués-AM.

Figura 03: Comercialização do guaraná do século XVII ao XIX.



Organização: Costa, L. F. B., 2016.

Apesar de ser um produto bastante antigo, tanto para o consumo como para a comercialização, o guaraná segundo Monteiro (1965) somente entra na pauta de exportação em 1857, na qual as estatísticas de exportação desse produto são registradas em Manaus, apesar de não haver um consenso sobre a real porcentagem exportada.

Por fim, pode-se afirmar que nesse primeiro momento, os filhos do guaraná se sobressaíram, tanto no cultivo e beneficiamento enquanto inventores da cultura, como os primeiros a comercializá-lo. Antes do contato com o colonizador o povo Sateré Mawé já fazia uso do guaraná, já conhecia suas propriedades e seu valor, pois para eles o guaraná tem um valor simbólico, é parte de sua história e cultura. Portanto, era necessário fazer nesse primeiro momento um resgate destacando a importância do povo Sateré Mawé na produção do guaraná, visto que se tornou uma herança para o produtor não indígena (camponês) de Maués-AM.

1.2 A comercialização do guaraná e a formação histórica do camponês no médio rio Amazonas/Maués

O cultivo do guaraná bem como sua comercialização teve como berço o município de Maués-AM, que historicamente ficou conhecida como a terra do guaraná. Inicialmente, como já citado anteriormente, os indígenas Sateré Mawé, além de inventores, por terem domesticado a espécie, foram também quem iniciaram o processo de comercialização, num primeiro momento com os europeus, e posteriormente com os cuiabanos de Mato Grosso e a Bolívia. Porém, a partir do século XVIII, começa a surgir em Maués um novo sujeito social, marcado pela mistura biológica e cultural do “branco” com o indígena. Neste momento, portanto,

entendemos que começa a haver a formação de um novo produtor de guaraná a quem neste trabalho denominamos como camponês, mas que também chamaremos de cultivador de guaraná.

A partir da consolidação desse camponês no município de Maués, quem vai predominar cada vez mais no cultivo e na comercialização do guaraná não serão mais os indígenas, ainda que estes continuem nessa atividade, mas sim esses camponeses cultivadores de guaraná. Portanto, o conceito de camponês é usado neste trabalho como suporte para entender a realidade dos produtores de guaraná não indígenas de Maués.

O camponês é fruto das condições históricas determinadas pelo modo capitalista de produção, ou seja, é uma criação do próprio capital, que ao se expandir no campo, expande também suas contradições, que lhe são inerentes. Assim, os camponeses ao invés de desaparecerem, acabam se reproduzindo (OLIVEIRA, 2007).

Ao se discutir o conceito de camponês é imprescindível citar o nome de Chayanov (1974), um dos primeiros teóricos da questão agrária a acreditar que o campesinato enquanto modo de vida tenderia a não desaparecer diante do capitalismo, mas sim a se reproduzir enquanto parte do sistema capitalista, mesmo tendo uma lógica própria, na qual não é o lucro que move sua economia, mas sim a satisfação das suas necessidades básicas, desse modo, sendo o núcleo principal de sua teoria o balanço existente entre o consumo familiar e a exploração da força de trabalho (ARCHETTI, 2014). Assim, na lógica camponesa de produção uma parte da produção agrícola entra no consumo direto do produtor, do camponês, como meio de subsistência imediata, e a outra parte, o excedente, sob a forma de mercadoria, é comercializada (OLIVEIRA, 2007).

Dessa forma, os autores fazem referência à produção camponesa enquanto produção simples de mercadoria, em que os camponeses aparecem como produtores e ao mesmo tempo consumidores de mercadoria (M-D-M) numa lógica de subordinação ao capital, mesmo mantendo-se enquanto trabalhadores não tipicamente capitalistas.

[...] o processo de trabalho camponês apresenta uma racionalidade específica. Ainda mais, que é um processo de trabalho não especificamente capitalista pois nele não se realiza a separação do produtor direto das condições objetivas de produção. Ao mesmo tempo, o processo de trabalho camponês foi gerado historicamente pelo modo de produção capitalista e é reproduzido por este (SANTOS, 1984, p. 132-133).

Na obra “conceituações e desconceituações sobre o conceito de camponês” Shanin (1980, p. 44) afirma que “em qualquer continente, estado ou região, os assim designados diferem em conteúdo de maneira tão rica quanto o próprio mundo”. Assim, é possível constatar que os camponeses têm como uma de suas principais características a heterogeneidade, que vai mudar de acordo com cada realidade específica. No caso de Maués, podemos mencionar a vocação histórica desses camponeses para o cultivo do guaraná.

Os camponeses diferem necessariamente de uma sociedade para outra e, também, dentro de uma mesma sociedade; trata-se do problema de suas características gerais e específicas, os camponeses necessariamente refletem, relacionam-se e interagem com não camponeses; trata-se da questão da autonomia parcial de ser social. O campesinato é um processo e necessariamente parte de uma história social mais ampla; trata-se da questão da extensão da especificidade dos padrões de seu desenvolvimento, das épocas significativas e das rupturas estratégicas que dizem respeito aos camponeses (SHANIN, 1980, p.75).

Para o autor o uso e a generalização do conceito não implicam na homogeneização dos camponeses, pois estes diferem necessariamente de uma sociedade para outra e, também, dentro de uma mesma sociedade. Outra questão importante suscitada é relação do camponês com os não camponeses, ou seja, no entendimento da lógica camponesa é fundamental levar em consideração sua relação com o mercado e as políticas do Estado.

Shanin (1980) enumera alguns elementos característicos dos camponeses, tais como:

a) a propriedade rural familiar como a unidade básica da organização econômica e social; b) a agricultura como a principal fonte de sobrevivência; c) a vida em aldeia e a cultura específica das pequenas comunidades rurais; d) a situação oprimida, isto é, a dominação e exploração dos camponeses por poderosas forças externas (SHANIN, 1980, p.50).

Nos dizeres do autor é possível constatar certas especificidades do campesinato, algo que se observa também quando nos propomos a analisar as

características dos camponeses na Amazônia, que também tem como base o trabalho familiar, a organização geralmente em comunidades rurais, bem como a relação com o mercado (capital), sendo essa última característica imprescindível para compreendê-los no interior do desenvolvimento capitalista no campo (várzea e terra firme), pois como assinala Cruz (2007, p.02).

Para compreender os camponeses-ribeirinhos na várzea amazônica, parte-se do pressuposto de que é necessário observá-los no interior do desenvolvimento capitalista no campo, fundamentado no processo de monopolização do território, na qual o capital contraditoriamente monopoliza o território sem, contudo, territorializar-se. Isto significa que o capitalismo se expande de forma contraditória, ou seja, não expropria os camponeses, porém os transforma e efetua a metamorfose da renda da terra.

Nesse contexto, o camponês que pretendemos analisar tem uma base histórica de consolidação, marcada principalmente pela expansão contraditória do capitalismo na região e pela herança cultural e mesmo biológica dos antigos povos indígenas que dominavam os rios da Amazônia antes da invasão do colonizador. Para Witkoski (2010, p.463).

A riqueza dos conhecimentos práticos acumulados secularmente, articulados com um poderoso capital simbólico influirá, de modo decisivo, no resultado da interação dos conquistadores brancos com os ameríndios, formando, no fluxo desse contato interétnico, os caboclos/ribeirinhos, os camponeses Amazônicos

Essas características são encontradas nos camponeses da área de estudo, que guardam consigo uma forte herança cultural indígena, principalmente dos Sateré Mawé e dos Mundurucus. São camponeses que exercem múltiplas atividades em diferentes ambientes, tanto com o rio, como com a terra e a floresta.

Para Harris (2006), a *flexibilidade* e a *resiliência* (capacidade de adaptação ambiental e acomodação às demandas econômicas externas) apresentam-se como as principais características dos camponeses da Amazônia. Assim, o campesinato amazônico não é uma nova sociedade fruto das pessoas que a viveram, mas das condições externas que a geraram.

Portanto, para o melhor entendimento sobre a formação histórica dos camponeses no médio rio Amazonas, e em Maués em particular, é preciso inicialmente compreender os processos históricos - externos que o deram origem, ou seja, se faz necessário fazer um resgate sobre os principais acontecimentos

históricos que envolveram a ocupação da Amazônia, pois é a partir desse processo que ocorre a mistura biológica e cultural entre o europeu e o indígena, dando origem a formação de um camponês na região.

O processo de ocupação da Amazônia pelos Portugueses é tardio em relação ao restante do Brasil. Começa a se efetivar apenas a partir do século XVII mediante ao avanço de outros povos europeus, como Holandeses, Ingleses e franceses, que já haviam se instalado na região, o que obrigou o governo português a se preocupar e intensificar a campanha de ocupação da Amazônia, primeiramente expulsando os invasores e posteriormente por meio do poder missionário e militar efetivando de fato a posse do território (BECKER, 2013).

Os processos históricos que deram origem as primeiras ocupações na região, sobretudo, as primeiras cidades da Amazônia, foram realidades planejadas, com a construção dos fortes, missões, povoados, que se intensificaram a partir do século XVIII. O projeto colonizador que deu vida a essa realidade sempre foi voltado para a ordem do poder, da conquista por meio da ocupação e da “civilização” imposta pelo colonizador aos povos indígenas (CORRÊA, 2006).

As transformações engendradas no continente europeu a partir do século XV serão fundamentais para o entendimento da ocupação do que hoje é Amazônia. Nesse período a Europa passava por uma série de mudanças de ordem política, econômica, científica e cultural, fruto de ideais iluministas. Para Silva (2004, p. 22).

Política colonial, mercantilismo, absolutismo monárquico, articulados e/ou combinados, realizaram a posse e conduzem o processo de conquista e colonização da Amazônia; transformam seu espaço, suas populações, seus recursos, suas culturas, em patrimônio europeu. Como parte do novo mundo, atribuem-lhe uma função social nova ao inseri-la no jogo político internacional do velho mundo.

Nesse processo, à medida que o avanço do colonizador prosseguia os inúmeros povos indígenas não perdiam somente seus territórios, mas, suas vidas, sua cultura e história. Sem dúvida, para os dominados, o processo de conquista dos seus territórios foi doloroso, principalmente por que sempre houve luta e resistência. Nessa condição, os indígenas foram “aliados, inimigos, vencidos, servos de Deus, escravos particulares e servos do Estado, no percurso da colonização” (SILVA, 2004, p. 88).

É importante destacar que o sucesso da conquista e ocupação da região Amazônica pelo colonizador europeu teve no trabalho e no saber indígena um papel fundamental, pois foram estes que ensinaram o viver nessa região ao colonizador, e este por sua vez, se apropriou dos conhecimentos daqueles que conheciam o território para realizar seus objetivos de poder (OLIVEIRA, 1983). Por isso, os indígenas foram os que exerceram o papel de trabalhadores a serviço da coroa portuguesa, mais diretamente a serviço dos missionários, no período de exploração das drogas do sertão (século XVII e XVIII), pois eram encarregados de encontrar as especiarias que eram destinadas ao mercado europeu.

Os povos indígenas acabaram sendo úteis aos interesses do Estado Português, não somente pelo seu trabalho, mas por seu papel nas políticas de controle do território, o que assegurou aos Portugueses a posse de uma significativa extensão territorial da Amazônia. Esses povos sempre subordinados ao poder do Estado e da religião por meio dos jesuítas, não tiveram outra opção, senão se adequar as condições de dominação ou fugir eternamente para lugares mais longínquos possíveis do controle colonial.

Cabe mencionar que o processo de ocupação e povoamento da região Amazônica, porém, intensifica-se e ganha uma nova configuração política e social partir do governo do Marquês de Pombal (1750-1777), pois é a partir daí que uma série de medidas políticas são tomadas como forma de efetivar completamente o domínio do Estado Português sobre a região, tendo destaque o incentivo a miscigenação entre brancos e indígenas.

Visando implementar a economia e nacionalizar a estrutura comercial da colônia para fortalecer o Estado Português, o Marquês suspendeu o poder dos missionários, promoveu a miscigenação com os índios, intensificou o comércio mediante a criação da companhia geral do Grão-Pará e Maranhão (1775-1778) e criou Vilas (BECKER, 2013, p. 29).

Como mencionado pela autora, uma das políticas marcantes do governo Pombalino é o incentivo aos casamentos entre brancos e índios, entretanto, para essa política se consolidar a coroa portuguesa oferecia uma série de vantagens, como doações de terras, armas, instrumentos agrícolas, etc, para os colonos que se casassem com uma mulher indígena, essa medida foi tomada para incentivar a imigração de colonos portugueses para ocupar definitivamente a região amazônica (CRUZ, 2007). Além disso, o período pombalino ficou marcado pela expulsão dos

jesuítas da Amazônia, bem como pela criação do diretório dos índios, uma política que transformou radicalmente o modo de vida dos povos nativos.

O período reformista do Estado português, que vai do século XVIII ao século XIX, realiza, na Amazônia, um processo que consolida a ocupação, regula o povoamento, incentiva a produção agrícola, ensaia a industrialização, investiga a potencialidade dos recursos da área e sintetiza a experiência do domínio colonial sobre o espaço, a organização e a vida das populações amazônicas (SILVA, 2004, p. 94).

Portanto, os camponeses-ribeirinhos que habitam as margens dos rios amazônicos tiveram sua formação consolidada entre os séculos XVIII e XIX, por meio da mistura entre os brancos e índios. E quando a procura pela borracha se intensificou a partir de meados do século XIX já estava constituído na Amazônia um campesinato. E, à medida que os negócios com a borracha se expandiam, esse campesinato ia dedicando-se cada vez mais a essa nova atividade econômica, porém, sem deixar de praticar a pesca, a caça, a agricultura, a criação, e outras atividades ligadas ao seu ambiente (CRUZ, 2007).

Pode-se, portanto, afirmar que o processo de consolidação do camponês no médio rio Amazonas pode ser analisado a partir de diferentes fatores condicionantes, tais como: a política Pombalina (século XVIII), que instaurou a miscigenação entre brancos e índios, e posteriormente a partir da chegada dos nordestinos entre o final do século XIX e início do século XX, impulsionados pelo início da exploração da borracha na Amazônia e pelas secas nordestinas. E no caso mais específico da formação do camponês em Maués não é muito diferente, apesar de algumas peculiaridades como discutiremos mais à frente.

A contextualização sobre a formação do camponês em Maués é fundamental para o entendimento da realidade dos camponeses cultivadores de guaraná. Nesse sentido, cabem alguns questionamentos, tais como: Como e quando se estabeleceu o primeiro contato dos europeus com os nativos da “região” que hoje compreende Maués? Como se constituiu o camponês nessa região? Como se constituiu o município de Maués? E como se estabeleceram as relações de comercialização do guaraná nesse período? Esses e outros questionamentos são importantes para que possamos entender as características da comercialização do guaraná a partir do surgimento dos camponeses.

Carneiro (2013) na obra “Memórias da cidade de Maués” relata que a constituição do município e em especial da Cidade de Maués insere-se no contexto das primeiras ocupações na Amazônia, sobretudo, a partir da ação inicial dos Jesuítas e posteriormente do Estado Português no período Pombalino (1750-1777). Nesse contexto, a cidade de Maués localizada na região do médio rio Amazonas originou-se no século XVII com a fundação da Missão ou Vila dos Maguases fundada pelos jesuítas portugueses numa aldeia de índios Sateré Mawés, nessa época a região era habitada pelos índios das nações dos Mawés, Mundurucus, Mutayus, Torás, Sapopés e outras.

O Autor relata também que no ano de 1669 se deu a primeira notícia da existência de cinco missões jesuítas na região da Mundurucânia (região entre os rios Madeira, Amazonas e Tapajós) entre elas Maguases (atual Maués). Posteriormente, a missão no Maguases progrediu, e os padres jesuítas construíram uma pequena capela para a catequese dos indígenas agrupados na vila, mas a localidade não era residência missionária permanente, os jesuítas residiam mais nas missões de Abacaxis e Tupinanbarana (atual Parintins).

Em 1759 o Marquês de Pombal determina a expulsão dos religiosos jesuítas da Amazônia, ocorrendo assim a transformação das primitivas missões em vilas do governo. O que não ocorreu com Maguases e as demais missões da região da Mundurucânia. Com a saída dos jesuítas a decadência imperou em Maguases. A região ficou esquecida e os índios catequizados voltaram ao estado de natureza. Várias foram às tentativas de recolonizar a região (CARNEIRO, 2013).

No entanto, o autor argumenta que essa situação se reverteu quando o governador Manoel da Gama Lobo D’Almada assumiu o governo da capitania do Rio Negro, promovendo a pacificação dos indígenas da região de Maués por meios mais suaves, resultando em 1798 na restauração da Vila de Maguases, chamada de Uacituba (que significa Terra grande – Terra fértil), com a fundação da povoação de Nossa Senhora da Conceição de Luséa na margem direita do rio Maués Açu numa antiga aldeia dos Mawés.

Segundo Carneiro (op.cit.) graças ao seu desenvolvimento nos cultivos como o guaraná, café, algodão, tabaco e cacau a primitiva missão mereceu ser elevada a categoria de Vila e Município com nome de Luséa através do decreto provincial do Grão Pará de 25 de junho de 1833, artigo número 28, ficando sob a jurisdição de

seu termo as freguesias de Tupinambarana (Parintins), Araretama (Atual Borba), Canumã e Massauari.

Finalmente em 04 de maio de 1896 por lei estadual 137, a primitiva Vila da Conceição de Maués recebeu a categoria de Cidade de Maués, que significa cidade dos papagaios falante e inteligentes. Ao longo dos três séculos Maués recebeu os nomes de Maguases, Uacituba, Luséa, Conceição e Maués, também carinhosamente chamada de Velha Mundurucânia, que significa País dos Guerreiros Mundurucus (CARNEIRO, op.cit.).

Um dado relevante para entendermos a formação dos camponeses é o fato de que segundo o autor no ano de 1833, o município de Maués já contava com a seguinte população: brancos-118, mamelucos-138, índios- 1.242, mestiços-46, escravos livres 63, totalizando uma população de 1.607 habitantes. O que indica que o campesinato nessa região teve sua consolidação principalmente a partir do século XIX.

O município de Maués atualmente está configurado da seguinte forma: possui uma área Territorial de 39.675 Km², população: 54.079 Habitantes (Censo IBGE – 2010). Limita-se ao Norte com os municípios de Boa Vista do Ramos, Barreirinha e Itacoatiara, ao Sul com o município de Apuí, a leste com o Estado do Pará e a oeste com os municípios de Borba e Nova Olinda do Norte. Tem como sede municipal a Cidade de Maués, possuindo 220 Comunidades Rurais e 34 aldeias Sateré Mawé (CARNEIRO, op. cit.).

O período marcado pelo auge da exploração da borracha (final do século XIX e início do século XX), apesar de não ter tido a mesma expressão que em outros municípios do médio rio Amazonas, ainda assim, teve influência na formação dos camponeses em Maués, pois muitos dos nordestinos que se instalaram nesta localidade acabaram se tornando alguns dos maiores produtores de guaraná da região a partir do início do século XX. O depoimento a seguir relata um pouco o sucesso dessas famílias nordestinas no cultivo e comércio do guaraná².

Os Michiles e os Negreiros foram as primeiras famílias que chegaram a Maués. Eles eram dois coronéis de barranco, ou seja, aquele que comprava a patente, dependendo do seu poder aquisitivo. Cada um tinha sua força política. Eles tinham grande plantação de guaraná, mas foram vendo que não era uma coisa rentável eternamente; sabiam que ia ser um ciclo, como

² Depoimento extraído da obra “Memória dos brasileiros: saberes e fazeres: o guaraná de Maués” de Almeida (2007, p. 39).

foi a borracha. Então mandaram educar seus filhos na cidade grande. Quem mora no interior está fadado a isso: nascer e procurar um meio de vida melhor para seus filhos (Waldo Mafra Carneiro Monteiro (Barrô), comerciante).

Cabe destacar que esse camponês consolidado em Maués geralmente nunca obteve sua renda apenas do guaraná, principalmente pelo fato desta espécie ser de caráter sazonal, por isso, sua economia sempre foi marcada por uma combinação de atividades, pois apesar do guaraná ter sido sempre o maior destaque, o produtor de Maués segundo Monteiro (1965) também se dedicou a exploração da borracha (ainda que em escala não muito significativa), pau-rosa, castanha do Brasil, cumaru, arroz, juta, mandioca, banana, fumo, pesca e criação de animais.

No entanto, apesar desse produtor ter sempre praticado uma combinação de atividades para assegurar sua renda, a produção voltada para o guaraná sempre foi marcante na atividade camponesa, “o Mauéense vive em função do guaraná como o amazonense em geral a mística bisonha da borracha” (MONTEIRO, 1965, p. 08). Por isso, é plausível afirmar que a produção do guaraná, sobretudo, a partir do início do século XX ganha um impulso considerável no município de Maués, principalmente pelo interesse das indústrias de bebidas e pela vinda de imigrantes.

Um grande impulso para a agricultura na região foi a chegada de diversas famílias que imigraram do Nordeste brasileiro, da Itália e até do Japão, em busca de oportunidades na Amazônia. Famílias como Negreiros, Sakiyama, Michiles, Cavalcanti e Dineli tiveram seu apogeu na região nos anos 30 e início dos 40. Depois, seja pelo surto de malária, seja pelo falecimento dos patriarcas ou pelas dificuldades financeiras de manter uma agricultura rentável, o patrimônio se reduziu, dele restando hoje apenas resquícios do que outrora foram hectares de plantações de guaraná (ALMEIDA, 2007, p.29).

Como destacado, os imigrantes judeus, italianos, portugueses e japoneses se dedicaram tanto ao comércio em geral como a agricultura por meio do guaraná em Maués. Dessa forma, contribuindo para a dinâmica histórica da comercialização do guaraná na região como se observa no quadro 02 a seguir.

QUADRO 02: IMIGRANTES QUE SE INSTALARAM EM MAUÉS A PARTIR DO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Imigrantes	Famílias	Motivos da imigração
Nordestinos	Negreiros, Corrêa, Bizantino, Oliveira, Fernandes, Ferreira, Leda, Guimarães, Macedo, Melo, Miquiles, etc.	Exploração da borracha e seca do Nordeste.
Judeus	Levy, Abecassis, Pinto, Hatchwell, Benchaya, Assayag e outras.	Diferentes fatores tais como: pobreza, fome, perseguição, discriminação, destruição de sinagogas, etc.
Italianos	Magaldi, Magnani, Desideri, Cardelli, Dinelly, Faraco, Filizola, Zola e outras.	Aliado a motivos variados, dentre os quais: a criação da prelazia do "Baixo Amazonas", com sede em Parintins com a vinda de Bispos de origem italiana, que incentivou a imigração de Italianos. Na terra do guaraná, foram responsáveis pela inovação industrial, com a mecanização da pilagem do guaraná, das destilarias (Usinas) de Pau-rosa, da indústria cerâmica, construção naval. Organizados foram os primeiros incentivadores da formação do consórcio do guaraná.
Portugueses	Alves, Lopes, Antunes, Cavalcante, Martins, Leite, Cruz e outras.	Trabalhar no ramo do comércio e da indústria.
Japoneses	Yamane, Ono, Onó, Sakyiama, Kuriyama, Tamioka, Neo, Uchiyama, Okawa e Koide.	Acordo internacional entre o Brasil e o Japão, no qual os imigrantes Japoneses viriam para se dedicar entre outras atividades a agricultura, no caso de Maués, vieram para se dedicar a produção do guaraná. A primeira leva de japoneses veio em 1929 e a segunda e terceira leva em 1930. Porém, após problemas de saúde causados por um surto de Malária na terra do guaraná, muitos acabam deixando Maués e foram para Parintins se dedicar a produção da juta.

Fonte: Paiva (2010) e Faraco (2006).

Organização: Costa, L. F. B., 2016.

No caso dos nordestinos, a imigração se inicia no final do século XIX, período que ocorre a primeira grande imigração nordestina (por volta de 1851 a 1891) para a Amazônia por conta da exploração da borracha e das secas nordestinas, e posteriormente (1892-1912) ocorre a segunda grande leva de imigrantes nordestinos por conta do auge da exploração da borracha. Esse foi um período marcante na história da região, pois os mais de meio milhão de nordestinos que chegaram à região irão ocupar e fazer parte da composição sociocultural da Amazônia (BENCHIMOL, 2009).

Assim como em outros locais da Amazônia, no médio rio Amazonas, e especialmente em Maués, a imigração nordestina foi marcante, principalmente na composição sociocultural dos habitantes, da cidade e das comunidades rurais. Porém, não há muitos registros sobre a exploração da borracha no município de Maués, apesar de ter sido uma atividade exercida pelos camponeses, principalmente pelos nordestinos. É importante o fato de que muitos dos nordestinos que irão se instalar em Maués acabarão se dedicando também ao comércio, extração do Pau rosa, pesca, agricultura em geral, e principalmente a produção do guaraná, pois famílias nordestinas como a Negreiros e Michiles irão se tornar as maiores produtoras de guaraná de Maués a partir do início do século XX (ALMEIDA, 2007; MONTEIRO, 1965).

Também é necessário mencionar que quando a imigração dos nordestinos se intensificou no final do século XIX já estava consolidado um campesinato no município de Maués, principalmente fruto direto do branco (europeu) com o índio, sobretudo, das etnias Sateré Mawé e Mundurucu. Entretanto, é importante citar que estes nordestinos que chegaram a Maués se “misturaram” ao campesinato consolidado, muitos, aliás, já eram camponeses, e na nova terra, dedicaram-se a inúmeras atividades como já citado, tais como: a pesca, o extrativismo e a agricultura.

Assim como os nordestinos, os imigrantes japoneses também tiveram destaque no comércio do guaraná em Maués durante a década de trinta. A primeira leva de japoneses veio em 1929 e a segunda e terceira leva em 1930, dedicaram-se bastante ao cultivo do guaraná, entre outras atividades agrícolas. Nessa época foi instalada em Maués a primeira Escola Técnica para formação em cultura agrícola e agropecuária pelo imigrante japonês Hisae Sakyiama, bem como foi fundada a associação nipo-brasileira de Maués. Por meio de novas técnicas introduzidas pelos japoneses nessa época a produção do guaraná alcançou grande produtividade. Porém, após problemas de saúde causados por um surto de Malária na terra do guaraná, onde vários japoneses perderam suas vidas, muitos acabaram deixando Maués e foram para Parintins se dedicar a produção da juta (FARACO, 2006).

Os imigrantes italianos também tiveram papel de destaque na comercialização do guaraná em Maués, pois Segundo Paiva (2010) os Italianos foram os primeiros a industrializar a pilação do guaraná a fim de obter o bastão de uma maneira mais rápida, uma forma que substituísse a indígena. Esses imigrantes

foram importantes nessa nova fase, por volta da década de 40, séc. XX, pois nessa época a comercialização do guaraná na forma de bastão ainda era predominante, o que possibilitou inclusive a instalação de pequenas indústrias de beneficiamento por esses imigrantes.

Monteiro (1965) registrou esse período das pequenas indústrias do guaraná na forma de bastão em Maués na década de 50, pois segundo ele, existiam três indústrias, uma de Francisco Antônio Magaldi e Enrique Magnani, nas Comunidades do Laginho e Vera Cruz em frente à cidade e outra do senhor Elias e família na Cidade de Maués. Essas pequenas indústrias inclusive empregavam trabalhadores assalariados. O autor ainda relata minuciosamente como era o processo de beneficiamento do guaraná na forma de bastão por essas indústrias:

1) Dois pilões de madeira, pesados, atuando a moda de monjolos, batem alternadamente no côvo e reduzem as sementes a fragmentos;2) ao mesmo tempo os operários deitam água nos pilões, preparando a liga;3) a massa sai dos pilões para a mesa onde é pesada (dois quilos, repartidos em porções iguais de 125 gramas cada); 4) estas porções são entregues aos três “padeiros”, que amassam imediatamente e fazem o pão, carimbando-o;5) o pão passa, na mesma banca de trabalho, ao operário da “plâina” que o alisa e da forma definitiva e tamanho ordinário;6) daí o pão é arrumado na mesa e depois levado ao “moqueador” para secar a água que contiver. Passa duas horas no moqueador, submetido a fogo forte;7) em seguida é levado ao fumeiro, onde fica por período de quarenta dias para endurecer (MONTEIRO, 1965, p. 47 e 49).

É importante destacar que o guaraná na forma de bastão foi predominantemente a forma comercializada desde o século XVII, e assim foi até início do século XX, depois progressivamente passa a predominar a forma em rama, ou seja, dos grãos torrados, pois é a forma como exigem as indústrias de bebidas. Atualmente, pequenas indústrias familiares do guaraná em bastão segundo relatos obtidos em campo ainda existem em Maués, principalmente para atender o consumo local.

Por meio dos dados teóricos e empíricos é possível afirmar que o guaraná em maior ou menor proporção sempre marcou a história econômica de Maués, pois quando a exploração da borracha ganhou força no médio rio Amazonas, o guaraná estava num período forte de produção/comercialização, e o mesmo vale para o caso da juta (1950-1980), pois, nessa época o município de Maués estava no auge da produtividade do guaraná, produzindo mais de mil toneladas por ano (ALMEIDA, 2007), sem contar, que a juta é produzida principalmente na várzea, e neste ponto o

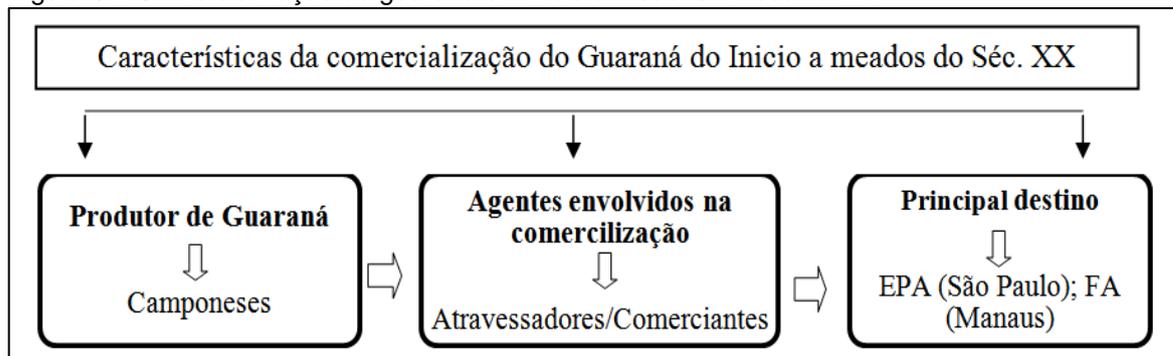
aspecto físico se tornou um obstáculo, pois o território de Maués é predominantemente de Terra firme (70%). De certa forma, Monteiro (1965) confirma nossa suposição quando aponta que:

Evidentemente toda estrutura econômica municipal repousa sobre o guaraná, e a vida social desenvolve-se à custa dos plantados grandes e pequenos de guaraná. Todo indivíduo que possui um palmo de terra disponível planta preferencialmente guaraná. O maueense vive em função do guaraná como o amazonense em geral dá a mística bisonha da borracha. [...] um sonho de que ninguém deseja despegar-se por que do presente ele é tudo (MONTEIRO, 1965, p.07-08).

Este autor realizou um estudo pioneiro sobre a produção do guaraná entre o final da década de 50 até início da década de 60 no município de Maués, e acabou sendo um dos poucos que nessa época se interessou pela história econômica do guaraná, que segundo o mesmo sempre foi esquecida, apesar de muito importante para a história da região Amazônica.

Por meio dos dados teóricos destacam-se na figura 04 as características do processo de comercialização do guaraná a partir do início do século XX até pelo menos a década de 50, na figura, as siglas EPA refere à Empresa Paulista Antártica e a sigla FA reporta a Fábrica Andrade de Manaus. E em seguida destaca-se alguns dos principais acontecimentos que marcaram a história do guaraná no início do século XX.

Figura 04: Comercialização do guaraná do início a meados do século XX.



Organização: Costa, L. F. B., 2016.

QUADRO 03: PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO GUARANÁ NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Ano	Acontecimentos
1905	O Dr. Luiz Pereira Barreto, cientista, após pesquisa feita sobre o guaraná, possibilita a fabricação do 1º refrigerante de guaraná com sabor “SORF DRINK’S”, produto de fabricação da Empresa Antártica Paulista (Ambev). A referida empresa adquiria sementes torradas pelos produtores de Maués. Sendo o primeiro a circular no mundo com este sabor.
1907	Em Manaus, a Fábrica Andrade lança o 1º refrigerante de guaraná sabor “Champagne” de coloração clara. A empresa comprava as sementes dos produtores de Maués para a fabricação do refrigerante que circulou na região até a década de 1970.
1921	O refrigerante guaraná Antártica foi lançado no País pela Empresa Paulista Antártica.
1924	A Brahma registra seu primeiro guaraná: Guaraná Genuíno.
1925	A Sociedade Bahiana de Agricultura introduz mudas de guaranazeiro no Horto Botânico, em Retiro, Salvador.
1927	Lançamento do Guaraná Brahma, pela Companhia Cervejaria Brahma.
1929	No final do ano, 50 imigrantes japoneses pertencentes a nove famílias foram para Maués trabalhar em uma concessão de 25 mil hectares para desenvolver plantios de cacauzeiro, guaranazeiro e arroz, como os principais produtos. Esse núcleo colonial, em decorrência do fracasso, foi absorvido, em 1939, pela colônia de Parintins, estabelecida em 1931.
1933	Plantio de 30 mudas de guaranazeiro na Estação Experimental de Água Preta, atual Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira, em Uruçuca, Bahia.
1938	Fundação da fábrica de produtos Globo, em Belém, priorizando o beneficiamento do guaraná, na forma de xarope e refrigerante, com a razão social Duarte Fonseca & Cia. Ltda.
1940-1945	Foram fundadas as fábricas Magistral, Luseia e Baré, em Manaus. Mais tarde surgiram a marca Brasil, Líder e Tuchaua.

Fonte: Carneiro (2013) e Homma (2014).

Organização: Costa, L. F. B., 2016.

Percebe-se por meio dos dados expostos no quadro 3 acima o crescimento das indústrias de bebidas a partir do início do século XX, um fator que certamente influenciou bastante no aumento da produtividade do guaraná em Maués, que até pelo menos ao final da década de 80 registrou índices altíssimos de produção devido à intensa demanda das indústrias de bebidas. Por isso, é coerente afirmar que o guaraná tem uma história econômica própria no município de Maués, e que o camponês constituído nessa terra deu prosseguimento a essa história.

1.3 A comercialização do guaraná no município de Maués a partir da década de 60/Séc. XX

O cultivo e o comércio do guaraná no município de Maués ganhou considerável impulso a partir do início do século XX, principalmente pelo interesse das indústrias de bebidas e pela vinda de imigrantes como os Nordestinos, Japoneses e Italianos. Viveu-se nessa época um período de prosperidade, onde as empresas, especialmente a Antártica de São Paulo e Andrade de Manaus, além dos cuiabanos e outros, compravam diretamente o guaraná dos camponeses de Maués.

A demanda nessa época foi fundamental para uma larga produção de guaraná, tanto por parte dos grandes produtores como pelos pequenos produtores, sem dúvida, esse foi mais um período marcante na história da produção comercial do guaraná, principalmente a partir da década de 60, pois a intensa demanda fez com que a Empresa Paulista Antártica instalasse sua primeira fábrica de extratos de guaraná no município de Maués em 1964, a partir daí, não apenas comprando o produto, mas também fazendo o seu beneficiamento.

A partir do momento que se instala a empresa na sede municipal, as características de comercialização do guaraná ganham uma nova configuração econômica bem como um novo impulso de produtividade, sobretudo, por conta da demanda num período de forte crescimento das indústrias de bebidas a base de guaraná no País.

Nos anos 60, a demanda por refrigerantes à base de guaraná cresceu fortemente, obrigando a Antarctica (hoje AmBev) a obter matéria-prima em larga escala. A empresa, então, desenvolveu um projeto em caráter de urgência para instalar uma fábrica de extrato em Maués – seu maior fornecedor de guaraná. A iniciativa transformou as características do município, tanto em termos de oportunidades de trabalho para a população quanto em infra-estrutura. Construída a fábrica, o desafio seguinte consistiu em fomentar a produção local, já que os resultados obtidos com o cultivo tradicional mostravam-se insuficientes para as necessidades da indústria (ALMEIDA, 2007, p.49).

Em 1971 é inaugurada a fazenda Santa Helena, com o objetivo inicial de produzir o guaraná para o consumo da própria empresa devido à forte demanda do mercado consumidor e posteriormente para fazer pesquisas genéticas com o guaraná. Essa fazenda possui uma área de 1070 hectares, e segundo a gerente da Ambev (antiga empresa Paulista Antártica), a mesma produz cerca de 5% das

necessidades da Empresa, e é considerado o maior banco genético do mundo no trabalho com o guaraná.

Uma vez consolidada como a principal compradora de guaraná de Maués, a Empresa Paulista Antártica acabou inevitavelmente por ditar os preços e a qualidade do produto. Dessa forma, essa empresa veio cada vez mais estabelecendo uma forte relação com os Camponeses, sem que fosse preciso transformá-los em trabalhadores assalariados, uma vez que se apropriando da renda da terra, em outras palavras, do guaraná que é fruto do trabalho camponês, logo, estará convertendo a renda da terra posteriormente em lucro.

É importante o entendimento das transformações que ocorreram a partir da hegemonia do capital industrial, pois a instalação da fábrica da Empresa Antártica na sede municipal de Maués irá permitir profundas transformações de ordem social, econômica e espacial.

Quando nós montamos a fábrica e colocamos a unidade, passamos a comprar diretamente a semente. Isso deu uma vantagem, porque nós pagávamos no ato as pessoas. Não tinha intermediação, nada. Ele vinha, pesávamos, examinávamos e o vendedor já recebia o dinheirinho. Isso motivou muito a cidade, deu uma outra vida. E também nós ficamos com os enfermeiros, admitimos pessoal para dar uma assistência. Isso colaborou muito. Começou a haver um trato diferente do ser humano. Orlando de Araújo, ex-diretor da Antartica (AmBev)³

O depoimento acima do ex-diretor da antiga Empresa Paulista Antártica (hoje Ambev) demonstra de certa forma a reestruturação que passou a produção comercial do guaraná no município de Maués a partir da instalação da Empresa, inclusive transformando o espaço urbano da cidade de Maués, dando a esta uma nova configuração socioespacial, pois “[...] a iniciativa transformou as características do município, tanto em termos de oportunidades de trabalho para a população quanto em infraestrutura [...]” (ALMEIDA, 2007, p. 49).

Com a chegada da indústria o poder público municipal, Estadual e até Federal começaram a dar maior atenção para o município, e com o sucesso da produção do guaraná é instalada por volta do final da década de 60 a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias), posteriormente surgem os bancos, representantes do capital financeiro, órgãos Estaduais e municipais voltados para o

³ Depoimento extraído da obra “Memória dos brasileiros: saberes e fazeres: o guaraná de Maués” de Almeida (2007, p. 52).

fomento à produção do guaraná, bem como ocorrem significativas melhorias de infraestruturas na cidade. Portanto, a partir da chegada direta da Empresa Paulista Antártica vai ocorrer uma significativa mudança, tanto em termos econômicos como socioespaciais em Maués.

Até a década de 60 o município de Maués ainda detinha o monopólio da produção do guaraná no Brasil, era o maior produtor nacional, ainda que em outros Estados, como por exemplo, a Bahia e o Mato Grosso já tivessem dado início a sua própria produção, principalmente impulsionados pelo sucesso do guaraná na indústria de bebidas (HOMMA, 2014).

Um marco importante na década de 70 é a consolidação do decreto-Lei 5.823, de 14 de novembro, regulamentado em 1973, que ficou conhecido como a “Lei dos Sucos”. No caso do guaraná, o cumprimento dessa legislação criou uma grande demanda por esse produto, uma vez que estabelecia quantitativos de 0,2 g a 2 g de guaraná para cada litro de refrigerante (HOMMA, 2014).

Durante as décadas de 70 e 80 segundo informações obtidas por meio de relatos de antigos produtores em campo e da contribuição teórica de Almeida (2007), a produção do guaraná manteve alta produtividade em Maués, sempre superando a marca anual de mil toneladas, porém, o guaraná começou a ser difundido cada vez mais, tanto em outros municípios do Amazonas, como em outros estados da Amazônia e do Brasil, como na Bahia e no Mato Grosso. Sobretudo, a partir da década de 70, o município de Maués veio gradativamente perdendo o monopólio do guaraná.

A década de 90 se torna uma das mais difíceis da história da produção do guaraná no município de Maués, sobretudo, devido a um forte declínio na produtividade, atribuído ao significativo crescimento da produção da Bahia, fará com que Maués perca o posto de maior produtor de guaraná do Brasil. Em sua Monografia intitulada “Cadeia produtiva do guaraná no Estado do Amazonas” Vasconcelos (2004) apresenta alguns dos motivos que fizeram Maués declinar na produtividade do guaraná:

A redução da produção deu-se devido a idade avançada das plantas, pragas, doenças e falta de tecnologia. Para auxiliar o aumento da produção e produtividade do guaraná na região, foi firmado um convenio entre Embrapa, IDAM, Ambev e prefeitura de Maués, onde criaram 12 polos de desenvolvimento agrícola (VASCONCELOS, 2004, p. 24).

Como mencionado pela autora, a idade avançada das plantas, as pragas e as doenças, em que a mais conhecida é a Antracnose (causada por fungos) e o Tripes (causado pelo inseto Trípes)⁴ foram alguns dos principais responsáveis pela queda na produtividade do guaraná. De acordo com relatos de alguns camponeses e antigos moradores de Maués, a queda na produtividade do guaraná em Maués se deve também a uma brusca queda no preço do produto na década de 90, o que causou um desestímulo ao cultivo do guaraná, fazendo com que muitos dos grandes produtores abandonassem essa atividade.

Vasconcelos (2004) baseada em fontes do IBGE (2002) apresenta um panorama geral da produção do guaraná em rama no Amazonas entre 1990 até 2002, na qual apresentamos a seguir.

TABELA 01: PRINCIPAIS PRODUTORES DE GUARANÁ DO AMAZONAS EM TONELADAS.

Município	1990	1999	2000	2001	2002
Autazes	49	20	20	8	14
Boa Vista do Ramos	11	91	91	45	45
Irlanduba	16	148	85	43	43
Itacoatiara	42	55	55	24	20
Maués	234	1.639	308	240	360
Nova Olinda do Norte	5	164	164	60	63
Parintins	12	72	19	15	14
Urucará	24	97	97	60	68

Fonte: Vasconcelos (2004, p. 22).

Como pode ser observado na tabela 01, o município de Maués, que predominantemente até a década de 80 produzia mais de mil toneladas de guaraná por ano, ao final da mesma e no início da década de 90 declinou, registrando no ano de 1990 apenas 234 toneladas, muito abaixo daquilo que produzia, e essa média se manteve por praticamente toda década de 90, exceção de 1999, em que foi

⁴ O inseto do Tripes desenvolve-se (ovo, ninfa e adulto), geralmente, na parte inferior de folhas em estágio inicial de desenvolvimento, onde causa deformações e queda das folhas e das inflorescências, provocando o secamento prematuro das flores. Já o fungo da Antracnose nas plantas atacadas induz o crestamento (queima) em folhas jovens, com sua subsequente queda, lesionando de forma crescente a planta até sua morte (SOUZA, 2010).

registrada uma produção de 1.639 toneladas, porém, acabou declinando novamente nos anos que se seguiram.

Com o declínio na produtividade do guaraná de Maués, maior produtor do Amazonas, quem assumiu o posto de grande produtor nacional foi o Estado da Bahia, que a partir do início da década de 90 se torna o maior produtor de guaraná do Brasil.

TABELA 02: MAIORES PRODUTORES NACIONAIS DE GUARANÁ EM TONELADA.

Ano	Brasil	Estados Produtores de guaraná em toneladas					
		Amazonas	Bahia	Mato Grosso	Rondônia	Pará	Acre
1990	1.679	446	757	188	177	84	27
1991	2.179	504	1.248	208	142	61	16
1992	2.349	252	1.693	173	145	74	12
1993	1.792	327	1.082	178	143	48	14
1994	2.674	333	1.424	181	676	41	19
1995	2.390	503	1.546	149	147	21	24
1996	2.995	1.187	1.528	180	56	19	25
1997	2.728	1.037	1.448	132	59	22	30
1998	3.643	1.354	1.828	335	69	22	35
1999	5.441	2.370	2.549	194	125	162	41
2000	4.274	899	2.770	390	125	43	47
2001	3.935	542	2.816	409	69	49	50
2002	4.032	713	2.680	432	118	34	55

Fonte: Vasconcelos (2004, p. 27).

Como observado na tabela 02, enquanto o estado do Amazonas, onde o município de Maués é o maior produtor, a partir da década de 90 manteve uma baixa produtividade, exceção do ano de 1999, ano que coincide com a produção de 1.639 toneladas de Maués, nos anos que se seguiram acabou declinando novamente. O inverso ocorreu com o estado da Bahia, que a partir da década de 90 teve uma produtividade crescente, chegando a uma marca acima de 2.500 toneladas anuais a partir de 1999, assim, tomando o posto do Amazonas e se destacando cada vez mais como o maior produtor nacional de guaraná.

Com o declínio na produtividade do guaraná cada vez mais crescente, a Embrapa em parceria com a então Empresa Paulista Antártica começam a realizar estudos como forma de produzir guaranazeiros mais resistentes às doenças e com maior produtividade. Esses estudos já vinham sendo feitos desde a década de 70, porém, com o declínio acentuado na produtividade do guaraná a partir da década de 90, são produzidos os guaranazeiros do tipo clonado⁵ para a distribuição entre os camponeses. De acordo com os técnicos da Embrapa e da Ambev os guaranazeiros do tipo clonado são mais resistentes às doenças e produzem mais rápido, cerca de 02 anos, enquanto o nativo demora pelo menos 04 anos para começar a produzir.

No dia 1º de julho de 1999 ocorreu a fusão da Companhia Antártica e da Companhia Cervejaria Brama, resultando na Companhia de Bebidas das Américas (AmBev). Neste mesmo ano ocorreu o lançamento das cultivares de guaranazeiro do tipo clonado BRS-Amazonas, tolerante à antracnose, e BRS-Maués, tolerante à antracnose e ao superbrotamento, resultado das pesquisas realizadas pela Embrapa Amazônia Ocidental em parceria com a AmBev (HOMMA, 2014).

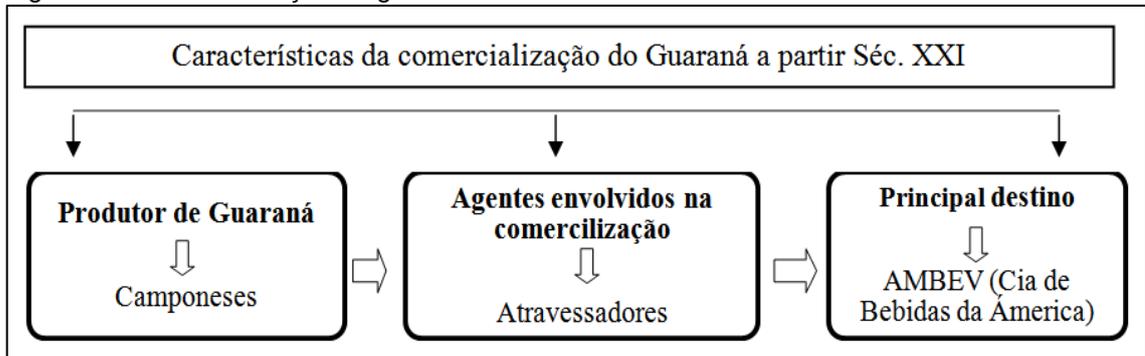
A partir do momento em que o guaraná clonado é produzido, ele passa a ser distribuído para os produtores de Maués, tanto pela Ambev, como pelo IDAM (Instituto de desenvolvimento do Amazonas) e SEPROR (Secretaria municipal de produção rural), a partir daí, resultando em um novo momento na história da produção do guaraná em Maués, pois os camponeses, até então, acostumados a produzir na sua forma tradicional, terão que se adaptar a uma nova racionalidade produtiva, o que resultara em certos momentos num conflito de saberes, ou seja, entre o saber técnico e o tradicional.

O município de Maués apesar de ter perdido o posto de maior produtor de guaraná do País nos anos 90 para o estado da Bahia, ainda é um dos principais produtores do Amazonas e do Brasil, e tem como destaque a qualidade do guaraná. Segundo informações dos técnicos da Embrapa e da Ambev o guaraná de Maués chega a ter cerca de 6% de cafeína, enquanto que o da Bahia chega ao máximo 3%, um diferencial que se deve a forma como o guaraná é produzido em cada lugar, pois no caso de Maués a produção no que tange o beneficiamento ainda é feita de forma tradicional, o que conserva os nutrientes do guaraná, principalmente a cafeína.

⁵ A clonagem é uma reprodução assexuada, que consiste em retirar um pedaço de galho, ou seja, uma estaca, e plantá-la, de modo que esta origine uma planta igual à anterior. O guaraná, entretanto, não consegue nascer dessa forma. É necessário fazer um tratamento com fitormônios (hormônios para plantas), para que o procedimento se complete e a planta crie raízes (ALMEIDA, 2007).

Atualmente, mais do que antes, existem vários sujeitos sociais envolvidos tanto no cultivo como na comercialização do guaraná. Dessa forma, podemos destacar como principais sujeitos sociais envolvidos nessa rede comercial: a Embrapa, por trabalhar diretamente com a produção do guaraná clonado; a AmBev, que compra praticamente toda produção do guaraná de Maués (figura 05); IDAM e SEPROR, que são órgãos que prestam assistência técnica aos cultivadores de guaraná; Bancos, pois a maioria deles trabalha com financiamentos para o pequeno produtor; atravessadores, visto que existem 06 que trabalham diretamente para a AmBev; e por fim, os camponeses, aqueles que cultivam e vendem o guaraná (todos esses agentes serão analisados com maior destaque nos capítulos 02 e 03).

Figura 05: Comercialização do guaraná no contexto atual.



Organização: Costa, L. F. B., 2016.

A partir dos anos 2000, os índices de produtividade do guaraná em Maués mantiveram-se ainda abaixo do esperado, mesmo com todo o investimento técnico que houve. De acordo com os técnicos da Embrapa, Ambev e IDAM isso se deve entre outros fatores a resistência de alguns produtores as suas exigências técnicas e ao guaraná clonado. A tabela 03 a seguir mostra a evolução em toneladas do guaraná nos últimos anos.

TABELA 03: PRODUÇÃO EM TONELADAS E PREÇO DO GUARANÁ EM RAMA DE MAUÉS NOS ÚLTIMOS NOVE ANOS.

ANO	SAFRA	PRODUÇÃO(t)	PREÇO MÉDIO
2006	2006/2007	130	9,00
2007	2007/2008	150	15,00
2008	2008/2009	140	18,00
2009	2009/2010	120	25,00
2010	2010/2011	270	27,00
2011	2011/2012	290	22,00
2012	2012/2013	300	21,00
2013	2013/2014	150	22,00
2014	2014/2015	300	22,00

Fonte: IDAM-Maués, 2015.

Como se observa a produtividade do guaraná entre os anos de 2006 a 2014 manteve-se regular, exceção dos anos de 2010 (270 t), 2011 (290 t), 2012 (300 t) e 2014 (300 t). Uma realidade muito aquém dos tempos de outrora. O que aconteceu? As possíveis respostas são muitas, mas a alternativa para mudar essa realidade segundo os técnicos da Embrapa, AmBev e IDAM é a tecnificação da produção, principalmente a partir da racionalidade do guaraná clonado. A seguir o quadro 04 com o resumo dos principais acontecimentos que marcaram a história do guaraná a partir da década de 60, séc. XX.

QUADRO 04: PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO GUARANÁ A PARTIR DA DÉCADA DE 60.

Ano	Acontecimentos
1964	Instalada em Maués a primeira fábrica de extrato de guaraná da Empresa Paulista Antártica
1971	A Fazenda Cultrosa, no Município de Camamu, Bahia, inicia plantio em escala comercial de guaranzeiro. Inauguração da Fazenda Santa Helena da Empresa Paulista Antártica em Maués.
1972	O Decreto-Lei 5.823, de 14 de novembro, regulamentado em 1973, ficou conhecido como a “Lei dos Sucos”, beneficiando a domesticação do guaranzeiro. No caso do guaraná, o cumprimento dessa legislação criou uma grande demanda por esse produto, uma vez que estabelecia quantitativos de 0,2 g a 2 g de guaraná para cada litro de refrigerante. No caso do xarope de guaraná, a quantidade variava de 1 g a 10 g de guaraná para cada litro de xarope. Pode-se observar que, em ambas as situações, a quantidade de guaraná entre o mínimo e o máximo permitido legalmente é de 10 vezes. Essa variação pode ser vista comparando os percentuais do guaraná Taí, que contém 0,2 g/l (0,02%) de refrigerante, com o Tuchaua, 1,10 g/l (0,11%).
1975	No município baiano de Camamu, a Agro-Brahma S.A. é implantada ocupando uma área total de 1.250 ha, dos quais 255 plantados com guaranzeiro.
1976	Início das plantações de guaranzeiro no Estado do Mato Grosso, em Alta Floresta, pela Colonizadora Indeco.
1981	O governo do Estado do Amazonas financia a produção de 100 mil mudas de guaranzeiro pelo processo de enraizamento de estacas.
1995	Na cidade de Taperoá, a 300 km de Salvador, a empresa Naturkork e Naturwaren – Import & Grobhandel adquire o guaraná orgânico, reconhecido pelo Instituto Biodinâmico (IBD), e exporta para a Alemanha. Em 1995, foi feita a primeira exportação de 2 t de guaraná orgânico, 3,5 t em 1999 e 4 t em 2000. A empresa adquire aproximadamente 7 t de guaraná orgânico produzido por 21 produtores que cultivam o guaraná orgânico no Projeto Onça.
1999	No dia 1º de julho ocorreu a fusão da Companhia Antártica e da Companhia Cervejaria Brahma, resultando na Companhia de Bebidas das Américas (AmBev), que a imprensa enfatizou como sendo a primeira multinacional verde-amarela. Lançamento das cultivares de guaranzeiro BRS-Amazonas, tolerante à antracnose, e BRS-Maués, tolerante à antracnose e ao superbrotamento, no dia 28 de novembro, pela Embrapa Amazônia Ocidental, em Maués, Amazonas.
2011	Lançado no dia 26 de outubro no Campo Experimental da Embrapa, no Município de Maués, as cultivares BRS Cereçaporanga, BRS Mundurucânia, BRS Luzeia e BRS Andirá, que produzem em média 1,5 kg de sementes secas por planta, enquanto a média regional é de 200 g por planta ao ano.

Fonte: Almeida (2007) e Homma (2014).

Organização: Costa, L. F. B., 2016.

Principalmente a partir da década de 60, séc. XX, o guaraná passou a ser comercializado de várias formas em Maués, se antes a forma em bastão era predominante, com a chegada da Empresa Paulista Antártica a forma em rama passou a ser a principal, pois para a indústria de bebida interessa apenas a semente torrada. Porém, outras formas são comercializadas, uma delas é o guaraná em pó (moído), que ganha destaque principalmente a partir da década de 60, e atualmente é bastante usado no mercado consumidor, sem contar que a forma em bastão ainda

continua sendo muito comercializado. Para fins didáticos apresentaremos a seguir um resumo com as principais formas em que o guaraná é comercializado.

Bastão (figura 06): Depois que o guaraná é torrado, retira-se a casquilha do grão, e este é triturado e pilado. Posteriormente, mistura-se com água para formar uma pasta consistente, que será moldada em formato de bastão, passando em seguida pelo processo de defumação até que fique no formato ideal para uso. O guaraná na forma de bastão é a principal herança dos indígenas Sateré Mawé, portanto, é a forma mais antiga comercializada. E apesar de não ser mais a principal forma comercializada, o guaraná em bastão ainda resiste, principalmente no comércio local, regional e nacional, e assim se torna um comércio paralelo a AmBev, pois existem pequenas indústrias em Maués que trabalham somente com a produção do bastão de guaraná, inclusive essas indústrias contam com atravessadores próprios, que comercializam o guaraná em rama junto aos produtores.

Figura 06: Guaraná na forma em bastão.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Rama (figura 07): o guaraná na forma em rama é um das formas mais simples, o processo principal é torração dos grãos do guaraná, estando os grãos torrados se chama de guaraná em rama. Essa forma de comércio do guaraná passa a predominar a partir da década de 60, principalmente depois da instalação da

Empresa de Bebidas Antártica em Maués, que exigia essa forma para a comercialização. Essa é a principal forma de comercialização do guaraná em Maués atualmente, pois está diretamente relacionado ao consumo da AmBev, que compra cerca de 80% de toda produção do guaraná do município de Maués.

Figura 07: Guaraná na forma em Rama.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Pó (figura 08): a partir do momento em que o guaraná se encontra na forma em rama, o processo principal para se obter o guaraná em pó é moer os grãos torrados, geralmente em um material chamado moinho, que tritura os grãos de guaraná até que esteja na medida correta. O guaraná na forma em pó começa a ganhar maior destaque a partir da década de 60, e atualmente depois da forma em rama, é a principal forma comercializada de guaraná, tanto em nível local, como regional, nacional e internacional. É um comércio em alta, que vem crescendo bastante nos últimos anos.

Figura 08: Guaraná na forma em Pó.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho decampo, agosto de 2015.

Por fim, este primeiro capítulo teve como meta apresentar os principais eventos que marcaram a história comercial do guaraná no município de Maués-AM. Como destacado, o cultivo do guaraná para fins comerciais é registrada desde o século XVII, época de exploração das ditas drogas do sertão na Amazônia, e ao longo dos séculos posteriores sua comercialização se fortaleceu cada vez mais, principalmente a partir do início do século XX, ganhando cada vez mais importância no mercado nacional e internacional.

CAPÍTULO 02: A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR CAMPONESA NA ATIVIDADE DO GUARANÁ

2.1 Do nativo ao clonado: a nova racionalidade produtiva do guaraná em Maués-AM

O comércio do guaraná sempre colocou Maués como uma das principais economias do Estado do Amazonas, principalmente a partir da década de 60, quando ocorre um considerável impulso no ramo das indústrias de bebidas a base de guaraná no País. Atualmente Maués encontra-se entre as dez maiores economias do Amazonas, uma situação que em muito se deve ao comércio do guaraná (PAIVA, 2010).

A atividade agrícola voltada para o cultivo do guaraná é sem dúvida a principal fonte de renda dos camponeses do município de Maués. Segundo fontes da prefeitura municipal de Maués via SEPROR, existem cerca de 3000 produtores de guaraná em Maués, entre pequenos e médios produtores para uma área plantada de cerca de 4700 hectares. Esses camponeses se dedicam não somente ao cultivo do guaraná, mas também a outras atividades agrícolas, principalmente ao cultivo da mandioca, banana e melancia. Dessa forma, a maioria desses produtores trabalha com variedades de culturas como forma de renda, uma das características essenciais dos camponeses da Amazônia.

A forma como os camponeses de Maués trabalham com o guaraná ainda guarda muitas semelhanças com a herança indígena Sateré Mawé, principalmente nas etapas do processo de cultivo e beneficiamento. A maioria desses camponeses ainda prefere trabalhar com o guaraná nativo, termo comumente falado por eles, pois segundo fontes da SEPROR, cerca de pelo menos 70% desses camponeses ainda resistem às mudanças na lógica de produção impostas pela nova racionalidade do guaraná clonado. Porém, essa é uma realidade que pouco a pouco vem se alterando nos últimos anos.

Rapaz eu prefiro trabalhar com o nativo por que ele num tem muito segredo igual esse outro ai não, que precisa de tanto trato e a gente que tem outros trabalho fica difícil né, até mesmo nos gasto, esse clonado leva adubo, tem que tá gastando nessas coisas, a gente num tem muitas condições não. Por isso, eu acho melhor o nativo, ele é mais resistente, é próprio do mato, num precisa muitos cuidado não, e demora muitos anos, mais de 50, e esse

outro não, dizem que num passa de dez anos, bom, eu como produtor vejo assim né, mas tem gente que prefere o clonado, ai a gente tem que respeita né (L..N, 56 anos, Camponês. Trabalho de campo, setembro de 2016).

Os antigos cultivadores de guaraná acostumados a cultivar a espécie com seus próprios saberes, geralmente repassados de pai para filho no processo histórico, agora tem que se acostumarem à imposição de um novo saber, o técnico, bem diferente do seu saber, e esse processo não é nada simples em alguns casos, pois “incorporar exigências que em nada se relacionam com sua experiência acumulada não é tarefa fácil e, talvez, nem mesmo desejável para muitos” (PAULINO, 2012, p.145). Então, como se observa ainda há uma significativa resistência quanto ao guaraná clonado no município de Maués, principalmente entre os antigos camponeses, aqueles que eram acostumados a trabalhar somente com o guaraná nativo.

Muitos ainda querem plantar guaraná como se plantava quarenta anos atrás, ai num tem condições [...] ai esses produtores aqui que tem essa resistência é por que o avô plantava assim, o pai, ai passou de geração pra geração né. E hoje quem tá conseguindo produzir com esse melhorado são pessoas mais novas, que conseguiram se adaptar e vem dando certo, obedeceram as orientações, participaram dos treinamentos, ai viram que dava certo, ai tem muitos ai que já só trabalham dessa forma, eles investem mesmo na muda melhorada, no adubo e nos tratos culturais, pois já sabem que o caminho é esse! (A. B. 40 anos, técnico agrícola do IDAM-Maués, trabalho de campo, setembro, 2016).

Porém, cabe destacar que, enquanto muitos ainda resistem à nova racionalidade produtiva do guaraná, principalmente os antigos cultivadores, outros tem se adaptado com facilidade, principalmente os novos cultivadores de guaraná. Uma realidade que mostra que as relações se dão diferenciadas nos diferentes grupos sociais, e por que não dizer no espaço? Afinal, o espaço apresenta dinâmicas diferenciadas em qualquer lugar, e em Maués não é diferente, pois enquanto em algumas localidades da área rural do município ainda há resistência às imposições técnicas que envolvem o cultivo do guaraná clonado, em outras áreas já existe uma significativa aceitação, como é o caso da região do Urupadi, de onde provém mais de 60% da produção do guaraná de Maués segundo fontes do IDAM.

O guaraná nativo foi predominantemente cultivado até a década de 90 pelos camponeses de Maués. Na verdade ainda é o mais cultivado, pois como dito, cerca de pelo menos 70% dos produtores de Maués ainda trabalham com o nativo, devido principalmente ao saber que fora constituído em torno do seu cultivo. O

guaranazeiro nativo demora pelo menos 04 anos para produzir os primeiros frutos, e necessita de menos cuidados técnicos, por ser natural da floresta, suas árvores são um pouco maior que os do tipo clonado, porém, é menos produtivo em termos de fruto por árvore, geralmente produzindo 0,5 quilo anualmente por árvore, enquanto os do tipo clonado produzem até 1,5 quilo por árvore segundo fontes da Embrapa.

O cultivo do guaraná nativo é fruto da herança indígena Sateré Mawé, e em tempos pretéritos era cultivado da seguinte forma:

“Antes a gente usava só o nativo, que era procurado no mato né, aí a gente fazia o roçado e depois ia atrás dos filhos, por que o guaraná dá fruto, aí esse fruto cai no chão e vai nascendo os filhos do guaraná, aí a gente arrancava e levava pra plantar, antes era assim” (V. N, 82 anos, comerciante, trabalho de campo, julho de 2015).

Além dessa forma, o guaranazeiro nativo é plantado por semente, sendo essa a forma de cultivo mais comum atualmente. O guaranazeiro nativo é o preferido dos cultivadores mais antigos de Maués, principalmente na fabricação do bastão, pois segundo eles é o mais adequado, por ter maior qualidade. Apesar de toda a imposição do guaranazeiro clonado, o nativo segue sendo bastante utilizado e apreciado, principalmente no mercado internacional, onde os Sateré Mawé do rio Marau (Maués) e Andirá (Barreirinha) se destacam nesse comércio, tendo como principal *marketing* a originalidade de um produto natural (orgânico).

O guaraná do tipo clonado teve sua difusão no final da década de 90 no município de Maués, e é resultado de anos de pesquisa, primeiramente da Embrapa e posteriormente da então Empresa de bebidas Antártica (hoje AmBev). De acordo com Pereira & Arruda (2007), desde a década de 70 a Embrapa vinha fazendo pesquisas com o guaraná, tendo como objetivo criar mudas melhoradas, que pudessem ter maior produtividade e maior resistência às doenças. A partir de 1976, a Embrapa criou o programa de pesquisa direcionado para o guaranazeiro, cujo objetivo principal é obter ganhos em produtividade, para tornar a cultura socioambiental e economicamente sustentável (PEREIRA; ARRUDA, 2007).

Segundo Souza (2010), as principais vantagens do guaraná clonado (estaca) em relação ao nativo (semente) são: a) redução no tempo de formação da muda, que é de aproximadamente sete meses, enquanto a muda de sementes demora pelo menos 12 meses; b) resistência dos clones à antracnose; c) produtividade até dez vezes maior do que a média das plantas tradicionais; d) precocidade para o início da

produção, que é, em média, de dois anos, contra quatro anos das plantas de sementes; e) sobrevivência das plantas oriundas de estacas no campo após quatro anos do plantio superior a 95%, enquanto nos plantios provenientes de sementes apenas 20% dos indivíduos sobrevivem.

Devido à decadência acentuada na década de 90 na produtividade do guaraná em Maués, houve a necessidade de por no mercado essas mudas melhoradas, que tiveram sua distribuição pelos órgãos competentes por meio de projetos de financiamento, sobretudo, a partir dos anos 2000. Daí em diante começa um novo período na história do guaraná no município de Maués. Para Santos & Silveira (2008, p. 118).

Inovações técnicas e organizacionais na agricultura concorrem para criar um novo uso do tempo e um novo uso da terra. O aproveitamento de momentos vagos no calendário agrícola ou o encurtamento dos ciclos vegetais, a velocidade da circulação de produtos e de informações, a disponibilidade de crédito e a preeminência dada à exportação constituem, certamente, dados que vão permitir reinventar a natureza, modificando solos, criando sementes e até buscando, embora pontualmente, impor leis ao clima. Eis o novo uso agrícola do território no período técnico-científico-informacional.

Como observado nos dizeres de Santos & Silveira (2008), a agricultura brasileira no período atual (técnico-científico e informacional) tem como característica essencial o uso da tecnologia, das técnicas que mudam a natureza, o calendário agrícola e o tempo de produção, para atender uma lógica externa, a lógica de acumulação do capital. Sem dúvida, esse é um novo tempo, que apesar de se expandir de forma diferenciada no território nacional, avança continuamente para efetivar o período marcado pela inovação tecnológica na agricultura brasileira, e nesse caso, o uso do guaraná clonado se apresenta como exemplo nesse novo momento.

É importante salientar que a imposição do guaraná clonado se deve, sobretudo pela decadência na produtividade do guaraná nativo durante a década de 90. O que inclusive fez com que Maués e o estado do Amazonas perdessem o posto de maior produtor de guaraná do País para o estado da Bahia. Segundo Vasconcelos (2004), nessa época os preços do guaraná caíram drasticamente, as doenças como antracnose devastaram as plantações, os guaranazeiros envelheceram e se tornaram improdutivos, e por isso, muitos produtores desestimulados com essa situação abandonaram suas plantações. Essa

combinação de fatores culminou com uma acentuada queda na produtividade do guaraná em todo o município de Maués-AM. Essa situação começa a se reverter somente final da década de 90, e principalmente a partir dos anos 2000, por meio dos investimentos dos Governos municipal e Estadual, da Embrapa e da AmBev.

O guaraná clonado se torna uma imposição da racionalidade produtiva, pois começa a produzir no máximo com dois anos os primeiros frutos, ou seja, metade do tempo que leva para produzir o nativo, por outro lado, seu cultivo requer cuidados especiais, tais como: limpeza constante, adubação, poda, e pulverização contra os insetos que causam doenças, principalmente a antracnose o trípex, apesar de ser mais resistente a doenças do que o nativo.

Apesar das características diferenciadas de cada tipo de guaraná, os tempos de cultivo do nativo e do clonado são os mesmos, ambos devem ser plantados no período das chuvas, entre janeiro a março, e os tempos de floração, frutificação e colheita também são os mesmos.

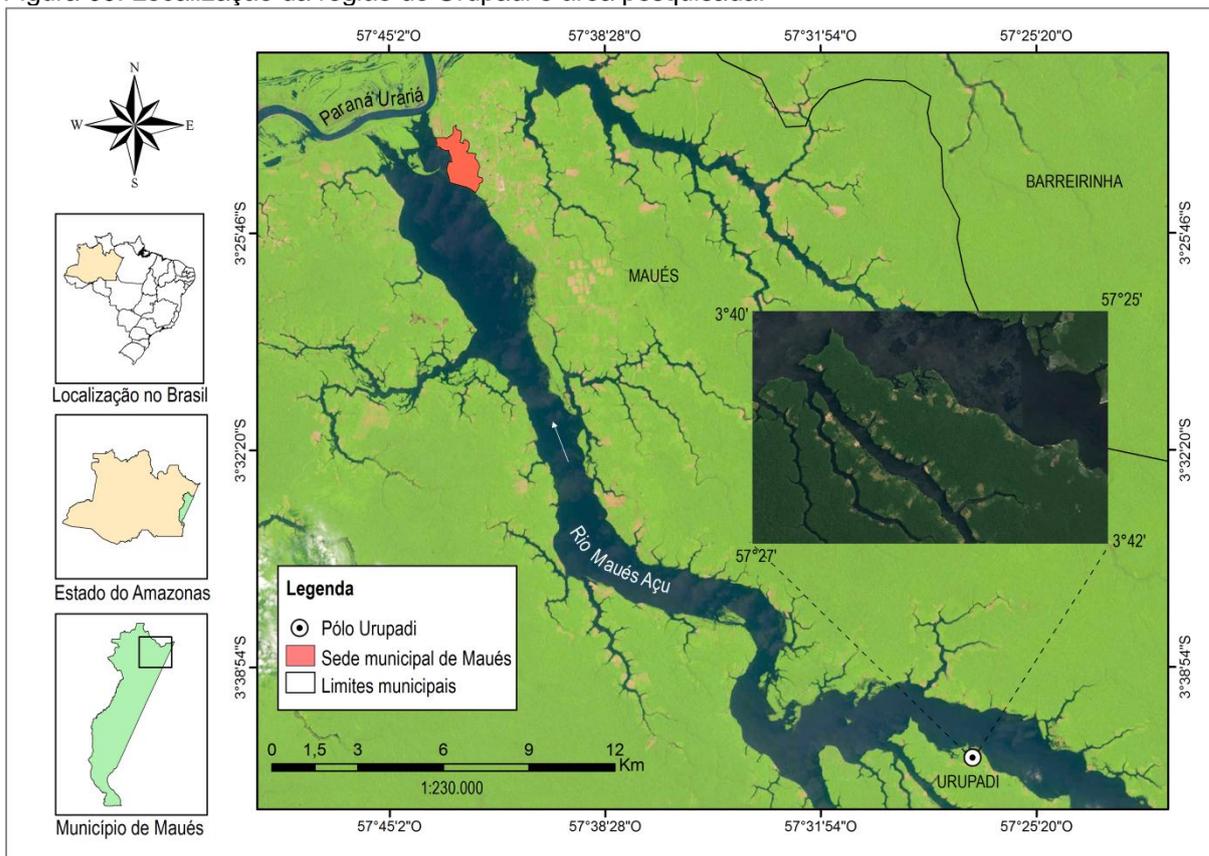
Depois da brusca queda na produtividade do guaraná em Maués na década de 90, o guaraná do tipo clonado passou a representar a volta da produtividade perdida. Dessa forma, o capital passou a se impor de maneira mais significativa, pois a maioria dos camponeses para terem acesso as mudas de guaraná clonado recorrem principalmente a financiamento junto aos bancos por meio do IDAM. Outros, mais resumidamente, recorrem a AmBev por meio do projeto PEGAR (Programa de excelência do guaraná) para ter acesso as mudas e adubos, e ainda a prefeitura municipal via SEPROR, que seleciona “produtores modelos” para lhes fazer a doação das mudas do guaraná clonado. De qualquer maneira, os camponeses atualmente encontram-se cada vez mais amarrados a lógica de acumulação do capital, ainda que se entenda isso como uma forma de “sobrevivência”.

Assim, é possível afirmar que a nova racionalidade produtiva imposta pelo uso do guaraná clonado tende a predominar cada vez mais, impondo na mesma medida os interesses do capital, fazendo uma passagem, ainda que lenta, do nativo para o clonado, cabendo aos camponeses acompanhar os ritmos da inovação tecnológica como forma de se manter na atividade do guaraná.

2.2 A inserção do guaraná clonado na região do Urupadi

A área rural do município de Maués foi dividida em 12 polos pela prefeitura municipal, no qual cada polo é representado por um rio afluente principal e por certo número de Comunidades, ou seja, as 220 comunidades rurais do município estão divididas de acordo com os respectivos polos. Neste trabalho o foco principal é o polo 11, conhecido como polo do Urupadi (figura 09), por se tratar da região mais produtora de guaraná de Maués, e também por ser o local onde houve uma forte difusão do guaraná clonado. A região do Urupadi é um local de terra firme, distante a cerca de 04 horas por via fluvial (barco ou rabetá) da sede municipal, tem como Comunidades referências a comunidade de Santa Clara (localizada nas margens do rio Urupadi) e a comunidade de São José (localizada nas margens do rio Paricá).

Figura 09: Localização da região do Urupadi e área pesquisada.



Fonte das bases cartográficas: IBGE 2010. Imagens: USGS/ Landsat - 8; Google Earth.
Organização: COSTA, L. F. B; MARQUES, R. O, 2017.

Na localidade do Urupadi acompanhamos os produtores de guaraná do rio Urupadi e Paricá⁶, que faz parte do polo 11 (Urupadi). Por meio dos depoimentos dos camponeses foi possível entender um pouco da história do cultivo do guaraná nessa região, principalmente a partir da difusão do guaraná clonado, que é o nosso principal foco de análise.

O cultivo do guaraná na região do Urupadi até o final da década de 90 era predominantemente do nativo. A difusão do guaraná clonado nessa região começa de fato a partir dos anos 2000, se intensificando a partir de 2005. Atualmente, segundo alguns camponeses da própria região, cerca de 60% dos produtores já trabalham com o guaraná do tipo clonado, com a tendência de ampliar esse quadro, já que a aceitação da nova racionalidade produtiva do guaraná nessa região é bastante significativa.

A difusão do guaraná clonado na região do Urupadi foi feita primeiramente por um cultivador de guaraná dessa localidade, que depois de ter obtido sucesso na sua produção após ter adotado o guaraná clonado, acabou tornando-se exemplo para os demais camponeses da região, que progressivamente passaram também a cultivar o guaraná do tipo clonado.

Durante o trabalho de campo realizado na região do Urupadi, uma das propriedades visitadas foi desse pioneiro cultivador do guaraná clonado, que atualmente é tido pelos técnicos da Embrapa, IDAM e AmBev como um modelo de produtor a ser seguido, sendo ele um dos maiores produtores de guaraná do município de Maués. Por meio de entrevistas concedidas, este camponês nos relatou um pouco sobre sua trajetória na atividade do guaraná.

Eu cheguei pra cá em 94, quando cheguei o pessoal só trabalhava com o nativo, mas não eram muitos não, era bem pouco na verdade, e em 97 fiz o desmatamento de área, e 98 o projeto. Nessa época o guaraná de clone era desconhecido por aqui, mas como eu queria ele, aí eu fui buscar o conhecimento primeiro, lá com o pessoal da Embrapa, aí que eu resolve plantar, pois eu acreditei, vi que aquela forma era a única opção de você ter retorno na sua agricultura (M.M.S 60 anos, camponês. Trabalho de campo, novembro, 2016).

Como se observa nesse depoimento, até o final da década de 90 o guaraná nativo era predominantemente cultivado, apesar de haver poucos nessa atividade na

⁶ Os Rios Urupadi e Paricá são muito próximos, cerca de 02 km um do outro, e são afluentes do Rio principal, o Maués-Açu.

época segundo do entrevistado, enquanto que o clonado era até então desconhecido nessa região. Nessa época segundo informações dos próprios camponeses, houve uma forte crise na produção do guaraná nessa região, por uma série de fatores, principalmente devido à queda nos preços e pelas doenças causadas pela antracnose e o tripés. Essa situação fez com que muitos abandonassem suas plantações de guaraná como demonstra o depoimento de um camponês cultivador de guaraná.

Meu amigo nessa época ai, dos anos de 90 por ai ficou muito complicado aqui em Maués pra quem vivia do guaraná, já pensou, além de doença que tava tendo, o preço chegou até a 3,0 reais o quilo, ai num dava nem pra pagar a despesa da plantação, ai muitos abandonaram mesmo, eu fui um desses, deixei de lado minha plantação, foi tudo pro mato, de 2000 pra cá que melhorou o preço né, ai eu investi dinovo, mas só já no clonado né, por que vi que era mais resultado, vi lá o exemplo do maranhão né, e investi mesmo e graças a Deus vem dando certo (A. O. 46 anos, trabalho de campo, novembro, 2016).

É importante salientar que nessa época Maués vinha passando por uma enorme queda na produtividade do guaraná, pois como dito anteriormente, na década de 90, os preços do guaraná caíram drasticamente, as doenças como antracnose e o tripés devastaram as plantações, os guaranazeiros envelheceram e se tornaram improdutivos, e por isso, muitos produtores desestimulados com essa situação abandonaram suas plantações. Assim, uma das alternativas para alavancar a produção do guaraná no município foi a introdução cada vez maior do guaraná clonado, que foi conseguido pelos camponeses principalmente por meio de financiamentos junto aos bancos da Amazônia (BASA) e do Brasil.

O cultivador de guaraná que introduziu a racionalidade do guaraná clonado na região do Urupadi relatou que seu interesse pelo guaraná clonado foi depois da divulgação das qualidades dessa variedade, que além de ser mais resistente a doenças, é bem mais produtivo que o nativo, pois demora cerca de 02 anos para produzir e produz bem mais frutos por árvore. Todos esses atributos lhe chamaram atenção, e foi então, que ele procurou a Embrapa para se informar sobre a forma de cultivo desse tipo de guaraná. O interesse foi tanto, que o mesmo fez um projeto pelo banco do Brasil na época (1998) para ter acesso a essas mudas melhoradas, e tendo obtido sucesso, iniciou sua plantação neste mesmo ano, e assim deu início a produção do guaraná clonado na região do Urupadi, tornando-se exemplo posteriormente para outros camponeses.

De certa forma me considero um exemplo, principalmente pros que tão dando certo né, e esses que dão certo já vão dando exemplo pra outros, depois que vão vendo o resultado, eu conheço vários que tão dando certo, eu mesmo tenho dois cunhados, meu genro, pessoal alí do Dedeco, e vários outros, que de uns anos pra cá começaram a acreditar e viram que se fizer direitinho dar certo, então eles vem vindo ai, viram que o caminho é esse. Num tem jeito, o conhecimento vai passando de um pra outro e vai crescendo, vai ampliar cada vez mais, pois logo que eu comecei a trabalhar dessa forma e eles viram meu resultado, uns oito aí logo trataram de seguir meu exemplo, o restante engrossou recentemente, e o negócio tá crescendo cada vez mais, e o caminho é esse! (M.M.S 60 anos, camponês. Trabalho de campo, novembro, 2016).

Como destacado, este camponês foi o pioneiro no trabalho com o guaraná clonado, e seu exemplo é seguido e ressaltado por outros camponeses na região do Urupadi. Alguns dos cultivadores de guaraná entrevistados reconheceram tal influência na adoção ao cultivo do guaraná clonado.

Comecei devagar vendo alí o exemplo do seu maranhão, inclusive trabalhei vários anos com ele ai, e assim, ele foi meu professor, fui aprendendo com ele, aí eu aprendi lá e vim pra cá, comecei a trabalhar em cima disso, da forma como eu aprendi com ele, e graças a Deus veio dando certo, e eu vou plantando devagar, fazendo as coisas do jeito certo, e assim vai dando certo (F. J. O. C, 35 anos, trabalho de campo, novembro, 2016).

Como observado, a influência exercida na região por esse camponês pioneiro é sem dúvida importante para entender a difusão do guaraná clonado na área do Urupadi. Atualmente, esse camponês tem nove hectares de guaraná plantado, somente do tipo clonado, e produz uma média de 03 a 3,5 toneladas de guaraná por ano, sendo assim, o maior produtor dessa região e um dos maiores do município de Maués-AM.

Na localidade do Urupadi os camponeses cultivadores de guaraná trabalham principalmente com as seguintes variedades de guaraná clonado: 300, BRS-Maués, 882, 648, Luzea e Ceraporanga. Sendo o BRS-Maués (figura 10) a variedade de clone mais trabalhada pelos camponeses atualmente, principalmente por sua resistência contra a Antracnose e sua média de produção de até 1,5 quilos de frutos por arvores. Ou seja, existem diferenças entre os clones, sendo alguns mais resistentes a doenças e mais produtivos do que outros.

Figura 10: Guaraná clonado do tipo BRS-Maués.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Nos últimos anos a região do Urupadi se tornou o maior produtor de guaraná do município de Maués, principalmente depois da adoção do guaraná clonado. Entretanto, para conseguirem ter acesso a essas mudas melhoradas, os camponeses recorrem com frequência aos financiamentos junto aos bancos por meio do IDAM. Todos os camponeses entrevistados deram início a sua plantação dessa forma. Até mesmo, para iniciar uma nova plantação, eles recorrem com frequência aos empréstimos bancários, já que argumentam que os custos do guaraná clonado são altos, pois uma única muda de guaraná custa em média 07 reais, e assim essa é única alternativa encontrada por eles.

Tavares dos Santos (1985) em sua obra “Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital” já enfatizava o papel dos bancos na produção camponesa.

[...] corretivos, defensores e fertilizantes- precisam ser repostos a cada ano agrícola. Ora, essa reposição se realiza por intermédio do crédito bancário: os camponeses anualmente fazem empréstimos, adquirem os insumos e pagam com o rendimento advindo da venda da uva (TAVARES DOS SANTOS, 185, p. 131).

Sem dúvida, o crédito bancário se torna fundamental para a produção camponesa, principalmente para que os camponeses possam ter acesso às mudas

do guaraná clonado, bem como para manter os custos de sua produção: adubos, limpezas, e demais tratamentos culturais. E assim, como os camponeses estudados por Tavares dos Santos (1985) eles pagam os empréstimos com o rendimento advindo do seu trabalho, nesse caso, provindo do guaraná.

Dentre os bancos instalados em Maués estão o Banco do Brasil, Bradesco, Itaú, Banco da Amazônia e Caixa Econômica Federal. Sendo, o Banco do Brasil e principalmente o Banco da Amazônia (BASA) ⁷ os que financiam atualmente a produção do guaraná em Maués. Percebe-se assim o nítido interesse do capital em obter lucro com o excedente produzido pela produção camponesa em Maués, afinal, qual seria o interesse da instalação desses bancos no local senão a apropriação de excedentes?

O órgão responsável para auxiliar os camponeses nos financiamentos bancários é o IDAM, que orienta os camponeses, principalmente nas questões burocráticas, documentos, avalistas, etc. para que possam realizar os empréstimos. A burocracia desses financiamentos nem sempre agrada os camponeses, porém, é uma situação que eles estão cada vez mais sujeitos.

Assim, fica evidente que a racionalidade produtiva do guaraná clonado na região do Urupadi teve e continua tendo cada vez mais aceitação entre os camponeses. Tanto que, os camponeses dessa região são colocados como modelos de produtores no município de Maués pelos órgãos da SEPROR, IDAM, AmBev e Embrapa, justamente por terem conseguido se adaptar a essa nova racionalidade produtiva, com isso, são os que recebem maior atenção desses órgãos, ao mesmo tempo, são aqueles também que mais estão subordinados as amarras do capital.

⁷ Em alguns casos os camponeses também realizam empréstimos junto a AFEAM – Agência de Fomento do estado do Amazonas – que em seu slogan tem como Missão: Concorrer para o desenvolvimento socioeconômico do estado do Amazonas, através de ações de apoio técnico e creditício que propiciem a geração de emprego, renda e a melhoria da qualidade de vida da população do Estado do Amazonas.

2.3 As territorialidades camponesas no uso da terra no processo de produção do guaraná

Ser agricultor pra mim é um privilégio, eu me valorizo da seguinte forma: se num fosse a minha classe, não teria comida na mesa dos grandes, por que é de nós que vai o alimento pra toda nação, pra todo o País, então, a classe de trabalhadores da agricultura é fundamental, senão num tinha farinha, mandioca, macaxeira, cará, melancia, o feijão, e o próprio guaraná nosso né; então aquele que num faz isso com prazer, ele precisa se valorizar (A.G.S, 43 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

O trabalho no cultivo do guaraná e de outras culturas agrícolas é ao mesmo tempo uma relação de trabalho com a terra, onde os camponeses precisam conhecer bem a área de cultivo, o tipo de solo, os tempos da natureza, enfim, é preciso entender a dinâmica da terra e da natureza para que haja sucesso na produção. Nesse quesito os camponeses cultivadores de guaraná são “mestres”, pois eles detêm um conhecimento histórico e cultural acerca do cultivo e beneficiamento do guaraná, o que lhes assegura sua reprodução social e econômica.

As territorialidades camponesas envolvendo o cultivo do guaraná são principalmente exercidas no trabalho com a terra, na forma como os camponeses delimitam, usam e dão significado no trabalho de cultivo do guaraná e de outras culturas. Assim, a apropriação do espaço manifesta-se por meio das territorialidades, ou seja, a partir das estratégias que os diferentes grupos sociais usam para assegurar a produção e o uso do território. Para Raffestin (1993, p.160-161).

A vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema.

“Os homens vivem, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais ou produtivas” (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159). Assim, a territorialidade “[...] está intimamente relacionada como as pessoas usam a terra, como organizam o espaço e como dão significado ao lugar” (SACK, 1986, p. 02).

As territorialidades camponesas no uso da terra no processo de cultivo do guaraná foram acompanhadas na região do Urupadi, onde visitamos as

propriedades camponesas no rio Urupadi e Paricá, acompanhando as formas de uso da terra nas diferentes etapas que envolvem o cultivo e o beneficiamento do guaraná, desde a colheita, descascação, lavação e torração. Mais do que isso, foi possível entender a organização do trabalho familiar e as estratégias de reprodução camponesa.

O guaraná apesar de ser uma cultura de caráter sazonal, é uma das principais fontes de renda dos camponeses do Urupadi, que tem nessa prática uma relação pautada na sua ligação com a terra. Os guaranazais são cultivados em solos de terra firme (Latosolo amarelo), em muitos casos em solos ricos como nas chamadas “terra preta de índio”. Além do guaraná, têm destaque para a comercialização o cultivo da mandioca, banana, abacaxi, melancia, dentre outras culturas, todas comercializadas na sede municipal (tabela 04). Alguns dos camponeses entrevistados comercializam sua produção diretamente com a prefeitura municipal de Maués por meio do programa de Regionalização da Merenda Escolar-PREME. A seguir em ordem as culturas mais produzidas pelos camponeses da região do Urupadi.

TABELA 04: PRINCIPAIS CULTURAS TRABALHADAS PELOS CAMPONESES DO URUPADI.

Culturas	Período de produção	Local de cultivo	Destino principal da produção	Preço Médio
1-Guaraná-Paulínia cupana var. Sorbilis	Out/Jan	Direto no solo	Comercialização na sede municipal	22,00 R\$/quilo em rama
2-Mandioca-Manihot esculenta	Mar/Set	Direto no solo	Comercialização na sede municipal	200,00 R\$/saco de farinha
3-Banana-Musaceae	Jan/Dez	Direto no solo	Comercialização na sede municipal	25,00 R\$/cacho
4-Abacaxi-Ananas comosus	Mai/Set	Direto no solo	Comercialização na sede municipal	2,0 R\$/unidade
5-Macaxeira-Manihot Esc.Crantz	Mar/Set	Direto no solo	Comercialização na sede municipal	5,0 R\$/quilo in natura
6-Melância-Citrullus lanatus	Jul/Ago	Direto no solo	Comercialização na sede municipal	10,00R\$/unidade
7-Mamão-Carica papaya	Jan/Dez	Direto no solo	Comercialização na sede municipal	4,0 R\$/quilo in natura

Organização: COSTA, L. F. B., 2016.

Desse modo, os camponeses do Urupadi obtêm sua renda especialmente da agricultura, onde uma parte entra no consumo da família e a outra parte é comercializada. Geralmente a comercialização da produção camponesa, tanto da região do Urupadi como de outras regiões da área rural de Maués, ocorre sempre nos fins de semana na sede do município, em alguns casos para feirantes localizados em diferentes áreas da cidade, e, em outros, os camponeses comercializam sua produção nas próprias ruas da frente da cidade de forma improvisada (figura 11). É importante destacar que no caso da região do Urupadi a produção agrícola é de terra firme, por isso, algumas diferenças no calendário agrícola em relação ao calendário de produção da várzea.

Figura 11: Comercialização da produção camponesa na sede municipal.



Fonte: COSTA, L.F.B. trabalho de campo, julho de 2015.

Além da produção agrícola comercializada na sede municipal, as famílias camponesas obtêm ajuda do Governo Federal por meio do Programa Bolsa Família, recurso este que ajuda na renda, pois apenas do guaraná “**não dá pra viver**”!

Não, não dá pra viver só do guaraná! Por quê? Deixa eu lhe explicar: o guaraná é anual, entendeu? Se desse todo tempo, ai sim num tinha outro produto, mas o problema que ele só dá uma vez no ano, e ai você que é o dono do trabalho, da propriedade, se você não tiver outra atividade você vai pegar alí tipo uma tonelada de guaraná né?, ai você vai vender de 22 R\$ reais o quilo, ai você tem 22. 000 mil reais né, mas ai a gente tem os projetos pra pagar, os diaristas, e outras despesas. Ai o que vai sobrar? Então ai você tem que ter outras atividades mesmo! (A.G.S, 43 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Eu acho que tem que ter outra renda, por que o guaraná é só por ano né, então nesse intervalo tem a mandioca, a macaxeira, a banana, abacaxi, que pode te dá um recurso pra manter sua vidinha e pagar as despesas, até porque a gente gasta muito com o guaraná, e tem diária, e outros gastos né, então é assim, num dá não! (A.O, 46, camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Assim, é possível constatar que esses camponeses diversificam suas atividades como forma de aumentar sua renda, uma estratégia importante da reprodução camponesa, bem como essencial para não caírem nas armadilhas (crises) do mercado.

A diversificação da produção é uma maneira de se proteger das formas predatórias de extração de renda, perpetradas por diferentes agentes do capital. Assim, quanto maior for a variedade de cultivos, criações e demais atividades afeitas, menor a vulnerabilidade e maior possibilidade de os camponeses se apropriarem da renda gerada internamente (PAULINO, 2012, p. 122).

Por isso, esses camponeses do Urupadi, apesar da atenção anual que é dada ao cultivo do guaraná, que necessita de tratos como: limpeza, adubação, poda e outros tratos durante o ano todo, ainda sim, dedicam-se a outras atividades, principalmente relacionadas à agricultura, onde o destaque maior é dado para o cultivo da mandioca, banana e abacaxi (figuras 12, 13, 14).

Figura 12: Cultura da mandioca na região do Urupadi.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Figura 13: Cultura da banana na região do Urupadi.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Figura 14: Cultura do abacaxi na região do Urupadi.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Além da agricultura, no que se refere ao consumo familiar, os camponeses criam pequenas criações, principalmente galináceos, e praticam a pesca, na qual têm destaque para a captura do jaraqui, mapará, pacú e tucunaré, além disso, alguns camponeses relataram ainda praticar a caça, com destaque para a captura de tatus, pacas e cutias. Geralmente a atividade da pesca e da caça é praticada apenas para o consumo familiar, sendo rara a sua comercialização.

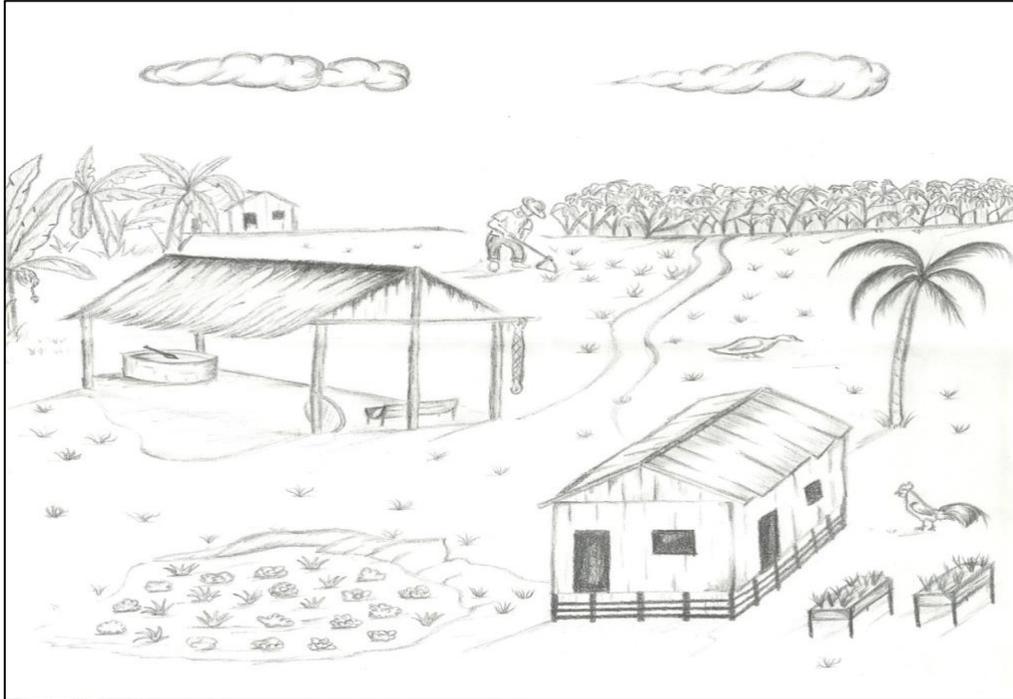
É importante destacar nesse aspecto que a produção da farinha de mandioca é a principal atividade agrícola juntamente com a do guaraná, talvez, até mais importante no sentido da renda familiar, já que os camponeses recorrem à produção da farinha de mandioca ao longo da maior parte do ano, principalmente na época paralela a atividade voltada para o guaraná. E, assim, a cultura da mandioca é fundamental para os camponeses da região do Urupadi e do município de Maués, pois garante uma boa parte da renda familiar, e assim, ao vender um saco de farinha a 200, 00 reais na sede municipal, quase que semanalmente ao longo do ano, esses camponeses acabam por assegurar os meios de sua reprodução social e econômica. Portanto, apenas do guaraná realmente não “dá pra viver”.

No que concerne à pecuária, que é uma das principais atividades camponesas da região do médio rio Amazonas, onde se destaca como terceiro rebanho do Amazonas o município de Parintins (Nascimento, 2016), Maués tem

pouco destaque, pois é uma atividade pouco praticada pelos camponeses, principalmente devido à ausência de áreas de várzea, já que em outros municípios do médio rio Amazonas a pecuária é trabalhada principalmente no sistema várzea/terra firme. No caso específico do Urupadi é uma atividade praticamente inexistente. Assim como a pecuária, a pesca comercial, uma das principais atividades camponesas da região do médio rio Amazonas, também não tem o mesmo destaque no município de Maués, sobretudo na região do Urupadi, onde a pesca é uma atividade essencialmente voltada para o consumo das famílias camponesas. Assim, devido à predominância das áreas de terra firme, a agricultura se torna a principal atividade camponesa do município de Maués, situação que propicia principalmente atividades agrícolas voltadas para o cultivo da mandioca e do guaraná, principais culturas trabalhadas pelos camponeses do Urupadi.

As propriedades camponesas na região do Urupadi geralmente são frutos de heranças, e em outros casos, mais raros, foram obtidas por meio da compra juntos aos próprios camponeses da região. Geralmente essas propriedades estão localizadas nas margens de rios, tanto do rio Urupadi como do rio Paricá. Nas suas propriedades os camponeses plantam de tudo um pouco, apesar da atenção maior que é dada ao cultivo do guaraná e da mandioca. As culturas geralmente são plantadas separadas no roçado, em diferentes hectares, afinal, esses camponeses sabem bem como melhor trabalhar a terra, sabem que em alguns casos misturar culturas diferentes no mesmo hectare prejudica o desenvolvimento das espécies cultivadas, sobretudo, o guaraná. As plantações geralmente são cultivadas próximas às residências. A seguir nas (figuras 15 e 16) um croque representativo das propriedades camponesas na região do Urupadi, destacando a divisão das culturas por hectare.

Figura 15: Representação da Unidade camponesa.



Organização: COSTA, L. F. B; MARQUES, R. O, 2016.

Figura 16: Divisão de culturas por plantio.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Como se observa, a casa familiar fica próximo ao roçado, e as culturas como já dito, são plantadas separadamente, principalmente o guaraná. No caso específico do guaraná, principal cultura trabalhada pelos camponeses, os roçados em hectares são feitos juntos, não se separa na mata, como geralmente fazem os camponeses e

os Sateré Mawé do rio Andirá (Barreirinha) e os camponeses do rio Uaicurapá (Parintins), que utilizam essa técnica do cultivo separado na mata como forma de evitar certas doenças, ou simplesmente evitar que a doença atinja toda a plantação. No caso do Urupadi, onde o guaraná clonado é o mais cultivado, essa técnica não é mais usada, principalmente por ser mais resistente às doenças.

O cultivo do guaraná envolve diferentes etapas, e uma das primeiras é a plantação, que geralmente ocorre nos meses de janeiro a março, tempo das chuvas, pois é quando os pés de guaraná têm mais chances de se desenvolver. Antes da plantação, porém, os camponeses preparam a área de cultivo, que no caso do guaraná clonado, exige que os terrenos estejam bem limpos, e em solos não muito arenosos, pois o cultivo dessa variedade exige maior cuidado e tratamentos especiais, tudo tem que ser bem planejado, de acordo com os ensinamentos técnicos da Embrapa e dos outros órgãos de acompanhamento, caso contrário, poderá não haver êxito na produção.

O guaraná de estacaria é mais rápido, em um ano e oito meses ele já tá mostrando os primeiros frutos, mas usando né aquela tecnologia que a Embrapa recomenda, é o adubo no tempo certo, as podaões, a limpeza, no caso, se for preciso usar também a borrição pra mata o inseto do tríplice, então todos esses tratos culturais, o trabalho dele é esse, os tratos culturais que é diferenciado do outro, mas importante é que ele depois cobre todo esse trabalho, o resultado dele é positivo(M.M.S, 60 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Por isso, os pés de guaraná assim que recebidos na cidade de Maués, geralmente do IDAM via financiamentos, tem que ser logo plantados, nesse caso, em covas de 40 cm², numa distância de 05m uma muda da outra, e numa faixa de 400 mudas por hectare como recomenda a Embrapa. Logo, se torna imprescindível para os camponeses se adequarem a nova racionalidade produtiva, e nesse sentido, os camponeses do Urupadi tem se tornado exemplos de adaptação e sucesso no cultivo do guaraná clonado.

Depois de pelo menos dois meses após a plantação do guaraná a primeira adubação deve ser feita, nesse caso, utilizando os seguintes materiais: Sofato de magnésia, Cloreto de potássio e Amônia. Além disso, no primeiro momento faz-se uma adubação mais simples, utilizando adubação orgânica nos lados da muda, para que a mesma receba nutrientes indispensáveis ao seu desenvolvimento. Se essa etapa for bem feita, o guaraná clonado com até um ano e oito meses já começa a

produzir os primeiros frutos. Por isso, existe a necessidade dos camponeses da região do Urupadi procurarem melhorar cada vez mais seus conhecimentos acerca do cultivo do guaraná clonado.

Os conhecimentos técnicos acerca do cultivo do guaraná clonado na região do Urupadi são repassados principalmente pelos técnicos da Embrapa e do IDAM, pois segundo os camponeses esses são os órgãos que mais visitam suas propriedades. Geralmente as visitas ocorrem duas vezes durante o ano por cada instituição, e em alguns casos essas instituições juntamente com a AmBev organizam mutirões em determinadas comunidades da região, onde são ensinadas as técnicas de cultivo do guaraná clonado. Diferentemente de outras regiões de Maués, no Urupadi os camponeses costumam seguir com certa dedicação os ensinamentos técnicos que envolvem o cultivo do guaraná clonado, e isso faz com que eles recebam maior atenção dessas instituições.

Bom, aqui quem mais visita a gente é a Embrapa, depois o IDAM, e depois o SEPROR. Eu acho que todos tem sua importância, a Embrapa no caso pra mim ela é mais importante porque ela mexe com tecnologia inovada né, e ai quando eles vêm fazer uma visita assim, alguma coisa, eles já trazem a inovação pra gente fazer na prática, já o IDAM não, é extensão rural mesmo, o técnico vem ai pra orientar só se tiver fazendo alguma coisa errada né, já a Embrapa fornece né o conhecimento tipo; pô essa muda aqui tu pode comprar que ela é produtiva, essa aqui tu num pode, que ela produz menos, então isso ajuda muito, então eu aceito as instruções direitinho, com certeza, todo órgão é rigoroso, mas faz parte, só a borrifação com veneno que ainda num faço, mas o resto à gente segue e dá resultado. (A.G.S, 43 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro, 2016).

Observa-se assim a importância que os camponeses dão aos órgãos técnicos, pois os ensinamentos repassados são seguidos com certa regularidade, e assim, eles dizem obter resultados positivos na produção. Esse papel que exercem os técnicos da Embrapa, IDAM e SEPROR é semelhante com o estudado por Paulino (2012) na obra “Por uma Geografia dos Camponeses”, na qual é destacada a relação de confiança que se estabelecem entre os técnicos das Empresas avícolas e os camponeses produtores de frango no Estado do Paraná, uma forma de manter a produção camponesa de acordo com os interesses do capital.

[...] esses técnicos fiscalizam o desenvolvimento da atividade, orientando e cobrando sistematicamente dos produtores os cuidados mais adequados a uma produção compatível com os padrões da indústria [...] além de serem pessoas de confiança das Empresas, devem conquistar a confiança dos integrados, até para que o trabalho possa fluir a contento (PAULINO, 2012, p. 138).

Dessa maneira, os camponeses para cultivar o guaraná clonado necessitam dos ensinamentos técnicos, sobretudo, da Embrapa, órgão que eles mais confiam, e por isso, o conhecimento acerca do cultivo do guaraná clonado na região do Urupadi tem se expandido, principalmente devido ao trabalho da Embrapa e demais órgãos de acompanhamento técnico, todos atuando como um “braço” da AmBev.

Uma das necessidades que exige o cultivo do guaraná clonado além da adubação é a limpeza frequente, pois como dito, essa variedade somente se desenvolve em terrenos limpos, sem a presença de “mato ao redor”, por isso, os camponeses do Urupadi fazem até cinco limpezas durante o ano nos seus roçados de guaraná, e isso dependendo do tamanho dos guaranazais em termos de hectares pode ser bastante custoso, pois para essa limpeza alguns camponeses recorrem aos diaristas, geralmente mão de obra camponesa da própria região, e em outros casos os camponeses recorrem ao puxirum, uma forma de ajuda mútua entre os próprios camponeses. Essas relações fazem parte dos elementos da produção camponesa que inclui o trabalho acessório e a ajuda mútua proposto por Tavares dos Santos (1985).

No caso das diárias, elas são exigidas principalmente na limpeza e na colheita do guaraná, ocasião que exige mais mão de obra, principalmente nos roçados acima de 04 hectares, pois nesse caso, somente a mão de obra familiar não consegue dar conta do trabalho, principalmente na época da colheita. Os diaristas geralmente são pessoas da própria região, parentes e conhecidos, pessoas que há anos já trabalham dessa forma, alguns também são pequenos produtores de guaraná, outros apenas trabalham com a mandioca e outras culturas. O camponês que contrata a diária fica responsável tanto pelo pagamento em dinheiro (de 25 a 28 reais a diária) como pelo alimento (merenda, almoço e janta) dos diaristas.

No caso do puxirum (ajuda mútua), essa prática acontece principalmente entre os camponeses ainda com poucas condições financeiras de pagar um diarista, geralmente são aqueles que possuem de 02 a 03 hectares de guaraná plantado, e assim, recorrem com frequência às trocas de trabalho entre os próprios cultivadores

de guaraná. Sendo essa uma prática tradicional de trabalho na Amazônia, e mais do que uma forma de economia nos custos da produção, é um legado cultural dos camponeses.

Nas propriedades visitadas o roçado de guaraná dos camponeses em termos de hectare varia em média de 2 a 6 hectares, sendo que apenas duas propriedades se destacaram acima dessa média, uma com 9 e outra com 10 hectares, sendo essas propriedades pertencentes aos dois maiores produtores de guaraná da região do Urupadi. Já em termos de produtividade, a média de produção dos camponeses varia entre 100 a 800 quilos de guaraná produzido por ano, nesse caso, apenas duas propriedades produzem acima dessa média, que são respectivamente as propriedades de 9 e 10 hectare, que produzem numa média de 2,5 a 3,5 toneladas de guaraná por ano. Em todas as propriedades visitadas houve o predomínio de 100% no cultivo do guaraná clonado.

Nas relações de produção familiar envolvendo o guaraná, os pais costumam ceder aos filhos, sobretudo, aos jovens filhos homens uma parte do roçado, “um roçadinho”, geralmente um 01 hectare, principalmente quando estes constituem suas próprias famílias, ou mesmo para que os filhos possam adquirir autonomia para trabalhar no que é seu, e tirem renda do seu próprio trabalho para satisfazer suas necessidades individuais.

Este é o caso do roçadinho: plantação efetuada sob o controle de cada membro da unidade doméstica que não o pai, cujo produto é vendido para proporcionar a seu detentor a aquisição de uma determinada mercadoria. Opõe ao roçado, pois é realizado individualmente e visa cobrir despesas individuais (GARCIA Jr., 1983, p. 191).

O trabalho maior no cultivo do guaraná ocorre a partir da colheita, que se inicia geralmente no início ou metade de Outubro e vai até final de dezembro, e em alguns casos até meados de janeiro, ou seja, o calendário agrícola dessa espécie é variado, mas geralmente sempre fica restrito a esses meses citados. Além disso, a produtividade do guaraná varia de ano para ano, depende muito de questões climáticas e tratamentos culturais, como por exemplo, a podação; “A poda estimula a emissão de ramos novos, de onde se origina a maior quantidade de flores e, posteriormente, frutos” (SOUZA, 2010, p. 17). Por isso, o sucesso na produção de um ano poderá não significar o mesmo sucesso num ano posterior. A partir da

colheita o trabalho se intensifica, passa a requerer mão de obra todos os dias, pois as etapas que seguem são variadas e trabalhosas.

A forma como os camponeses do Urupadi cultivam e fazem o processo de beneficiamento do guaraná é praticamente a mesma para todos, pois se trata de um processo geral, na qual as especificidades são muito semelhantes, muda pouca coisa, geralmente uma ferramenta, uma técnica. Algo que será explicado no decorrer da descrição das diferentes etapas de beneficiamento do guaraná: colheita, descascação, lavação, torração dos grãos.

A colheita do guaraná (figura 17) é uma das etapas que exige trabalho todos os dias das famílias camponesas e dos diaristas, inclusive aos sábados e domingos. A jornada de trabalho nessa etapa se inicia cedo, geralmente a partir das 06h30min da manhã, tendo uma pausa para o almoço às 11h30min, retornando às 13 horas e tendo termino às 16h30min. Diante de uma jornada de trabalho como essa, o uso do guaraná é indispensável pelos camponeses, que logo cedo antes de irem para o roçado tomam uma “cuiada” de guaraná ralado (bastão) com língua de pirarucu ou com uma pequena pedra (rocha), e depois do almoço eles repetem a “dose” para voltar ao trabalho com disposição.

Figura 17: Colheita do guaraná na região do Urupadi.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Essa etapa exige um trabalho cuidadoso por parte dos camponeses, pois a partir do momento que os cachos de guaraná ficam maduros eles logo se desprendem das arvores, por isso, é preciso colhê-los o mais rápido possível, porém, a questão é que os cachos amadurecem de forma desigual, então, se torna um trabalho minucioso, trabalhoso, que envolve colher frutos de uma área ou arvore e passados três dias ou mais retornar para o mesmo local de colheita. O material de coleta geralmente é um alicate acompanhado de um pano, e em alguns casos, quando o cacho de guaraná ainda está apenas parcialmente maduro, é preciso usar as próprias mãos. Nesse trabalho é preciso alguns cuidados, principalmente com certos perigos, como uma cobra “venenosa”, uma aranha ou escorpião, que em alguns casos se encontram na copa das arvores ou próximo às raízes, principalmente se não tiver havido uma boa limpeza em torno do guaranazeiro.

Toda colheita vai direto para o barracão de atividades camponesas, onde é feito o próximo passo, que é descascação, num primeiro momento é preciso tirar os frutos do cacho, nesse caso, o trabalho deve ser manual, e posteriormente é preciso fazer com que a casca do fruto também seja retirada, já nesse caso, geralmente usa-se uma máquina moedora, que amolece a casca do fruto, ou ainda em outros casos, pisa-se nos frutos com os pés até sair a casca, algumas famílias ainda usam essa forma tradicional, fazendo com que o fruto saia pronto para a próxima etapa: a lavagem.

Na descascação (figuras 18 e 19), como em todas as outras etapas do processo de beneficiamento do guaraná, os trabalhos são realizados em equipe, no caso da descascação manual os trabalhadores sentam no chão ou num banco e executam o trabalho, que sempre é feito em meio a conversas descontraídas. Em alguns casos as crianças acompanham nessa tarefa, ajudando os pais da forma como podem, principalmente nas atividades onde se exige um trabalho mais leve, como é o caso da descascação manual, e assim desde cedo vão aprendendo a trabalhar com o guaraná, algo essencial, pois a socialização do camponês é um elemento chave da reprodução camponesa (TAVARES DOS SANTOS, 1985).

Figura 18: Descascação manual dos cachos de guaraná.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Figura 19: Descascação na máquina moedora.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Depois que o guaraná passa pelo processo de descascação o próximo passo é a lavagem, um trabalho demorado dependendo da quantidade de guaraná a ser lavado. Nesse processo se usa um tanque com água e um paneiro ou a beira do rio e o paneiro (figuras 20 e 21). Nessa etapa como em outras, a mulher camponesa

é fundamental, e ela não pode ser vista apenas como ajudante do seu marido, mas sim como protagonista, pois ajuda em todas as etapas, desde o cultivo inicial, a colheita, descascação, lavação, torração, e em alguns casos até na comercialização. A mulher na produção é uma personagem de destaque, pois além do trabalho no cultivo do guaraná, ela cuida da casa familiar, dos filhos, do alimento dos diaristas, ajuda a organizar as compras das mercadorias necessárias a satisfação da família, enfim, a mulher camponesa se desdobra em múltiplas atividades e funções, por isso, é protagonista na produção camponesa.

Quando eu me entendi já foi meu pai trabalhando com o guaraná, então quando ele ia pro roçado eu acompanhava ele, apanhando e depois pisando o guaraná que foi colhido né, pra depois a gente carregar pra beira pra lavar, ajudava ele a lavar, antes era assim. Então, desde esse tempo aí eu já sabia como era esse trabalho; depois que eu casei, ele me deu um pedaço de terreno e meio quadro pra gente trabalhar, pra mim com o Manel, e eu continuei nesse trabalho até hoje (G.M.S, 46 anos, camponesa. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Figura 20: Lavagem manual do guaraná no tanque d'água.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Figura 21: Lavação manual do guaraná na beira do rio.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Por fim, a última etapa da produção é a torração do guaraná (figura 22), trabalho feito por homens e mulheres, onde se utiliza um forno de ferro ou de barro para a torragem, um trabalho que exige bastante esforço físico, pois uma fornada de guaraná demora no mínimo seis horas para ficar no ponto ideal. Nesse processo o saber camponês também é fundamental, pois é preciso ter alguns cuidados nessa etapa, como por exemplo, manter o fogo do forno bem fraco, e saber mexer o guaraná da forma correta, aplicando um pouco de água inicialmente, para que seja cozido, e depois é preciso manusear a fornada até que o guaraná fique no ponto certo. Em alguns casos a fornada se inicia de madrugada, por volta das 03h da madrugada, e em outros, quando se inicia pela tarde prossegue até a noite, em alguns casos, até 21h. Essa é sem dúvida uma etapa que exige bastante trabalho dos camponeses, mas isso faz parte da vida deles, e eles se orgulham de preparar o melhor guaraná do mundo. É importante dizer que o forno que se torra o guaraná é o mesmo que se faz a farinha de mandioca ao longo do ano.

Figura 22: Torração do guaraná.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Após a torração o guaraná é ensacado (figura 22) para a comercialização, que será efetuada na cidade de Maués, geralmente para atravessadores/comerciantes que trabalham para a AmBev. A comercialização da produção geralmente é feita de uma só vez, pois os camponeses vão torrando guaraná e acumulando até o final da produção, para então efetuar a comercialização. No escoamento da produção, dependendo da quantidade da mercadoria (guaraná), os camponeses usam como meio de transporte para ir à cidade o motor rabeta (pequena produção) ou barcos (média ou grande produção). Nesses dois meios de transporte, os camponeses do Urupadi gastam cerca de 4 horas a 04h20min de viagem do Polo do Urupadi até a cidade de Maués.

Figura 23: Estoque da produção camponesa.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Os camponeses do Urupadi exercem uma forte relação com a terra por meio do cultivo do guaraná e de outras culturas. Assim, exercem uma territorialidade marcante nas terras de cultivos, pois sabem trabalha-la, conhecem as culturas, o calendário agrícola, os tempos da natureza e a forma de se produzir melhor. São camponeses que ainda guardam conhecimentos acumulados a gerações, pois apesar do cultivo do guaraná clonado ter imposto a eles um novo conhecimento, não foi necessário que se desfizessem totalmente dos seus saberes, sobretudo na parte de beneficiamento, apenas tiveram que se adaptar à nova racionalidade, porém, mantendo muitas de suas características e conhecimentos tradicionais.

CAPÍTULO 03: A REDE COMERCIAL DO GUARANÁ E AS CARACTERÍSTICAS DA MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO PELO CAPITAL NO MUNICÍPIO DE MAUÉS-AM

3.1 O papel da Embrapa no processo de tecnificação da produção do guaraná no município de Maués-AM

Para entender como se dá atualmente as características da monopolização do território pelo capital por meio da produção do guaraná em Maués, é preciso levar em consideração a atuação dos diferentes sujeitos sociais e instituições envolvidas nas etapas de cultivo e comercialização do guaraná. Assim, cabe destacar o papel da Embrapa (Estado) e da AmBev (Capital), pois estas duas instituições são fundamentais no entendimento das características atuais da monopolização do território pelo capital, principalmente por conta da difusão do guaraná clonado, que se apresenta como uma nova racionalidade produtiva; e assim, essas instituições por meio de um conjunto de ações participam diretamente de todas as etapas que envolvem a produção camponesa do guaraná, do cultivo a comercialização.

Assim, não dá para analisar a produção do guaraná, em especial do guaraná clonado no município de Maués sem levar em consideração o papel da Embrapa, pois esta empresa vem desde a década de 70 trabalhando na produção de clones de guaraná, tendo papel de destaque na difusão da nova racionalidade produtiva do guaraná em Maués.

A utilização de clones possuidores de altos níveis de resistência estável e previsível constituiu-se na estratégia de controle mais viável do ponto de vista socioeconômico e ambiental. Neste sentido a Embrapa Amazônia Ocidental, através do seu programa de melhoramento genético do guaranazeiro, tem caracterizado os clones quanto ao nível de resistência, estabilidade e previsibilidade de resistência, frequência de infecção e também adaptabilidade dos clones a serem recomendados para o uso pelos produtores (SOUZA, 2010, p. 10).

O objetivo principal da Embrapa é trabalhar a resistência do guaraná, principalmente contra doenças como a Antracnose (causada pelo fungo *colletotrichum guaranicola*), além de tornar a espécie mais rentável para o mercado, pois como citado anteriormente, os clones de guaraná tendem a produzir muito mais rápido que o nativo e a gerar até 1,5 quilos de frutos por árvore, enquanto que o

nativo geralmente não produz nem a metade disso. Por isso, um dos técnicos da empresa frisou que o trabalho da Embrapa tem contribuído para a economia do município de Maués, e que apesar da importância de se manter o cultivo do guaraná nativo na região, o clonado é essencial para o comércio e conseqüentemente para assegurar uma melhor renda para os camponeses de Maués.

A Embrapa tem sua sede e campo experimental próximo da sede municipal, cerca de 3 km, e além do trabalho de pesquisa com o guaraná clonado, a mesma ainda fornece os conhecimentos técnicos acerca do cultivo dessa variedade. Os técnicos da Embrapa ensinam como fazer as covas para o plantio, que materiais utilizar na adubação, o espaçamento entre as mudas, como fazer a poda, tratamentos contra doenças, etc. em alguns casos os técnicos da empresa visitam as propriedades camponesas para prestar assistência técnica, em casos mais comuns, a Embrapa organiza mutirões em parceria com a AmBev e o IDAM em determinadas comunidades, onde são convidados os camponeses das determinadas regiões para terem acesso aos ensinamentos técnicos de cultivo do guaraná clonado e de outras culturas.

Na sede da Embrapa em Maués existe uma variedade de pesquisadores especializados em determinados ramos de conhecimento, como por exemplo: em solo, planta, insetos, etc. e durante o ano a sede em Maués ainda recebe visitas de outros especialistas provindos de outros estados do País, todos empenhados em pesquisas com o guaraná. Sem dúvida, a Embrapa tem contribuído significativamente para a tecnificação da produção do guaraná, e ajudando a constituir um novo momento na agricultura do município de Maués.

No campo experimental da Embrapa são cultivadas 18 variedades de clones em 08 parcelas demonstrativas, com 35 plantas para cada parcela, incluindo uma variedade de 03 espécies de clones por parcela. O destaque maior é para as espécies do tipo: Mundurucânia, BRS Luzea, Cereçaporanga, Cultivar BRS e BRS-Maués (figuras 24 e 25), este último produzido em parceria com a Ambev, e que é atualmente o mais distribuído para os camponeses.

Figura 24: Embrapa-Maués.



Fonte: Nascimento, D. G., trabalho de campo, agosto de 2015.

Figura 25: Campo experimental da Embrapa-Maués.



Fonte: Nascimento, D. G., trabalho de campo, agosto de 2015.

Um fato importante é relação estabelecida entre a Embrapa e a AmBev, essas duas empresas firmaram um convenio de ajuda mútua, onde a Embrapa por

meio de suas pesquisas com o guaraná clonado auxilia a fazenda Santa Helena da AmBev e vice-versa. Ou seja, as variedades dos clones de guaraná estudadas e certificadas pela Embrapa passam a serem produzidas na Fazenda Santa Helena ou em outros casos as duas Empresas estudam e produzem juntas novas variedades do guaraná clonado, como foi o caso do tipo BRS-Maués.

Sem dúvida, compreender o papel da Embrapa é essencial para entender as características atuais da monopolização do território pelo capital, visto que a nova racionalidade produtiva do guaraná clonado atende também aos interesses do mercado capitalista, em especial, da AmBev, que compra praticamente toda a produção do guaraná de Maués. Assim, o trabalho da Embrapa com o guaraná se torna fundamental para os interesses capitalistas, pois beneficia os comerciantes, a indústria e os bancos.

3.2 A atuação da AmBev no comércio do guaraná em Maués-AM

Tão importante quanto a Embrapa, e essencial em nossas análises no entendimento das características da monopolização do território pelo capital em Maués, é o papel da Empresa de bebidas AmBev, que compra o guaraná de Maués desde o início do século XX, e está instalada no município desde 1964, comprando diretamente mais de 80% de toda produção do guaraná da região, não somente de Maués, mas de outros municípios do Amazonas, como Urucará, Parintins, Apuí, Boa Vista do Ramos, etc. além de uma parcela do Estado da Bahia⁸.

Antes de tudo, cabe destacar que expansão capitalista no campo do ponto de vista da monopolização do território pelo capital se caracteriza pela permanência de relações não tipicamente capitalistas no campo, ou seja, o capital não precisa expropriar os camponeses ou transforma-los em trabalhadores assalariados, apenas necessita se apropriar da renda da terra, ou seja, da produção camponesa. Em sua obra “os camponeses e a política” Martins (1995, p. 175) aponta que:

[...] estamos diante da sujeição da renda ao capital. Esse é o processo que se observa claramente em nosso País, tanto em relação a grande propriedade, quanto em relação a propriedade familiar do tipo camponês [...]

⁸ Por questões de políticas internas da empresa, a mesma não informa a respeito da quantidade de guaraná comprado em cada Estado. Somente afirma que o estado do Amazonas é quem ainda fornece a maior parte das matérias primas. A AmBev também destaca que o guaraná do Amazonas tem maior qualidade, por isso, o preço é maior, supera três vezes o preço dado no guaraná da Bahia.

o capital não se torna proprietário da terra, mas cria as condições para extrair o excedente econômico, ou seja, especificamente renda onde aparentemente não existe.

O capital sujeita a produção camponesa aos seus interesses, e, nesse sentido, o camponês deve ser entendido como parte integrante do sistema capitalista. Ou seja, o entendimento da permanência de relações não tipicamente capitalistas no campo se deve ao próprio caráter contraditório do desenvolvimento capitalista, que ao se expandir no campo expande também suas contradições que lhe são inerentes, nesse caso, extraindo apenas a renda da terra (OLIVEIRA, 2007).

A expansão do capitalismo no campo se dá primeiro e fundamentalmente pela sujeição da renda da territorial ao capital. Comprando a terra, para explorar ou vender, ou subordinando a produção do tipo camponês, o capital mostra-se fundamentalmente interessado na sujeição da renda da terra, que é condição para que ele possa sujeitar também o trabalho que se dá nela (MARTINS, 1995, p. 177).

Assim, no processo de monopolização do território pelo capital estamos diante da sujeição da renda da terra por meio da apropriação da produção camponesa pelo capital. Paulino (2012) destaca as características do processo de monopolização do território pelo capital no estado do Paraná por meio da atividade camponesa na avicultura, sericultura, entre outras atividades, destacando a forma como as empresas atuam na extração da renda da terra; em um primeiro momento estabelecendo uma relação chamada de integração, na qual as empresas estabelecem relações diretas com os camponeses, lhes financiando uma parte da produção em termos de materiais (despesas) e acompanhamento técnico, e num segundo momento, exigindo produção imediata, mercadoria de acordo com os padrões da empresa, e ainda controlando os preços da produção camponesa.

No caso de Maués, há uma relação muito semelhante com o estudado por Paulino (2012) no Paraná, sobretudo, por conta da relação recente que a empresa AmBev vem tentando estabelecer com os camponeses cultivadores de guaraná por meio do projeto de integração PEGAR (Programa de Excelência do Guaraná), na qual a empresa atua diretamente com o produtor, lhe financiando o material necessário para o cultivo do guaraná (mudas de guaraná, roçadeira, gasolina, adubo, gasolina, etc.) e acompanhamento técnico. Por outro lado, o camponês deve fornecer pelo menos 80% de sua produção, além de pagar os gastos de produção para a empresa segundo um dos camponeses entrevistados, que alegou esse

motivo para não participar do PEGAR. Talvez por esse motivo, essa forma de integração tem encontrado resistência no município de Maués, pois a AmBev ressaltou que trabalha em “parceria” com apenas ainda cerca de 40 produtores de guaraná. De qualquer forma, essas relações fazem parte de uma nova forma encontrada pelos capitalistas para obter maiores vantagens na extração da renda da terra.

O que está em jogo são as estratégias por meio dos quais os capitalistas se apropriam da riqueza gerada unicamente pelo trabalho, acredita-se ser necessário partir para a distinção entre as relações tipicamente capitalistas, nas quais a equação salarial garante a sua apropriação, das formas não tipicamente capitalistas, em que não é o trabalho, mas o produto que o contém, que irá compor a taxa de lucro dos capitalistas (PAULINO, 2012, p. 000).

Diante do exposto, fica evidente que na extração da renda da terra por meio da produção do guaraná em Maués há um conjunto de agentes atuando, pois não se pode negar que nesse processo todos ganham vantagens, desde o atravessador a AmBev e os bancos.

[...] há outras esferas em que a renda camponesa é apropriada, como na intermediação do capital comercial, na ação do capital financeiro, no mecanismo de preços estabelecidos pelas indústrias de insumos e máquinas, enfim, são diversas as situações em que essa transferência ocorre (PAULINO, 2012, p. 122).

Em entrevista um dos funcionários da AmBev relatou que o município de Maués até a década de 80 supria as necessidades de matéria prima da Empresa, inclusive, havia mais disponibilidade de matéria prima do que a demanda da então empresa de guaraná Antártica. Essa situação fez o preço do guaraná baixar, fazendo decair a produção, como já ressaltado, com a fusão da Antártica com a Brahma que resultou na atual AmBev a demanda por matéria prima aumentou drasticamente, pois a AmBev se tornou mundial e uma das maiores Empresas de bebidas do mundo. Nessa situação, o município de Maués passou a não suprir mais as necessidades da empresa, que se viu obrigada a comprar guaraná de outros municípios do estado do Amazonas e do estado da Bahia.

Com o declínio acentuado na produtividade do guaraná em Maués desde a década de 90 a AmBev decidiu investir na produção de clones da espécie juntamente com a Embrapa, em parceria essas empresas vêm desde o início dos

anos 2000 tentando reerguer a produção do guaraná no município. Até o momento os resultados não foram tão significativos como o esperado, no entanto, a difusão do guaraná clonado tem avançado no município de Maués, uma realidade que agrada a AmBev juntamente com a Embrapa, e os órgãos técnicos de acompanhamento SEPROR e IDAM, pois a difusão dos clones significa maior produtividade, além de ser benéfico para os interesses comerciais da AmBev.

Quando interrogados sobre o porquê da AmBev ainda investir em Maués, os técnicos da empresa enfatizaram que é devido à qualidade do guaraná da região, que supera significativamente o guaraná produzido na Bahia, uma realidade que se deve, sobretudo, ao processo de beneficiamento, pois na Bahia, onde se destaca como grande produtor o município de Taperoá, as técnicas de beneficiamento são outras, o guaraná é exposto à secagem ao sol, o que faz com que perca suas principais propriedades, principalmente a cafeína, que é fundamental para as indústrias de bebidas. No caso de Maués o beneficiamento é diferente, pois se usa o forno para a torragem, e assim, o guaraná de Maués chega a cerca de 6% de cafeína, enquanto o da Bahia chega ao máximo 3%. Desse modo, o guaraná da Bahia não tendo ainda a qualidade necessária exigida pelos padrões da empresa, esta ainda dá prioridade para o guaraná produzido em Maués e no restante do estado do Amazonas.

Nesse contexto, um fato importante é a atual disputa pela valorização do guaraná no mercado nacional e internacional entre o estado da Bahia, que tem como grande produtor o município de Taperoá e o estado do Amazonas, que tem como produtor de destaque o Município de Maués. Apesar do estado da Bahia atualmente deter cerca de 70% de toda produção nacional do guaraná, no preço o guaraná de Maués supera a desvantagem, valendo três vezes mais no mercado do que o da Bahia. Para tentar reverter essa situação os produtores baianos criaram a marca “guaraná da mata atlântica”, uma forma de valorizar seu produto no mercado, que ainda prefere o guaraná da Amazônia, porém, diante dessa situação os amazonenses responderam à altura, exigindo do Ministério da Agricultura o selo de Indicação Geográfica (IG), que atribui reputação, valor intrínseco e identidade própria ao produto. Assim, como destacou no ano de 2015 a reportagem do jornal paulista “Folha de São Paulo” (figura 26), os dois estados travam uma verdadeira guerra pela valorização do seu guaraná.

Figura 26: Reportagem da folha de São Paulo sobre a guerra do guaraná.

mercado

Bahia e Amazônia travam guerra do guaraná, para valorizar produto

LUCAS REIS
DE SÃO PAULO

17/05/2015 @ 02h07

Compartilhar < 3,7 mil OUVIR O TEXTO Mais opções

A Bahia já tem guaraná como ninguém -o fruto é o símbolo da Amazônia, mas é em terras baianas que está a maior produção nacional.

Levada do Amazonas para a Bahia nos anos 1970, a planta se adaptou perfeitamente à região, com produções mais rentáveis por hectare, por causa do solo mais fértil e da temperatura amena à noite.

Mas, embora o sul da Bahia produza três vezes mais guaraná que toda a região Norte, no preço, a Amazônia inverte a vantagem.

PUBLICIDADE

FAÇA AGORA UMA SIMULAÇÃO ONLINE SEM COMPROMISSO

Fonte: Jornal Folha de São Paulo online. Data: 17.05.2015.

A AmBev apesar do investimento que faz no guaraná clonado, também compra o guaraná nativo dos camponeses de Maués, ditando os preços e forma como quer o produto, nesse caso, em grãos e torrado (rama). Atualmente, como enfatizado anteriormente, a empresa vem tentando estabelecer uma relação de integração com os produtores por meio do projeto denominado “PEGAR” (Programa de Excelência do Guaraná), tal como fizeram as empresas avícolas do Paraná estudadas por Paulino (2012), no entanto, por ser um projeto recente, e ainda por haver certa resistência quanto às imposições técnicas do guaraná clonado, a empresa ainda não teve o resultado esperado.

A AmBev conta com uma fábrica de extrato do guaraná (1964) localizada na sede municipal, onde se retira o extrato (xarope) do guaraná, que posteriormente é enviado para Manaus, onde se processa a próxima etapa do beneficiamento, para finalmente ser encaminhado para as filiais da empresa espalhadas pelo País para a fabricação das bebidas, onde se destaca o refrigerante da marca guaraná Antártica, Baré e Sukita. Além da fábrica de extratos, a AmBev conta com a fazenda Santa Helena (1971), um importante laboratório de estudo sobre a cultura do guaraná, onde é produzido cerca de 100 mil mudas de guaraná clonado, tanto para o

consumo interno da empresa como para distribuir para os camponeses (figuras 27 e 28).

Figura 27: Fazenda Santa Helena.



Fonte: Nogueira, R. J. B., trabalho de campo, 2013.

Figura 28: Viveiro de guaraná na Fazenda Santa Helena.

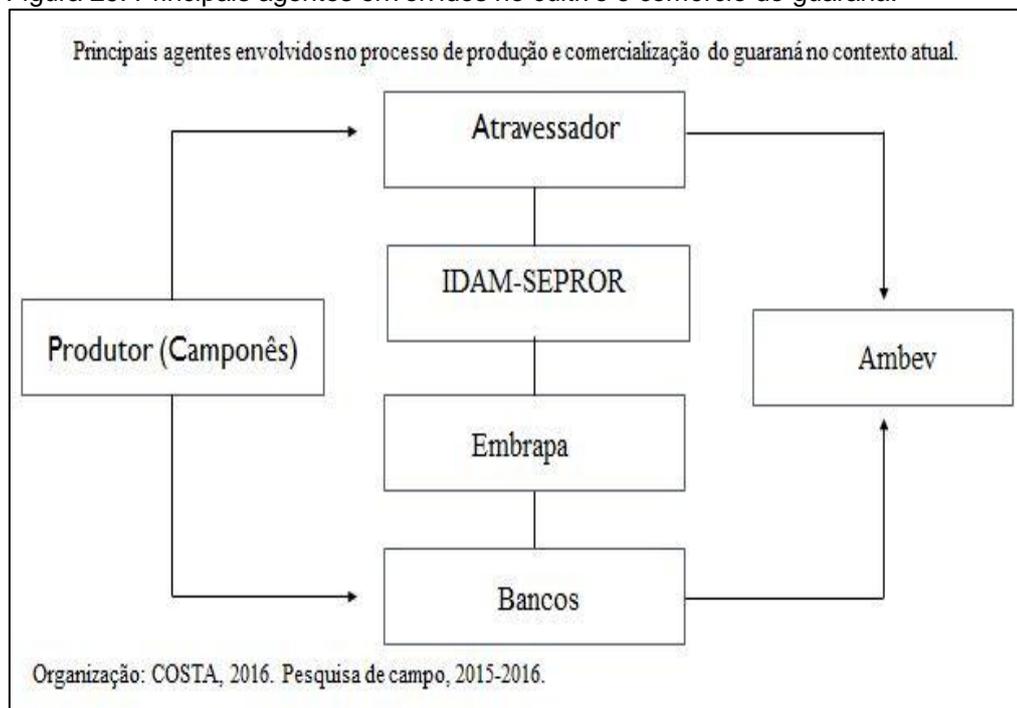


Fonte: Nogueira, R. J. B., trabalho de campo, 2013.

Nesse contexto, nasceu a Fazenda Santa Helena, um grande viveiro de mudas e um laboratório de estudos sobre a cultura do guaraná. Em parceria com a Embrapa, os agrônomos têm pesquisado as melhores técnicas para o plantio comercial: espaçamento, tamanho da cova, adubação, seleção das espécies mais produtivas e resistentes a pragas. Os conhecimentos adquiridos são compartilhados com os produtores locais, o que alterou a forma de parte dos agricultores executarem o plantio do guaraná. Algumas plantações espalhadas deram lugar ao cultivo planejado, com utilização de mudas distribuídas pela prefeitura, em parceria com AmBev e Embrapa (ALMEIDA, 2007, p.49).

A AmBev utiliza um sistema de comercialização do guaraná por meio de atravessadores, segundo fontes da Empresa, na sede municipal de Maués existem 06 pessoas responsáveis pela comercialização do guaraná, nesse caso, a Empresa financia esses atravessadores, algo que será mais bem descrito posteriormente. Assim, atualmente na rede comercial do guaraná existem inúmeros agentes atuando (figura 29), desde sujeitos sociais a instituições públicas e privadas, uma necessidade da era atual, marcada pela dinâmica e fluidez do capital na era do território em rede (HAESBAERT, 2004).

Figura 29: Principais agentes envolvidos no cultivo e comércio do guaraná.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalhos de campo, 2015 e 2016.

Diante do exposto, fica evidente que para entender as características atuais da monopolização do território pelo capital no município de Maués é preciso levar em consideração o importante papel desempenhado pela Embrapa (Estado) e AmBev (Capital), pois essas empresas ditam a tecnificação da produção, os padrões de qualidade, os preços, e induzem os camponeses a acompanhar os ritmos da inovação industrial e tecnológica. Nessa situação o capital com a ajuda do Estado busca novas estratégias para adquirir maiores vantagens na extração da renda camponesa da terra.

3.3 A comercialização do guaraná e a reprodução camponesa: entre a subordinação e a autonomia

Cerca de 80% de toda produção do guaraná de Maués é apropriada pela AmBev de acordo com fontes do IDAM. Essa empresa adquire a matéria prima por meio de atravessadores, que recebem recursos financeiros para comercializar o guaraná em rama junto aos camponeses, em alguns casos, a mesma fornece inclusive apoio material, que passa pelo atravessador antes de chegar ao produtor, como por exemplo: mudas de guaraná e adubo, cabendo ao produtor posteriormente sanar suas dívidas com a venda da sua produção.

Alguns desses atravessadores financiados pela AmBev já trabalham há décadas neste ramo, nesse caso, já trabalhavam para a antiga empresa Paulista Antártica, e continuaram nesse comercio com a AmBev. Geralmente são comerciantes, que além de trabalharem para a AmBev, também comercializam o guaraná na forma em pó e bastão, e tem sua própria plantação de guaraná na área rural do município de Maués. O papel desses sujeitos sociais é importante para entender a rede comercial do guaraná, visto que além de estarem na comercialização do produto, eles ainda estabelecem uma relação de confiança com os camponeses, inclusive, em alguns casos lhes financiando parte da produção.

Já faz uns 40 anos que eu compro guaraná, faz tempo, compro dos produtor daqui do polo 01 e de toda região, [...] eu produzo guaraná e compro também né, a gente vende em bastão, pó, de ótima qualidade, e também tem né o negócio diretamente com a AmBev, que eu sempre vendo pra eles, e maioria do que eu compro é exclusivo pra eles, que auxiliam a gente na parte da compra, e outra que ela arruma as muda pra plantação, eles tem o viveiro lá, e a gente as vezes arruma pro produtor, e assim dá um incentivo né, assim eu faço com meus produtor de confiança, tem o

maranhão, maior produtor de Maués, que eu financio ele o ano todo, forneço a despesa, adubo, a despesa de mantimento do pessoal dele, até na colheita né, e eu sempre compro o guaraná dele todo ano (A.J.F, 65 anos, atravessador. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Como se observa, o atravessador tem papel de destaque no comércio do guaraná, pois ao mesmo tempo em que é financiado pela AmBev, ele também financia a produção camponesa, sobretudo, nas despesas de cultivo e beneficiamento do guaraná. Nesse caso, estabelece-se uma relação de confiança entre esses sujeitos sociais, pois os camponeses só comercializam sua produção para comerciantes/atravessadores de sua confiança, e esses atravessadores do mesmo modo, apenas financiam “produtores de confiança”. O depoimento em destaque demonstra que o atravessador financia o maior produtor de guaraná de Maués, o camponês pioneiro no cultivo do guaraná clonado da região do Urupadi, que em entrevista também relatou receber esse apoio do atravessador, porém, destacando que mediante a comercialização de sua produção todas as dívidas são sanadas.

Hoje eu comercializo com o comerciante Toninho Quixadá, antes era com a empresa, mas tivemos desentendimentos, aí cortamos a relação [...] meu guaraná vai pra empresa, mas passa pelo Toninho Quixadá, que eu trabalho com ele, mas eu vendo um pouquinho pra outros por ali também, algum atravessador, mas pouca coisa, 50, 100 quilo, coisa pouca, a maior parte é pra ele né, e ele compra pra AmBev, então de qualquer forma vai pra lá [...] ele é meu fornecedor de mercadoria, de tudo, na hora da venda eu pago o que devo e o que sobra é meu, mas o bom que ele paga na hora (M.M.S, 60 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Fica evidente que existe uma forte relação de confiança entre o camponês e o comerciante, que geralmente há anos já se conhecem e mantem esse vínculo de “parceria”. O atravessador financia as despesas da produção, principalmente em materiais, como o adubo, gasolina, alimento dos diaristas, entre outras coisas, cabendo ao camponês posteriormente arcar com os custos da despesa. Porém, todas essas relações estão contornadas por um fetiche, haja vista, que, os camponeses aumentam sua dependência, apesar de acharem que estão sendo “ajudados” pelo atravessador e a Empresa. Paulino (2012) constatou uma realidade semelhante na atividade da avicultura no Estado do Paraná.

Como se pode observar, há uma série de insumos que são de responsabilidade direta do integrado, como é o caso da água, energia, gás, e a cama de frango. No caso das aves, a alimentação e a medicação necessárias representam um custo oculto, aparentemente sob responsabilidade da integradora, já que cabe a ela fornecê-las. Evidentemente, trata-se de um fetiche, pois a integradora, na realidade, os vende aos avicultores, em uma operação de adiantamento, cobrando pelos mesmos no momento de entrega das aves (PAULINO, 2012, p. 148).

É importante também destacar que cabe aos cultivadores de guaraná arcar com os custos da tecnificação da produção, uma exigência cada vez maior da AmBev, Embrapa e demais órgãos de acompanhamento técnico. Assim, insumos como adubo e mudas de guaraná clonado são de responsabilidade do produtor, um custo alto, que, como dito antes, obriga os camponeses a recorrerem constantemente aos financiamentos junto aos Bancos, pois a palavra de ordem é a tecnificação da produção.

Para as empresas, a palavra de ordem é a tecnificação dos produtores, item que na visão unânime dos técnicos é o gargalo na avicultura. Do ponto de vista da seleção genética das aves, do composto alimentar e da infraestrutura dos aviários, houve, na última década, enorme incorporação de tecnologia, com vistas ao aumento da produtividade (PAULINO, 2012, p. 144).

A realidade constatada por Paulino (2012) no que se refere à tecnificação da produção camponesa da atividade avícola no estado do Paraná, onde as empresas avícolas impuseram a renovação tecnológica como forma de produtividade, é a mesma realidade constatada no município de Maués, onde a difusão da nova racionalidade produtiva do guaraná clonado induz os camponeses a se adaptarem a uma nova lógica de produção, haja vista, que, a lógica de mercado requer quantidade, qualidade e produção imediata. Soma-se a isso ainda, a necessidade do capital manter os preços sempre abaixo do valor real das mercadorias.

O preço ofertado pelos atravessadores no guaraná nos últimos anos tem ficado em torno de 21 a 22 reais o quilo do guaraná. Segundo um dos atravessadores entrevistados, eles ganham uma porcentagem quando repassam a mercadoria para a AmBev, em torno de 01 real no quilo de guaraná, ou seja, se compram a 22 reais o quilo, revendem a 23 reais para a empresa. No entanto, essa informação não condiz com o que dizem os camponeses a respeito desse assunto como se verá adiante.

Eu sempre compro numa base de 30 a 60 toneladas por ano [...] esse ano eu comecei a comprar a 22 reais o quilo, agora num quer dizer que vai ficar 22 até o fim, por que eles vão passar aqui comigo pra dizer o quanto eles vão chegar no preço e por quanto eu posso comprar, por que através do que eles me oriento aqui eu também tenho que tomar uma decisão né (A.J.F, 65 anos, atravessador. Trabalho de campo, novembro de 2016).

É importante se observar a atuação da AmBev, mesmo que indiretamente, pois ela orienta seus atravessadores na forma como devem conduzir a comercialização, desde os preços ao fomento da produção camponesa. Os atravessadores compram guaraná de qualquer produtor, não importando a quantidade (figuras 30 e 31), mas sim a qualidade, pois se não tiver nos padrões da empresa, certamente não haverá negociação, por isso, a necessidade dos atravessadores obterem “produtores de confiança”. É importante também destacar que nem todos os camponeses estabelecem relações de integração junto aos atravessadores, geralmente apenas os produtores de destaque na produção do guaraná.

Figura 30: Estoque de guaraná em rama comercializado pelos atravessadores.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Figura 31: Comercialização do guaraná em rama em pequenas quantidades.



Fonte: COSTA, L. F. B. Trabalho de campo, novembro de 2016.

Os camponeses, subordinados ao capital, reconhecem de certa forma sua dependência e até mesmo sua exploração pelas forças do capital comercial e industrial, as chamadas forças externas como observou Shanin (1980). Compreendem que essas forças externas se apropriam do valor do fruto do seu trabalho.

A primeira que eu vou ti falar é o seguinte, é que **ela dá o ganho pro atravessador**, isso ai eu falo sem medo nenhum, esse lado eu num perdoou, o ganho que eles dão, pois o cara que tá lá na beira comprando de 21, ai vão vender na Empresa a 23, se o cara comprar 05 toneladas vezes 03, o cara que tá lá na beira, com o pé enxuto, andando de bota, comprando 05 toneladas a 03 reais é o cara que tá ganhando dinheiro, então esse dinheiro que eles tão dando pro atravessador, se eles num quisesse que entrasse no escritório como de primeiro, eles abriam um galpão lá na beira pra comprar, 02 ou 03 funcionário dava pra compra lá na beira, e esse dinheiro, esse aumento de 02 reais o quilo era pro produto, pra ele comprar o adubo, a gasolina pra limpa o guaraná dele, uma roçadeira, pagar uns diarista pra ajuda ele, então ia servi demais, ela tinha que ver isso, bastava isso ai, já era, era uma melhora pra gente (M.M.S, 60 anos, camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Na nossa opinião aqui, eu e de outros produtor, **eles sai ganhando na nossa costa**, entendeu, por exemplo, o que a gente sabe é que a AmBev compra deles a 24, 25 reais o quilo, ai eles vão lá e dão pra gente 21, 22 reais no quilo, então o cara vai lá e produz duas toneladas e o outro ganha 02,03 reais na costa do cara, isso é errado, por que a empresa devia comprar diretamente do produtor. E, outra coisa, na minha opinião a empresa tem condições de pegar um barco grande de fazer a coleta do produto, acho que seria bom pro produtor, vinha no porto, comprava, ajudava diretamente o produtor, e assim ia ajudar melhor o município (A.G.S, 43 anos, camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

Nitidamente os cultivadores de guaraná reconhecem sua subordinação e de certa forma sua exploração pelas forças do capital, tanto por parte dos atravessadores como por parte da empresa. A relação com o capital nem sempre é harmoniosa, na verdade costuma ser conflituosa, principalmente por conta da consciência por parte dos camponeses de que eles são vítimas de um sistema injusto. E assim, ao mesmo tempo em que se estabelecem relações de “parceria” com os atravessadores e a AmBev, também ocorrem os conflitos, as desconfianças, enfim, a contradição é sem dúvida marcante na relação dos camponeses com o capital.

Outra questão que tem incomodado os camponeses é a estagnação no preço do guaraná, que há anos não tem reajuste, e essa condição força os camponeses a um aumento constante da sua produção, já que os preços em diárias e alimentos em geral aumentam continuamente.

Não tô satisfeito, esse ano faz oito anos que a gente tá vendendo do mesmo preço, eu acho assim; num tá um preço ruim, mas só que também num tá um preço justo né, por que veja bem; o açúcar, gasolina, tudo aumenta, de todo mês, né? A diária, então o que acontece é que se você tem um produto sempre do mesmo preço você se enfraquece, lá fora o guaraná vale muito e tem muita gente ganhando dinheiro aí, gente que não faz o que a gente faz [...] pra mim o preço justo hoje seria uns 30 reais o quilo. Ai nessa situação o que a gente faz; a gente tem que produzir muito, por que se você pensar ah já tenho uns 04 ha, mas se tu não se esforçar pra fazer mais, ai você num vai crescer, vai continuar naquele patamar, ai aumenta diária, o consumo, a limpeza, e ai? (A.G.S, 43 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016).

É importante observar a forma como o capital, que controla os preços, ao mantê-los estagnados, acaba por impor aos camponeses uma produção crescente, já que para manter os custos de produção e as necessidades básicas da unidade familiar, não há outra saída senão aumentar a produção constantemente, algo que

gera novamente a insatisfação dos camponeses. Por isso, além de aumentarem suas plantações de guaraná, eles recorrem a outras formas de renda, principalmente diversificando a produção, investindo em outras culturas, uma condição essencial para não caírem nas armadilhas do mercado.

Sem dúvida, a imposição do capital força os camponeses a uma nova organização da unidade de produção familiar, pois cabe a eles se adequarem as exigências externas, algo necessário para sua reprodução. Nesse quesito, os camponeses da Amazônia são exemplos de adaptação, no qual se pode usar como exemplo no médio rio Amazonas a cultura da juta, que por muito tempo foi o principal produto da atividade camponesa nessa região, e, que, a partir do seu declínio, foi necessária uma nova adaptação por parte desses sujeitos sociais, que passaram a investir numa combinação de atividades, que inclui a atividade pecuária, pesqueira e a diversidade na atividade agrícola, algo que lhes assegurou com sucesso a reprodução social e econômica.

Por isso, essa subordinação ao capital, que inclui as relações de integração junto aos atravessadores, a aceitação do guaraná clonado, os empréstimos bancários, etc. não devem ser entendidos como o fim da autonomia camponesa, muito menos o seu próprio fim, ao contrário, trata-se de uma estratégia de reprodução, de adequação as circunstâncias impostas, o que, inclusive, mostra o sucesso da adaptação camponesa as exigências externas, rompendo assim com a visão de atraso que se tem sobre esses sujeitos sociais, já que historicamente vieram sempre se adaptando a modernidade sem deixar de ser camponeses, principalmente no caso da Amazônia como defende Harris (2006, p. 81).

Propomos o argumento de que os caboclos são modernos em sua renovação constante do passado no presente; uma estratégia que provou ser um sucesso reprodutivo e que foi decisiva para a adaptação dos camponeses as condições econômicas e políticas da Amazônia. As características essenciais dos camponeses que vivem as margens dos rios (ribeirinhos, caboclos) são sua flexibilidade e resiliência, aspectos que requerem uma explicação histórica.

Conforme esse autor os camponeses pelas suas próprias renovações diante das imposições das mudanças políticas e econômicas já seriam “modernos” por excelência, visto que se adequam e se reproduzem diante das condições as quais são expostos, renovando suas práticas em alguns momentos, e ao mesmo tempo mantendo outras antigas. E assim são entendidos aqui os camponeses cultivadores

de guaraná de Maués, pois ao mesmo tempo em que se adequam as mudanças impostas, também resistem e mantem velhas práticas sociais, culturais e econômicas; uma forma inteligente de se manterem enquanto sujeitos sociais alicerçados entre o novo e o velho, que se unem na caminhada para construir o futuro.

Historicamente os camponeses, sobretudo, os camponeses amazônicos foram capazes de se adequar aos inúmeros eventos históricos que requereram adaptação por parte desses sujeitos sociais, e isso merece atenção especial, haja vista, que, ao contrário daquilo que muitos acreditavam; o avanço capitalista no campo não foi capaz de eliminar esses sujeitos sociais. Na verdade, costuma-se ocorrer o oposto, no qual esses camponeses rapidamente assimilam as exigências externas, adotando novas práticas econômicas, e assim reproduzindo-se dentro da lógica contraditória do capital.

Apesar de todas as adversidades, os camponeses do Urupadi em especial, ainda se orgulham de sua autonomia, que inclui principalmente o fato de não serem trabalhadores assalariados, “rapaz eu nunca quis trabalhar assalariado, nunca gostei de ser mandado por ninguém, sempre fui assim, eu acho que pra gente crescer mesmo tem que trabalhar no que é da gente” (M.M.S, 60 anos, Camponês. Trabalho de campo, novembro de 2016). Essa condição é essencial para entender o modo de vida dos camponeses, que ainda detêm a propriedade da terra e a não rigidez no horário de trabalho, uma realidade bem diferente daqueles que detêm apenas sua força de trabalho para sobreviver.

Para Paulino (2012), o campesinato tem uma marca histórica, pois procura na terra muito mais do que uma renda, mas a concretização de um modo de vida pautado na autonomia do trabalho por meio de uma reprodução social baseada nos laços familiares e comunitários, o que lhe permite se colocar no mundo de forma completamente diferente daqueles que vivenciam a alienação do trabalho.

Os camponeses cultivadores de guaraná são sujeitos que se orgulham do trabalho que realizam e da vida que levam, pois o guaraná é sinônimo de prosperidade, e muitos utilizam essa renda para comprar bens de consumo que melhoram sua qualidade de vida, como por exemplo; um motor rabeta, um barco, uma voadeira, uma geladeira, um frizer, e em alguns casos uma casa na cidade de Maués. Como se observa, a renda do guaraná é principalmente para comprar coisas de valor segundo os próprios camponeses, coisas que melhoram e muito suas vidas,

pois apesar da renda do guaraná ser anual, os camponeses entrevistados relataram obter uma renda total de 10 até 60 mil reais por ano, dinheiro esse usado essencialmente para satisfazer as necessidades da família camponesa.

Portanto, os cultivadores de guaraná guardam consigo a marca da autonomia, do novo e do velho, pois esses camponeses que se adaptam cada vez mais a nova racionalidade do guaraná clonado, também são os mesmos que ainda mantem muito de suas práticas tradicionais, seja no trabalho agrícola, como na combinação de atividades, que inclui a pesca, caça, criação de galináceos, ou ainda na religião, onde o catolicismo ainda predomina, nos laços comunitários, onde participam de encontros e reuniões das suas respectivas comunidades. Enfim, por tudo isso, os camponeses são sujeitos que “mudam e não mudam,”, aceitam a mudança, mas sempre conservando antigos saberes, uma condição essencial para compreendê-los no interior do desenvolvimento capitalista no campo Amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que uma atividade econômica, a produção comercial do guaraná no município de Maués está pautada num modo de vida e numa razão de ser, que carrega história e cultura. Nesse sentido, essa pesquisa buscou compreender as características do processo de monopolização do território pelo capital no município de Maués por meio da produção comercial do guaraná, pautando as análises em três pontos principais: 1-processo histórico da comercialização do guaraná, 2-uso da terra no cultivo do guaraná e 3-a rede comercial do guaraná.

A abordagem teórica tendo como base o processo de monopolização do território pelo capital nos permitiu compreender que sempre haverá lugar para relações não capitalistas dentro do campo, pois a expansão do capital nesse espaço é contraditória, ou seja, nem sempre os capitalistas precisam expropriar ou assalariar o pequeno produtor, em muitos casos, é mais vantajoso se apropriar da produção camponesa, principalmente se for atividades de risco, que dependem de clima e de outras questões como é a atividade do guaraná, bem como foi o caso da juta no médio rio Amazonas. Sabe-se que os capitalistas não gostam de incertezas e riscos na produção, afinal, o lucro não pode ser comprometido, por isso, nessa lógica é mais viável controlar os preços e a comercialização, e deixar a incerteza da produção na responsabilidade de outros. Portanto, é essa lógica capitalista que permite haver espaço para a produção camponesa, e é essa condição que permite aos cultivadores de guaraná de Maués permanecerem nessa atividade socioeconômica.

Verificou-se que o cultivo e a comercialização do guaraná é registrada desde o século XVII na região que atualmente compreende o município de Maués. Sendo este primeiro momento marcado por uma verdadeira territorialidade indígena, pois foram os Sateré Mawé os inventores da cultura do guaraná e os primeiros a comercializá-lo na forma industrializada com os europeus no contexto da exploração das drogas do sertão, e posteriormente com os bolivianos e cuiabanos durante os séculos XVIII e XIX. Assim, a atividade do guaraná no município de Maués é uma herança indígena, que posteriormente foi sendo incorporada por aqueles que foram fruto da miscigenação forçada dos colonos portugueses com as mulheres indígenas, ou seja, pelos camponeses cultivadores de guaraná.

Por meio das pesquisas bibliográficas constatou-se que o comércio do guaraná se intensificou a partir do surgimento das indústrias de bebidas à base de guaraná, sobretudo, a partir do início do século XX, onde tem destaque para as empresas Paulista Antártica e a Fábrica Andrade de Manaus, que nesse período iniciaram o processo de comercialização do guaraná junto aos camponeses de Maués. A demanda crescente por matéria prima nessa época foi tão significativa, que a então empresa Paulista Antártica instalou sua fábrica de extratos do guaraná em Maués em 1964, a partir daí comprando o guaraná diretamente dos camponeses, e ainda fazendo o processo de beneficiamento da matéria prima. Esse marco acaba mudando bastante a vida em Maués, principalmente por impulsionar a produção do guaraná e o comércio, o que gerou um novo arranjo social e espacial na cidade e no município como um todo.

Até a década de 80 a produção do guaraná no Município de Maués manteve-se em destaque, com cerca de mais de mil toneladas produzidas por ano, atendendo consideravelmente as necessidades da antiga empresa Paulista Antártica. Nessa época o município de Maués ainda era disparado o maior produtor de guaraná do Brasil, produzindo tanto pra empresa Antártica, como para diferentes lugares do Brasil por meio da exportação do guaraná em bastão e em pó. Porém, a partir da década de 90, começa a imperar uma forte decadência na produtividade do guaraná em Maués, principalmente pela queda no preço do produto e devido a doenças devastadoras como a antracnose, fazendo com que muitos cultivadores de guaraná abandonassem tal atividade, resultando com que Maués e o Amazonas perdessem o posto de maior produtor nacional de guaraná para o estado da Bahia.

A partir do final da década de 90, sobretudo, no início dos anos 2000, a partir da consolidação da AmBev, essa empresa juntamente com a Embrapa para tentar alavancar novamente a produção do guaraná em Maués passarão a difundir o guaraná clonado. Essa nova racionalidade produtiva passou a representar o progresso na produção, porém, para os cultivadores de guaraná ter acesso a essas novas mudas produtivas e resistentes às doenças, tiveram que recorrer aos financiamentos juntos aos bancos, aumentando assim sua dependência. Dessa forma, a difusão do guaraná clonado marca um novo período na história do guaraná em Maués, o que resultará em aceitação e resistência por parte dos camponeses.

Na região do Urupadi a nova racionalidade produtiva do guaraná clonado encontrou significativa aceitação. Por meio do acompanhamento aos cultivadores de

guaraná, foi possível constatar que estes sujeitos sociais estabelecem uma forte territorialidade com a terra, principalmente por meio do cultivo do guaraná e de outras culturas agrícolas, como por exemplo, a mandioca, banana, abacaxi, entre outras. Esses camponeses diversificam sua produção, uma forma de aumentar sua renda, e uma estratégia que lhes permite não cair nas armadilhas do mercado. Observou-se também em campo que os camponeses da região do Urupadi detêm um conhecimento acumulado a gerações sobre o cultivo e o beneficiamento do guaraná, pois eles conhecem a terra, os tempos da cultura e os tempos da natureza, algo que lhes assegura a reprodução social e econômica.

Na região do Urupadi, diferentemente de outras áreas rurais do município de Maués, constatamos que houve uma forte difusão do guaraná clonado, que se expandiu a partir de 2005, e que vem crescendo continuamente, principalmente por que nessa região os camponeses aceitam as orientações técnicas da Embrapa, IDAM e SEPROR. Essa aceitação do guaraná clonado se deve também ao sucesso inicial de alguns cultivadores, como por exemplo, do camponês pioneiro no cultivo do guaraná clonado, que posteriormente se tornou exemplo para outros camponeses da região do Urupadi. Assim, diante das doenças que atingem com facilidade o guaranazeiro nativo e sua baixa produtividade, o guaraná clonado se torna fundamental para os interesses dos camponeses, pois significa maior produtividade e resistência às doenças, o que evita os prejuízos do passado, e ao mesmo tempo permiti uma melhor renda. Por outro lado, acreditamos que a dependência aos bancos para se ter acesso aos clones poderia ser evitada, cabendo ao poder público municipal e estadual encontrar uma saída para essa situação.

Entretanto, cabe também destacar que é preciso haver compreensão e respeito com aqueles que optam pelo cultivo do guaraná nativo, haja vista, que, se trata de uma atividade cultural, enraizada no povo de Maués. Algo que precisa ser levado em consideração, pois nem todos precisam se adequar as exigências da inovação tecnológica. Afinal, se houver uma diversidade na produção agrícola, e se a produção do guaraná nativo garantir ao produtor o suficiente para ele se manter nessa atividade, logo, não haverá motivos para que o mesmo abandone o seu cultivo, principalmente porque as indústrias do guaraná em bastão dão prioridade para o guaraná nativo, e isso, é um estímulo para sua permanência.

No que tange a comercialização do guaraná, constatou-se que a AmBev utiliza um sistema de compra por meio de atravessadores, que moram na cidade de Maués, sendo geralmente comerciantes. Esses atravessadores recebem financiamento em dinheiro da AmBev para comercializar o guaraná junto aos camponeses, além disso, em muitos casos esses sujeitos estabelecem relações de integração junto aos cultivadores de guaraná, lhes financiando os custos de sua produção, como por exemplo, nos gastos em adubos, limpezas do guaranazal, alimentos dos diaristas, materiais de limpeza como roçadeira, gasolina, etc. cabendo aos camponeses posteriormente sanar suas dívidas com a renda advinda do guaraná. Essa é mais uma forma de dependência dos camponeses perante as forças do capital, porém, é uma forma encontrada pelos cultivadores de guaraná para arcarem com os custos de produção do guaraná ao longo do ano.

Pode-se afirmar que, quanto aos níveis da subordinação camponesa ao capital, atualmente os cultivadores de guaraná encontram-se bastante dependentes, seja por conta do guaraná clonado conseguido por meio de financiamento junto aos Bancos, como pela relação de integração aos atravessadores, e ainda ao monopólio da AmBev, que dita os preços, a qualidade, e por fim, os níveis da monopolização do território. Por outro lado, esses camponeses têm acompanhado as exigências externas as unidades de produção, aceitando as normas e ao mesmo tempo a elas resistindo, porém, historicamente eles têm encontrado formas de se manter na atividade do guaraná, que representa mais do que uma atividade econômica, mas um modo de vida historicamente construído.

Atualmente a Empresa de bebidas AmBev vem tentando estabelecer uma nova relação com os cultivadores de guaraná, uma relação mais direta por meio do projeto chamado PEGAR (Programa de Excelência do Guaraná). Por ser um Projeto ainda recente ainda não obteve o resultado esperado, apesar do empenho da AmBev para concretizar essa nova relação de integração, e se caso, a empresa obtiver sucesso futuramente nesse objetivo, caberá um novo trabalho científico tendo como foco o processo de monopolização do território pelo capital no Município de Maués-AM, afinal, vivemos em tempos rápidos, onde tudo muda constantemente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Juliana. **Memória dos brasileiros: saberes e fazeres: o guaraná de Maués**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2007.
- ALMEIDA, R. A. **(Re)criação do campesinato, identidade e distinção: a luta pela terra e o *habitus* de classe**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BECKER, Berta. **A Urbe Amazônida: a floresta e a cidade**. 1º ed. Rio de Janeiro, Garamond, 2013.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 3. ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida**. São Paulo. Duas cidades; ed. 34, 2001.
- CARNEIRO, A. P. **Memórias da cidade de Maués**. Maués: ed./ Sec, 2013.
- CARVALHO, Horácio Martins de. **Chayanov e o campesinato (org)**. – 1. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Bueno Aires: Nueva Visión, 1974.
- CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CRUZ, M. J. M. **A territorialização camponesa na várzea da Amazônia (tese de doutorado)**. Universidade de São Paulo, 2007.
- FARACO, Raphael. **Maués – terra, gente e memórias**. Manaus: editora Valer, 2006.
- FIGUEROA, A. L.G. **Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 11, n. 1, p. 55-85, jan.-abr., 2016.
- FREITAS, L. F. N. Filhos do Waraná: territorialização dos Sateré Mawé na região metropolitana de Manaus-RMM. P. 13-42. In: FÁRIA, Ivani Ferreira de. **Gestão do conhecimento e território indígena: por uma Geografia participante**. Manaus: Reggo edições, 2015.
- GARCIA Jr., **Terra de trabalho**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1983.
- GONÇALVES, C. W.P. **Amazônia, Amazônias**. 3º ed. São Paulo, contexto, 2010.
- HAERBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi- territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARRIS, Mark. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. P. 81-108. In: ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. Orgs. **Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

HOMMA, A. K. O. **Extrativismo vegetal na Amazônia: história, ecologia, economia e domesticação**. Embrapa: Brasília-DF, 2014.

LORENZ, S. S. **Sateré Mawé: os filhos do guaraná**. São Paulo: Centro de trabalho indigenista, 1992.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**. Petrópolis. 5ª ed, Vozes, 1995.

_____. **O cativo da terra**. São Paulo: editora Hucitec, 1986.

MONTEIRO, M. Y. **Antropogeografia**. Cadernos da Amazônia: conselho nacional de pesquisa. Manaus, 1965.

NASCIMENTO, D. G. **Entre a terra e a água: modo de vida camponês no médio rio Amazonas, Parintins-AM**. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal do Amazonas, 2016.

OLIVEIRA, A. U. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

_____. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. Org. **Novos caminhos da geografia**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo, editora Contexto, 1996.

OLIVEIRA, A. E. Ocupação Humana. In: SALATI, Enéas et al. (orgs.). **Amazônia: desenvolvimento, ecologia**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1983. p. 144-327.

PAULINO, E. T. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: 2ª ed. editora da UNESP, 2012.

PAIVA, O. M. O. **A história de Maués: um caminho através do tempo, da sua fundação aos nossos dias**. Maués:ed/ sec, 2010.

PEREIRA, Nunes. **Os índios Maués**. 2º ed. Manaus: editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

PEREIRA, J.C.R; ARRUDA, M.R. **Pesquisa com guaranazeiro na Embrapa Amazônia Ocidental: status atual e perspectivas**. Manaus, Embrapa Ocidental, 2007.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, J. V.T. **Colonos do Vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: 2ª ed. Editora Hucitec, 1984.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Milton Santos & Maria Laura Silveira. 11º ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SACK, Robert. **Human Territoriality**. Its theory and history. Cambridge University Press, (1986).

SHANIN, Teodor. **A definição de camponês**: conceituações e desconceituações: o velho e novo em uma discussão marxista. IN: Estudos CEBRAP, n. 26, Editora Vozes, 1980.

_____. **Naturaleza y lógica de la economía campesina**. Barcelona: Anagrama, s/d.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O paiz do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2004.

SOUZA, W. M. **Fertilidade do solo e estado nutricional do guaranazeiro (*Paullinia cupana var. sorbilis* (Mart.) Ducke) cultivado em sistema orgânico**. (dissertação de Mestrado), Universidade Federal do Amazonas, 2010.

UGGÊ, Henrique. **As bonitas histórias dos Sateré-Mawé**. Imprensa oficial do Estado do Amazonas, Manaus, 1991.

VASCONCELOS, A. S. **Cadeia produtiva do guaraná do Amazonas**. 80 p. (monografia de conclusão de graduação em ciências econômicas pela Universidade Federal do Amazonas). Manaus, UFAM, 2004.

WITKOSKI, A.C. **Terras, florestas e águas de trabalho**: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.